



Conferência Nacional de Comunicação. Uma conquista e os seus desafios

Pedrinho Guareschi

A Conferência como verdadeira democracia participativa

Bruno Lima Rocha

“É fundamental rever o conceito de comunicação”

José Sóter

Monopólio da comunicação: ameaça ao exercício da democracia

E mais:

>> Dossiê:

Mártires de El Salvador - 20 anos

Conferência Nacional de Comunicação

Hoje, há vinte anos, um brutal assassinato, perpetrado pelos militares de El Salvador, matou seis professores jesuítas da Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas (UCA), em San Salvador, juntamente com duas mulheres que trabalhavam na residência universitária.

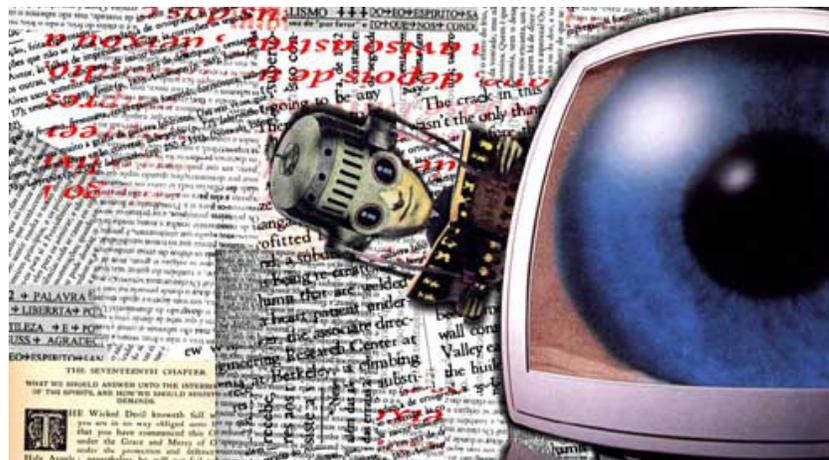
Em várias partes do mundo o fato está sendo celebrado. Para recordar o martírio e a luta destes militantes que lutaram pela liberdade e pela justiça social, a IHU On-Line desta semana preparou um dossiê sobre o tema.

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU também exibirá o debate *Memory and its Strength: The martyrs of El Salvador* (A memória e sua força: Os mártires de El Salvador), que irá ocorrer no Boston College, nos EUA, no próximo dia 30 de novembro. Mediados pelo jesuíta e reitor emérito do Boston College, J. Donald Monan, Noam Chomsky e o jesuíta, teólogo Jon Sobrino irão discutir a importância dessa memória. A exibição no IHU ocorre em 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos, em um evento que marca a inauguração da sala Ignacio Ellacuría e companheiros, onde ocorrem habitualmente os eventos do IHU.

Por sua vez, de 14 a 17 de dezembro de 2009 acontece, em Brasília, a 1ª Conferência Nacional de Comunicação - Confecom. **Pedrinho Guareschi**, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, **Bruno Lima Rocha**, professor da Unisinos, **Gerson Almeida**, secretário nacional de articulação social da Presidência da República, **José Sóter**, coordenador executivo da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária - Abraço Nacional e secretário geral do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação - FNDC, e **Roseli Goffman**, representante do Conselho Federal de Psicologia (CFP) na Coordenação Executiva do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação - FNDC, discutem a importância e os desafios deste evento, cuja realização é uma dura conquista dos movimentos e organizações populares que lutam pela democratização da comunicação em nosso País.

Completa esta edição uma entrevista com o filósofo português **João Vila-Chã**.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 07 | **Pedrinho Guareschi**: “A Conferência será uma verdadeira democracia participativa”

PÁGINA 12 | **Bruno Lima Rocha**: “É fundamental rever o conceito de comunicação”

PÁGINA 16 | **José Sóter**: “O monopólio da comunicação é uma ameaça ao exercício pleno da democracia no Brasil”

PÁGINA 18 | **Gerson Almeida**: O processo de conferência nacional como um grande organizador de pautas

PÁGINA 20 | **Roseli Goffman**: “Precisamos incluir os excluídos e trabalhar pelos direitos coletivos à comunicação”

B. Destaques da semana

» Dossiê Mártires de El Salvador - 20 anos

PÁGINA 29 | **Héctor Samour**: El Salvador. 20 anos depois do assassinato dos seis jesuítas

PÁGINA 32 | **Rodolfo Cardenal**: Em defesa da liberdade e da justiça

PÁGINA 38 | **Francisco de Aquino Júnior**: Teologia da Libertação ellacuriana: realização histórica da salvação

PÁGINA 43 | **Sol Yañez**: Ignacio Martín-Baró e a psicologia da libertação

» Entrevista da Semana

PÁGINA 44 | **João Vila-Chã**: Fundamentalismo ateu deslocou debate para dinâmica política

» Coluna Cepos

PÁGINA 50 | **Maíra Bittencourt**: A era da convergência digital: Melhores condições para financiamentos ou avanços na qualidade das informações perpassadas

» Destaques On-Line

PÁGINA 52 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos »

» Perfil

PÁGINA 56 | **Christoph Theobald**

» IHU Repórter

PÁGINA 57 | **Laércio Pilz**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

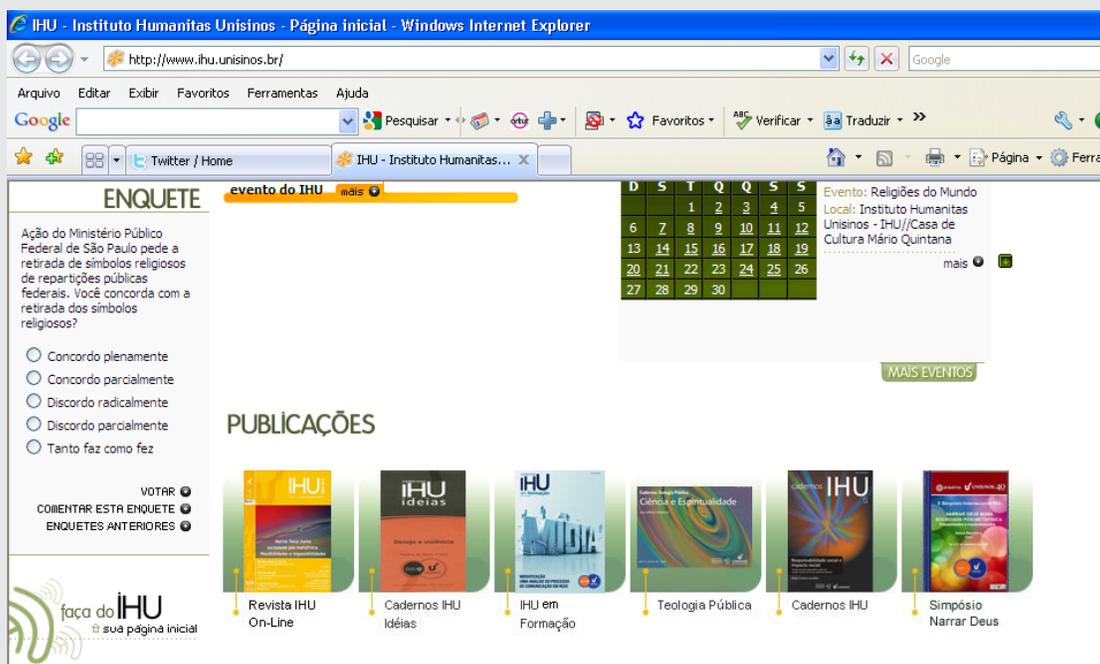
IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

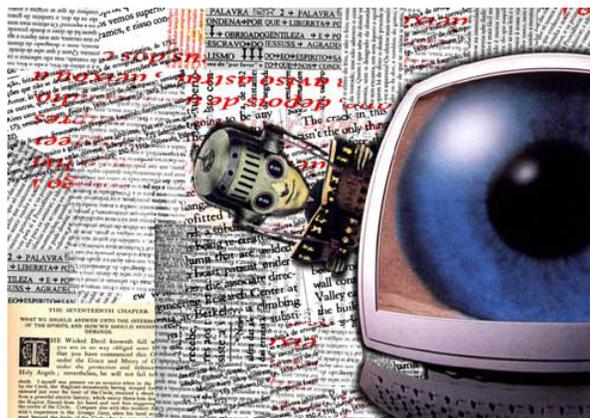
Livro digital do Simpósio Narrar Deus é lançado



Livro digital do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa Sociedade Pós-Metafísica. Possibilidades e impossibilidades com os textos das oficinas, minicursos e comunicações do evento está disponível no sítio do IHU.

Acesse www.ihu.unisinos.br e faça o *download* do livro digital do Simpósio Narrar Deus.

I Conferência Nacional de Comunicação



I Conferência Nacional de Comunicação - Confecom terá como tema *Comunicação: meios para a construção de direitos e de cidadania na era digital*. Foi instituída por Decreto Presidencial de abril de 2009. Será presidida pelo Ministério das Comunicações, com a colaboração direta da Secretaria Geral da Presidência da República e da Secretaria de Comunicação Social. A Comissão Organizadora também é composta por outros órgãos do poder público e instituições da sociedade civil.

A Conferência Nacional de Comunicação - Confecom é um instrumento de contribuição que tem como objetivo geral a elaboração de propostas orientadoras para a formulação da Política Nacional de Comunicação, através do debate amplo, democrático e plural com a sociedade brasileira, garantindo a participação social em todas as suas etapas.

Estão dentre as propostas a criação de Rádios e TVs Públicas e Comunitárias, a regulamentação das leis dos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, cinema e telefonia móvel), assim como o envolvimento da sociedade civil nas discussões e a viabilização de equipamentos públicos para a difusão cultural (cineclubes, telecentros, pontos de cultura, bibliotecas, etc.).

A 1ª Conferência Nacional de Comunicação se desenvolverá em três eixos-temáticos: “Produção de Conteúdo”, “Meios de Distribuição” e “Cidadania: direitos e deveres”. É uma oportunidade esperada entre representantes da sociedade, das empresas e do poder público para encaminhar propostas para o avanço da cidadania na era digital.

A 1ª Confecom acontece de 14 a 17 de dezembro de 2009 no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília - DF.

Mais informações podem ser obtidas diretamente na página virtual da Confecom: <http://www.confecom.com.br/>

“A Conferência será uma verdadeira democracia participativa”

Para Pedrinho Guareschi, numa organização social democrática, livre e participativa, é a sociedade quem avança

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Em entrevista concedida, por e-mail, para a IHU On-Line, o professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Pedrinho Guareschi, defende que “a tarefa fundamental da mídia é ser a nova ágora, a praça pública virtual onde são discutidos os grandes problemas da nação”. Ele pergunta: “alguém duvida que a Confecom não seja algo extremamente importante no que se refere à comunicação no Brasil?”. E argumenta: “essa Conferência demorou mais de 10 anos para ser instalada, e, depois de convocada, correu sérios riscos de não acontecer. Por que será que há tanto medo de uma Conferência sobre Comunicação? Concluo: só esse fato, no meu entender, mostra a importância de uma conferência nacional para poder discutir temas assim e impedir que aconteçam outros fenômenos semelhantes, tão ou mais importantes que esse da democracia na mídia”. Pedrinho Guareschi acredita que o que motiva a realização da Confecom “é que se institua no Brasil uma verdadeira comunicação: livre, participativa, democrática, igualitária, solidária. Um verdadeiro serviço público, pois a comunicação é um ‘bem’ muito diferente de qualquer ‘mercadoria’: ela constrói a realidade, imprime valores, estabelece a pauta de discussão nacional e influi, poderosamente, na construção de nossa subjetividade. Se me perguntassem o que de mais importante está acontecendo, diria: Conseguiu-se uma vitória já, pelo simples fato de a Confecom ter sido convocada e estar sendo preparada e discutida. Só isso já representa um grande passo”.

Pedrinho Arcides Guareschi possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição, graduação em Teologia pelo Instituto Redentorista de Estudos Superiores de São Paulo, graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo, mestrado em Psicologia Social pela Marquette University Milwaukee, doutorado em Psicologia Social pela University Of Wisconsin At Madison, pós-doutorado no departamento de Ciências Sociais na Universidade de Wisconsin e pós-doutorado no departamento de Ciências Sociais na Universidade de Cambridge. Atualmente, é professor convidado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: mídia, ideologia, representações sociais, ética, comunicação e educação. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os principais pontos que devem ser discutidos na Confecom?

Pedrinho Guareschi - Arriscaria até dizer que não há pontos principais, mas que todos os pontos são importantes, pois nada foi discutido até agora sobre que tipo de comunicação necessitamos e gostaríamos de ter. E exatamente por causa disso, eu diria que, na verdade, poderíamos dizer que há um ponto central: que se legitime, se decida, isto é, se passe a discutir comunicação nesse país. O maior problema, do meu ponto de vista, é que não há interesse em se discutir essa

questão. E isso vai ficando claro pela discussão que segue, pois veremos as enormes contradições que vivemos nesse campo e a recusa, por parte de determinados atores, em se discutir essa questão. Aprofundando mais esse ponto: vemos que em torno de 80% da Constituição de 1988 já foi regulamentada. Todos sabem que não adianta haver belos princípios na Constituição se eles não estão regulamentados. Agora, do Capítulo 5, que trata da Comunicação Social,¹ NADA foi regulamentado ainda. E por que isso? Exatamente

1 Leia ao final desta entrevista o Capítulo 5 da Constituição Federal a que se refere o entrevistado. (Nota da IHU On-Line)

porque não há interesse em se regulamentar essa matéria. Na verdade, houve uma mudança nesse capítulo e para pior, parece-nos. Modificou-se a Constituição para dar possibilidade a estrangeiros terem participação nos meios. Foi uma modificação feita pela Emenda Constitucional número 36, de 28 de maio de 2005.

IHU On-Line - Como o senhor analisa a postura dos empresários?

Pedrinho Guareschi - Desde os primeiros momentos em que se pensou numa conferência nacional de comunicação, os empresários já começaram

a se colocar contra. Principalmente ignorando o assunto e fazendo de conta que esse problema não existia. No ano passado, por exemplo, já havia até verba destinada para a conferência, e bem mais do que nesse ano. Mas não foi possível sua realização. Nesse ano, os movimentos populares, durante o Fórum Social Mundial de Belém, pressionaram e forçaram o Presidente Lula a prometer que a Conferência se realizaria. Mas, desde então, começaram a colocar empecilhos. Por parte do governo, a verba foi muito reduzida, chegando a se falar em apenas dois milhões contra os oito que tinham sido destinados. Mas a pressão elevou essa verba novamente a oito milhões. As coisas chegaram a tal ponto que, repentinamente, ao se discutir a preparação da Conferência, os empresários decidiram não participar. Foi um balde de água fria. Mas alguns continuaram, e, com isso, pode-se continuar a conversar. Mas, para quem vê a situação da comunicação no Brasil e pensa um pouco, fica evidente a estratégia de boicote da conferência por parte dos empresários. O próprio texto da Constituição traz determinadas orientações que, por si só, já mostram que a atual situação da mídia no Brasil não pode continuar do jeito que está. O texto fala, por exemplo, que não pode haver nem monopólio nem oligopólio na mídia. Ora, um mínimo de investigação sobre os detentores das concessões vai mostrar enormes concentrações nas mãos de poucas famílias. Mas como não existe uma regulamentação específica, a questão vai sendo levada, empurrada à frente.

IHU On-Line - Não ter um foco, um eixo temático, não é um problema para a Confecom?

Pedrinho Guareschi - Na verdade, a Confecom tem um foco e um eixo, e houve muita discussão sobre esse ponto. O tema-eixo ficou expresso no título: “Comunicação: meios para a construção de direitos e de cidadania, na era digital”. No início, não havia a parte final, “na era digital”. Ela foi colocada porque, desde o início, houve uma forte pressão dos empresários de que a discussão deveria ser apenas

sobre questões referentes às novas tecnologias na era digital, e especificamente a questão das “teles”. O que se pretendia era evitar a discussão de questões que tinham a ver com cidadania e com uma comunicação democrática. O tema se concentrou, então, nessas duas temáticas, para agradar a todos. Mas penso que o fato de não ter um eixo específico não irá prejudicar em nada. Quem tem experiência de participação em conferências, sabe que ninguém segura as discussões apenas próximas a um tema ou um eixo. Os participantes extrapolam as questões e, muitas vezes, o que se torna preponderante numa conferência é o que é gerado durante o processo. Diria que a grande vitória dessa conferência

**“Mas, para quem
vê a situação da
comunicação no Brasil
e pensa um pouco, fica
evidente a estratégia de
boicote da conferência
por parte dos
empresários”**

já foi alcançada: o fato de se poder fazer uma conferência, de se discutir o processo em nível nacional e de se ter iniciado uma caminhada.

IHU On-Line - Qual a importância das conferências estaduais prévias à Confecom?

Pedrinho Guareschi - É extremamente interessante e importante analisar o que aconteceu, e está acontecendo, nessa etapa preparatória à Confecom em muitos estados e também em Porto Alegre. Vejam só: apesar do atraso imposto por algumas partes que deveriam participar necessariamente da conferência (refiro-me especificamente aos empresários que dificultaram ao máximo o início do processo), foram rea-

lizadas inúmeras atividades anteriores que foram como que surgindo espontaneamente, brotando como cogumelos. Assistimos, só para falar do Rio Grande do Sul, a inúmeras conferências municipais que foram organizadas e, até certo ponto, forçadas e pressionadas pelos movimentos da sociedade civil. Além disso, montaram-se conferências “intermediárias”, como as conferências “metropolitanas”, com grande participação, como foi o caso de Canoas. Mas não só isso: realizaram-se também “Conferências Livres”, com a participação de inúmeros segmentos: partidos políticos, movimentos, associações etc., onde os participantes natos (empresários, movimentos sociais e estado) eram sempre convidados e, muitas vezes, participaram. E se não bastassem essas novas “intermediações”, diversas universidades também montaram suas “conferências”, com a participação de alunos e professores. E, com isso, chegou-se à Conferência Estadual, que também revelou facetas interessantes: vai ser realizada em todos os estados, mas nem sempre quem as convocou foram os governadores. Em alguns estados, como no Rio Grande do Sul e em São Paulo, os governadores se recusaram a convocá-la e com isso ela foi, então, chamada pelas Assembleias Legislativas.

IHU On-Line - O que essas iniciativas demonstram?

Pedrinho Guareschi - Está acontecendo um fenômeno que, por si só, já diz muito do que se está esperando e da urgência de uma conferência nacional. Esse fenômeno se constitui num fator extremamente significativo e muito sério, que, no meu entender, está entre as razões mais importantes da necessidade de uma Conferência Nacional: trata-se de algo que eu denominaria de “círculo de ferro”. Explico. Não é segredo para ninguém que olha para as forças atuantes em nossa sociedade que os meios de comunicação (TV, rádio, jornal) possuem um enorme poder de criar, construir, a realidade social. Ao ponto de se poder afirmar, sociologicamente falando, que uma realidade existe, hoje, ou deixa de existir, se é, ou

não, veiculada. Preste atenção à conversa de duas pessoas do povo. Uma diz: “Interessante! Acabou a greve!” E a outra retruca: “Por quê?”. Resposta da primeira: “Não há mais nada no jornal, na TV. As rádios não dizem mais nada”. Conclusão: para a grande parte da população, hoje, uma coisa existe, ou deixa de existir, no tecido social, se é ou não veiculada. Se isso é muito provável e justificável, não deixa de ser verdade também o contraponto disso: se algo não é veiculado, não existe, para a grande maioria da população. Agora o ponto que quero ressaltar. Responda você mesmo, leitor: já viu algo na TV, nos grandes telejornais, em entrevistas, comentários, ou nas rádios, ou nos grandes jornais sobre algo como a primeira Conferência Nacional de Comunicação? Você está lendo nesta revista do IHU. Mas e a grande maioria da população está sabendo disso? Por que insisto que esse dado é fundamental e sério? Exatamente porque essa é uma questão que deve ser discutida pela Confecom. Não se pode aceitar que grandes projetos, grandes discussões nacionais sejam simplesmente boicotadas e suprimidas da agenda de discussão, e, com isso, deixem de existir, sociologicamente falando, e não tenham visibilidade nenhuma. Nos dias de hoje, o público e o privado tomaram novos sentidos: público não é mais o que acontece em praça pública, fora de casa, e privado o que acontecia entre quatro paredes. Hoje, público é o visível, o que está na mídia. E privado é o que não está na mídia. Conclusão: a Confecom é, por enquanto, um acontecimento privado, do domínio de alguns apenas. É a isso que chamaria de “círculo de ferro”: no momento em que a mídia não quer que algo seja público, passe a ser discutido por toda a população, isso passa a não existir. Mas acontece que a tarefa fundamental da mídia é ser a nova ágora, a praça pública virtual onde são discutidos os grandes problemas da nação. Ou alguém duvida que a Confecom não seja algo extremamente importante, no que se refere à comunicação no Brasil? Essa Conferência demorou mais de 10 anos

“Se uma das conclusões da Confecom for de que é urgente ‘regulamentar’ o capítulo 5 da Constituição, já teremos andado um bom bocado”

para ser instalada, e, depois de convocada, correu sérios riscos de não acontecer. Por que será que há tanto medo de uma Conferência sobre Comunicação? Conclusão: só esse fato, no meu entender, mostra a importância de uma conferência nacional para poder discutir temas assim e impedir que aconteçam outros fenômenos semelhantes, tão ou mais importantes que esse da democracia na mídia.

IHU On-Line - O que deveria fazer parte de um sistema público de comunicação?

Pedrinho Guareschi - Você está falando de “sistema público” e certamente está se referindo à Constituição que diz que deve haver uma complementaridade entre “sistema privado, público e estatal”, como fala o artigo 223. Apesar de estas palavras estarem na Constituição, há muita discussão sobre seu sentido. Interessante saber que, na Argentina, há poucos dias, foi regulamentada esta questão, com um terço para cada setor. Acho que poderia ser assim também aqui. Mas tentando responder a sua pergunta, arriscaria apresentar um tema que não vi ainda nas discussões que estão sendo feitas, nem através da Internet. O que seria esse “público”, e por que um “sistema público”? Como vimos, a tarefa de toda comunicação (pública, privada e estatal) deveria ser discutir os principais problemas da nação, trazer à luz os grandes impasses nacionais. Pois aqui estaria, sugiro, a importância de um “sistema público”, que, especificamente, trate desses problemas. Um sistema que fosse constituído pelas forças vivas da sociedade, como as univer-

sidades, igrejas, movimentos populares, organizações sociais, cooperativas etc. E iria mais adiante: por que não pensar em algo que se poderia chamar de “grupo pensante”, “comunidade interpretativa”, “câmara comunicativa”, constituída de representantes dessa sociedade, cuja tarefa seria montar uma “agenda mínima” com os principais problemas nacionais que a mídia deveria discutir? E penso que nem só o sistema público, mas os outros também, pois, a tarefa da mídia é estabelecer esse debate nacional. Como está hoje é uma aberração, pois isso nem está sendo feito, e quando feito, depende da vontade de quem detém uma concessão. Eles são os que, supostamente, vão identificar o que seja importante a nação discutir. À toda mídia caberia levar esses problemas à discussão, fazer a pesquisa, estabelecer o debate igualitário e plural. Mas a identificação dos problemas não pode ser deixada unicamente a alguns. Pois pode acontecer que se os detentores da mídia não quiserem discutir tal assunto (como parece ser o caso da Conferência no momento presente), essa discussão não é abortada e não vem à luz. O que precisa é que exista sistema público.

IHU On-Line - Que mudanças na legislação deveriam ser discutidas?

Pedrinho Guareschi - Como vimos anteriormente, não há ainda “legislação”. Estamos ainda com o que a Constituição escreveu. Mas é preciso instalar o processo. Eu até diria o seguinte: se uma das conclusões da Confecom for de que é urgente “regulamentar” o capítulo 5 da Constituição, já teremos andado um bom bocado.

IHU On-Line - As demandas apresentadas pela comissão organizadora da Confecom² são possíveis de serem

² A Comissão Organizadora da Confecom apresentou as demandas a serem discutidas no evento divididas em três eixos temáticos: “Produção de Conteúdo”, “Meios de Distribuição” e “Cidadania: Direitos e Deveres”. A lista de temas indicados para cada eixo é bastante extensa, o que demonstra a complexidade do debate que terá de ser realizado ao longo do processo da Confecom. No eixo “Produção de Conteúdo”, entraram temas como conteúdo nacional, produção independente, produção

colocadas em prática?

Pedrinho Guareschi - Numa organização social democrática, livre e participativa, é a sociedade quem avança. A conferência será uma verdadeira “democracia participativa”. Aliás, essa é a conclusão da análise feita pelo IPEA, no primeiro dos três volumes coordenados por Márcio Pochmann, sobre Políticas Públicas (“Brasil em Desenvolvimento”)³: as Conferências e os Conselhos são uma nova forma de democracia participativa. Numa democracia participativa, avança-se enquanto é possível, através do estabelecimento de um diálogo verdadeiro entre as partes. E é isso que a Conferência deve e quer ser. Pelo que percebo dos que estão se mobilizando, esse é o pensamento, apesar de os empresários acusarem os movimentos populares de serem hostis. Aliás, essa foi a razão apresentada pelo representante da ABERT,⁴ em Brasília, na reunião

regional, financiamento, propriedade das entidades produtoras de conteúdo e propriedade intelectual. O eixo “Meios de distribuição” servirá de chapéu para temas como rádios e TVs comunitárias; internet; telecomunicações; banda larga; TV por assinatura; cinema; mercado editorial; sistemas público, privado e estatal; multiprogramação; tributação e financiamento. Já o eixo “Cidadania: direitos e deveres” abarca temas que vão da liberdade de expressão à classificação indicativa, passando por educação para a mídia; direito à comunicação; acesso à cultura e à educação; respeito e promoção da diversidade cultural, religiosa, étnico-racial, de gênero, orientação sexual e proteção a segmentos vulneráveis, como crianças e adolescentes. Foram previstos também assuntos transversais, que estarão presentes em todos os três eixos. São eles: aspectos federativos, órgãos reguladores, fiscalização e marco legal e regulatório. A tendência é que os temas sejam discutidos de forma conjunta, em grupos, tanto nas etapas locais quanto na nacional. (Nota da IHU On-Line)

3 *Brasil em Desenvolvimento: Estado, Planejamento e Políticas Públicas* é um livro dividido em três volumes, lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA em setembro deste ano, em meio às comemorações dos 45 anos do IPEA. (Nota da IHU On-Line)

4 Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão - ABERT: tem a missão de defender a liberdade de expressão, em todas as suas formas, bem como defender os interesses das emissoras de radiodifusão, suas prerrogativas como executoras de serviços de interesse público, assim como seus direitos e garantias; enfatizar os princípios adequados à radiodifusão brasileira, notadamente as suas expressões educativa, cultural, cívica, informativa e recreativa; postular a adoção de medidas legais e judiciais de proteção e amparo aos interesses morais e materiais da radiodifusão. Por fim, a

“Numa organização social democrática, livre e participativa, é a sociedade quem avança. A conferência será uma verdadeira ‘democracia participativa’. Aliás, essa é a conclusão da análise feita pelo IPEA, no primeiro dos três volumes coordenados por Márcio Pochmann, sobre Políticas Públicas”

do Conselho Permanente da CNBB,⁵ diante de mais de 30 bispos e várias dezenas de assessores, de os empresários se retirarem. Segundo eles, sua retirada deveu-se ao clima muito hostil percebido entre os movimentos populares. Evidentemente, essa é uma acusação sem nenhum fundamento. O que nos move é que se institua no Brasil uma verdadeira comunicação: livre, participativa, democrática, igualitária, solidária. Um verdadeiro serviço público, pois a comunicação é um “bem” muito diferente de qualquer “mercadoria”: ela constrói a realidade, imprime valores, estabelece a pauta de discussão nacional e influi, poderosamente, na construção de nossa subjetividade. Se me perguntassem o que de mais importante está acontecendo,

Associação tem a missão de representar a radiodifusão e estabelecer intercâmbios junto às entidades congêneres estaduais, nacionais e internacionais em congressos, conferências, convênios, palestras e certames promovidos por entidades governamentais ou não-governamentais. Mais informações em www.abert.org.br (Nota da IHU On-Line)

5 Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB (www.cnbb.org.br). (Nota da IHU On-Line)

tecendo, diria: Conseguiu-se uma vitória já, pelo simples fato de a Confecom ter sido convocada e estar sendo preparada e discutida. Só isso já representa um grande passo.

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Sobre a Conferência Nacional de Comunicação - Confecom, a IHU On-Line realizou outras entrevistas que foram publicadas no sítio do IHU. Confira:

* *A urgência de uma Conferência Nacional da Comunicação*. Entrevista com Claudia Cardoso, publicada em 04-12-2008 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18672

* *A primeira Conferência Nacional de Comunicação. Pela universalização da comunicação*. Entrevista com Carolina Ribeiro, publicada em 03-03-2009 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=20331

* *Conferência Nacional de Comunicação. Conquista e desafios*. Entrevista com Ivana Bentes, publicada em 09-03-2009 e disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=20412

* *Conferência Nacional de Comunicação: um marco histórico para o Brasil*. Entrevista com Valério Brittos, publicada em 15-05-2009 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22264

* *Conferência Nacional de Comunicação. Muitas preocupações*. Entrevista com Venício Lima, publicada em 27-05-2009 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22622

* *Conferência Nacional de Comunicação: a construção de um processo de baixo para cima*. Entrevista com Adilson Cabral Neto, publicada em 14-06-2009 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23061

* *Conferência Nacional de Comunicação: os primeiros desafios*. Entrevista com Jonas Valente, publicada em 24-06-2009 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=23307

* *Conferência Nacional de Comunicação: O eixo temático ainda não foi definido*. Entrevista com Carolina Ribeiro, publicada em 15-09-2009 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=25559

Constituição de 1988

CAPÍTULO V-DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º Nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 3º Compete à lei federal:

I - regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao poder público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;

II - estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defender de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

§ 4º A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterà, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes de seu uso.

§ 5º Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

§ 6º A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade.

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Art. 222. A propriedade de empresa jornalística e de radiodifusão sonora e de sons e imagens é privativa de brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, ou de pessoas jurídicas constituídas sob as leis brasileiras e que tenham sede no País. ("Caput" do artigo com redação dada pela Emenda Constitucional nº 36, de 2002)

§ 1º Em qualquer caso, pelo menos setenta por cento do capital total e do capital votante das empresas jornalísticas e de radiodifusão sonora e de sons e imagens deverá pertencer, direta ou indiretamente, a brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, que exercerão obrigatoriamente a gestão das atividades e estabelecerão o conteúdo da programação. (Parágrafo com redação dada pela Emenda Constitucional nº 36, de 2002)

§ 2º A responsabilidade editorial e as atividades de seleção e direção da programação veiculada são privativas de brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, em qualquer meio de comunicação social. (Parágrafo com redação dada pela Emenda Constitucional nº 36, de 2002)

§ 3º Os meios de comunicação social eletrônica, independentemente da tecnologia utilizada para a prestação do serviço, deverão observar os princípios enunciados no art. 221, na forma de lei específica, que

também garantirá a prioridade de profissionais brasileiros na execução de produções nacionais. (Parágrafo acrescido pela Emenda Constitucional nº 36, de 2002)

§ 4º Lei disciplinará a participação de capital estrangeiro nas empresas de que trata o § 1º. (Parágrafo acrescido pela Emenda Constitucional nº 36, de 2002)

§ 5º As alterações de controle societário das empresas de que trata o § 1º serão comunicadas ao Congresso Nacional. (Parágrafo acrescido pela Emenda Constitucional nº 36, de 2002)

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, §§ 2.º e 4.º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não-renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

Art. 224. Para os efeitos do disposto neste Capítulo, o Congresso Nacional instituirá, como órgão auxiliar, o Conselho de Comunicação Social, na forma da lei.

“É fundamental rever o conceito de comunicação”

Mesmo não sendo uma conferência vinculante, esta é a primeira de provavelmente várias, de modo que os conceitos agora debatidos em planos mais genéricos podem se transformar em leis complementares dos artigos da Comunicação Social na Constituição, acredita Bruno Lima Rocha

POR GRAZIELA WOLFART

O professor da Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos, Bruno Lima Rocha, vê uma importância relativa na Conferência Nacional de Comunicação, “proporcional à capacidade de nossas esquerdas assumirem como sua pauta, de compreenderem o direito à informação, comunicação e cultura”. Ao mesmo tempo, ele vê a “lucidez (tantas vezes ausente) ao compreender que a garantia e a ampliação desse direito não passa tanto por forçar o diálogo com o empresariado (...), mas por construir uma agenda de luta onde todos participem pela construção dos sistemas público-estatal e principalmente, do público-não estatal”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, para a **IHU On-Line**, Bruno declara que “se os participantes da conferência compreenderem que a política é um jogo de arenas múltiplas, simultâneas e com tempos distintos; se os setores do movimento de comunicação não abandonarem suas pautas históricas em função de algum oportunismo tático (e limitado, por consequência), então a Conferência terá sua relevância”.

Bruno Lima Rocha possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e mestrado e doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente participa de três grupos de pesquisa: Emerge (UFF-IACS), Nupesal (UFRGS-IFCH) e Cepos (Unisinos- PPG em Comunicação). Seu vínculo profissional é como docente de graduação na faculdade de Comunicação. Tem experiência nas áreas de Comunicação Social e Ciência Política, com ênfase em Pensamento Político-Estratégico Latino Americano. Atua principalmente nos seguintes temas: análise política, formação política para movimentos populares, comunicação comunitária e popular, economia política da comunicação, tecido social-produtivo, teoria democrática, pensamento político latino-americano e análise estratégica em sentido pleno. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os principais pontos que devem ser discutidos na Conferência Nacional de Comunicação?

Bruno Lima Rocha - Entendo que os pontos mais relevantes são aqueles que atingem a formação e definição regulamentar dos três sistemas de comunicação previstos na Constituição de 1988. A saber, os sistemas público, privado e estatal. Precisamos definir conceitos e formas de funcionamento. Por exemplo, definir o conceito de público-estatal e, por consequência, defender o funcionamento das TVs educativas como o modelo da BBC, onde o conselho da

entidade (da fundação mantenedora, por exemplo), seja soberano em relação ao governo de turno. O mesmo deveria acontecer no funcionamento do sistema público não-estatal, cujo embrião de funcionamento está sendo construído nas rádios comunitárias. Outro fator importante é debater os limites da publicidade, em especial os seus apelos. Por exemplo, as crianças e jovens estão muito expostos a apelos publicitários de tipo abusivo. É preciso ultrapassar os limites da autorregulação do capital (através de conselhos de propaganda ou a pretensão da Associação Nacio-

nal de Jornais - ANJ,¹ da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão - ABERT e companhia) de discutir a portas fechadas conteúdos que podem implicar nos destinos da sociedade brasileira. Nesse sentido, é fundamental modificar o padrão

¹ A defesa da liberdade de expressão do pensamento e da propaganda, e do funcionamento sem restrições da imprensa, observados os princípios de responsabilidade é o principal objetivo da Associação Nacional de Jornais - ANJ. Fundada em 17 de agosto de 1979, a ANJ conta atualmente com 145 empresas jornalísticas associadas, responsáveis por mais de 90 por cento da circulação brasileira de jornais, e 2 empresas parceiras. Mais informações em <http://www.anj.org.br> (Nota da IHU On-Line)

de concessão de outorgas (via Casa Civil e indicação da cota parlamentar), para retomar o combate à representação - definindo a proibição de que parlamentares sejam donos ou sócios de emissoras de rádios e TVs -, além de modificar o mecanismo que retira e não renova as outorgas. É um absurdo o país ter como rito a exigência de votação nominal de dois quintos quando a maior parte das votações do Congresso se dá por acórdão de colégio de líderes ou no rito secreto (como para a cassação de um colega). Outros pontos relevantes são os que giram em torno da universalização da banda larga. Vejo como urgente a aplicação dos recursos contingenciados do FUST² e do FUNTTEL³ na implantação de sistemas de Info Vias Públicas de alta performance. O modelo preferencial seria através da tecnologia Wimax,⁴ onde há tecnologia abundante no país e sem passar pela concessão para as transnacionais de teleco-

2 FUST: Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações. Instituído em 2000, tem por finalidade proporcionar recursos destinados a cobrir a parcela de custo exclusivamente atribuível ao cumprimento das obrigações de universalização de serviços de telecomunicações, que não possa ser recuperada com a exploração eficiente do serviço, nos termos do disposto no inciso II do art. 81 da Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997. (Nota da IHU On-Line)

3 Fundo para o Desenvolvimento Tecnológico das Telecomunicações - FUNTTEL, de natureza contábil, tem o objetivo de estimular o processo de inovação tecnológica, incentivar a capacitação de recursos humanos, fomentar a geração de empregos e promover o acesso de pequenas e médias empresas a recursos de capital, de modo a ampliar a competitividade da indústria brasileira de telecomunicações. (Nota da IHU On-Line)

4 O padrão IEEE 802.16, completo em outubro de 2001 e publicado em 8 de abril de 2002, especifica uma interface sem fio para redes metropolitanas (WMAN). Foi atribuído a este padrão o nome WiMAX (Worldwide Interoperability for Microwave Access/ Interoperabilidade Mundial para Acesso de Micro-ondas). O termo WiMAX foi criado por um grupo de indústrias conhecido como WiMAX Forum cujo objetivo é promover a compatibilidade e interoperabilidade entre equipamentos baseados no padrão IEEE 802.16. Este padrão é similar ao padrão Wi-Fi (IEEE 802.11), que já é bastante difundido, porém agrega conhecimentos e recursos mais recentes, visando a um melhor desempenho de comunicação. O padrão WiMAX tem como objetivo estabelecer a parte final da infra-estrutura de conexão de banda larga (last mile) oferecendo conectividade para uso doméstico, empresarial e em hotspots. (Nota da IHU On-Line)

“É preciso ultrapassar os limites da autorregulação do capital (...) de discutir a portas fechadas conteúdos que podem implicar nos destinos da sociedade brasileira”

municações. Mesmo não sendo uma conferência vinculante, esta é a primeira de provavelmente várias, de modo que os conceitos agora debatidos em planos mais genéricos podem se transformar em leis complementares dos artigos da Comunicação Social na Constituição.

IHU On-Line - Qual a importância de realizar esse evento pela primeira vez no Brasil?

Bruno Lima Rocha - Vejamos os processos como são, e não como aparentam ser. Na etapa em que a luta popular se encontra marcada pela confusão e com a presença marcante de um governo aliado de setores inimigos históricos dos setores populares organizados, é importante marcar uma pauta e debates públicos. Mas, por outro lado, vivemos uma era onde muito se discute entre especialistas e termina-se por aceitar as condições estabelecidas, evitando a luta direta. O problema é que não há outra forma de arrancar conquistas ou mesmo garantir os direitos adquiridos do que praticar a organização social de base e acumular força em projetos de poder tendo o povo como protagonista. Isto implica em luta e conflito para alargar as margens de manobra nas conjunturas e modificar, em parte, estruturas de dominação.

Ou seja, se os participantes da conferência compreenderem que a política é um jogo de arenas múltiplas, simultâneas e com tempos distintos; se os setores do movimento de comunicação não abandonarem

suas pautas históricas em função de algum oportunismo tático (e limitado, por consequência), então a Conferência terá sua relevância. Como momento histórico, tem lá sua importância, mas seria mais relevante a luta popular pelo Sistema Brasileiro de TV Digital, que se deu entre 2005 e 2006 e o povo perdeu. Fomos derrotados pelo governo e seu ministro Hélio Costa, homem de confiança do grupo empresarial líder do oligopólio. Não por acaso nós perdemos para um projeto entreguista e que atende à Rede Globo e a sua sócia, a NEC japonesa. E não podemos esquecer, agora, a luta dos comunicadores de rádios comunitárias e a comunidade científica em defesa do Sistema Brasileiro de Rádio Digital (SBRD). Vejo assim, uma importância relativa, proporcional à capacidade de nossas esquerdas a assumirem como suas pautas, de compreenderem o direito à informação, comunicação e cultura; e, ao mesmo tempo, a lucidez (tantas vezes ausente) ao compreender que a garantia e a ampliação desse direito não passa tanto por forçar o diálogo com o empresário (tanto o nacional dos radiodifusores como as transnacionais das telecomunicações, onde se inclui a Oi⁵), mas por construir uma agenda de luta onde todos participem pela construção dos sistemas público-estatal e, principalmente, do público-não estatal.

IHU On-Line - Qual a relevância e o peso do Intervozes,⁶ considerando

5 A Oi (antiga Telemar e Brasil Telecom) é uma concessionária de serviços de telecomunicações do Brasil. Em faturamento é a maior empresa de telefonia fixa da América do Sul com base no número total de linhas em serviço. A Oi Possui 34 milhões de Clientes em telefonia móvel e 22 milhões em telefonia fixa. (Nota da IHU On-Line)

6 Em atividade desde 2002, o Intervozes - Coletivo Brasil de Comunicação Social é uma organização que trabalha pela efetivação do direito humano à comunicação no Brasil. Para o Intervozes, o direito à comunicação é indissociável do pleno exercício da cidadania e da democracia. Uma sociedade só pode ser chamada de democrática quando as diversas vozes, opiniões e culturas que a compõem têm espaço para se manifestar. O coletivo é formado por ativistas e profissionais com formação em Comunicação Social e em outras áreas, distribuídos em 15 estados brasileiros e no Distrito Federal. Cada associado do Intervozes é, ao

que são poucas pessoas no país?

Bruno Lima Rocha - Esta pergunta retrata a carência de quadros e militantes experientes na base do movimento. O Intervozes é um exemplo de um grupo coeso, muito bem formado, com coerência interna e ativistas líderes legítimos. Infelizmente, e aí está a discrepância, a opção desses ativistas é pela via da pressão institucional, muitas vezes, autorreferenciada e que termina por substituir representações com bases sociais reais, ainda que sem o preparo deles. O paradoxo é tão grande, e esta crítica é fraterna e não destrutiva, que se os ativistas do Intervozes decidissem militar socialmente com a mesma profundidade como executam suas formulações e transitam por espaços institucionais ou semi-institucionais, este coletivo seria a maior força política do movimento de comunicação. Eles poderiam, até com certa tranquilidade, animar algumas Abraços estaduais (associações de radiodifusão comunitária) e talvez até sindicatos de jornalistas (onde, de fato, têm um pouco mais de presença). O problema de fundo não é “endemoniar” o Intervozes, mas sim avaliar o equívoco da estrutura desse movimento. Ao contrário dos países “hermanos”, onde a comunicação popular latino-americana é marcada pela presença de setores de base e radicalizados, o Brasil ainda se restringe a especialistas de tipo profissional, acadêmico ou militantes do setor com décadas de experiência. Entendo que esta experiência deva estar a serviço do movimento popular, participando de instâncias amplas (como a Abraço-RS) e aí o acúmulo se transforma em energia para militar na base do movimento, produzindo conteúdo, peleando como jornalista ou produtor cultural, criando audiovisual alternativo e brigando para politizar e complexificar o lazer dos trabalhadores.

IHU On-Line - Como avalia as sete propostas das centrais sindicais?

mesmo tempo, um promotor de ações locais e um colaborador na formulação e realização de estratégias nacionais adotadas pelo coletivo. (Nota da IHU On-Line)

“Não há outra forma de arrancar conquistas ou mesmo garantir os direitos adquiridos do que praticar a organização social de base e acumular força em projetos de poder tendo o povo como protagonista”

Bruno Lima Rocha - Pelo que li e vi, as sete propostas são muito corretas, embora bastante genéricas. Entendo que o movimento sindical e seus recursos deveriam ser aplicados desde agora na construção da rede pública não estatal, fortalecendo a mídia popular e interrompendo os gastos e publicidade na mídia corporativa. Enquanto essa ação não se der, e simultaneamente passem a ver a comunicação social como elemento estratégico para a construção de um poder que surge debaixo, teremos o duplo discurso. Perante o governo de turno, os dirigentes de sindicatos demandam pautas legítimas. E, diante da decisão de executar os recursos obtidos com a contribuição sindical e o imposto taxado do trabalhador, terminam por atender interesses imediatos e de pouca ou nenhuma visão de longo prazo. Enfim, as propostas são genericamente corretas, mas estas entidades devem executá-las em suas internas também. São elas:

1. Fortalecer a rede pública de comunicação;
2. Estabelecer um novo marco regulatório para o setor;
3. Fortalecer as rádios e TVs comunitárias e combater a repressão do Estado a essas mídias;
4. Ampliar e massificar a inclusão digital, com banda larga para todos;
5. Fixar novos critérios para a publicidade oficial;

6. Elaborar novas formas de concessão pública;

7. Exercer controle social.

IHU On-Line - Quais os caminhos para fortalecer a rede pública de comunicação?

Bruno Lima Rocha - Tenho de ter a modéstia de compreender que o problema é mais complexo do que a opinião individual de alguém. Mas refletindo (e compartilhando de forma coletiva nos espaços onde milito ou trabalho, como é o caso da Unisinos e do Grupo Cepos⁷), vejo que há um déficit de formação e motivação. O fortalecimento da rede pública de comunicação passa por reconhecer o modelo hegemônico, a linguagem do poder que reproduz relações injustas, e buscar fazer o oposto. Como respondi acima, passa pela definição do conceito de público-estatal (com vocação educativa e sob controle dos conselhos); de estatal, que conformaria a mídia dos poderes (como a TV Justiça ou a NBR,⁸ que serve ao Poder Executivo) e diferente de ambas, do sistema público não-estatal. É preciso definir em termos de conceitos para saber do que estamos falando e pelo que uma parte dos brasileiros e brasileiras está dedicando suas vidas para ajudar a construir. Nesse sentido, fortalecer a rede (ou melhor, as redes) pública implica em financiamento, formação e controle. Financiamento viria de fundos soberanos destinados ao fomento desses sistemas, e não necessariamente pela publicidade de governo com recurso de Estado. Particularmente vejo que as redes públicas não devem atender às necessidades de proselitismo de governos de turno. É necessário arrancar recursos permanentes, e, ao mesmo tempo, esvaziar o caixa das mídias privadas com a destinação de verbas

⁷ Leia nesta edição a Coluna do Cepos, espaço semanal na IHU On-Line dedicado ao Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade - Cepos. (Nota da IHU On-Line)

⁸ A NBR é um canal de TV brasileiro da Radiobras, resultado de investimentos em tecnologias que permitiram a inserção da Empresa no mercado das TVs por assinatura (mas pode ser captada por antenas parabólicas via satélite em sinal aberto). O intuito da emissora é informar sobre ações econômicas, políticas e sociais do Poder Executivo, além de difundir programas de teor educativo-cultural e serviços de utilidade pública. (Nota da IHU On-Line)

estatais somente para a mídia pública estatal e pública não-estatal.

O controle passa pelo estabelecimento de conselhos de comunicação social em municípios e estados, além de reformular a representação (hoje torta) no conselho nacional de comunicação social. Nesse item, a Lei Federal 9612/98 que regula (de forma chula e incompleta) as emissoras comunitárias tem muito a aportar. A exigência de se constituir conselhos comunitários e a eleição de diretorias eleitas mediante assembleias, sendo que nestas associações qualquer cidadão pode entrar como sócio (em tese, pois ainda há muito controle), marca um caminho de participação popular através de setores minimamente organizados. Por fim, a rede se fortalece não atuando e nem reproduzindo os formatos do padrão tecno-estético hegemônico, cujo modelo mais conhecido é o da Rede Globo, agora seguido de perto pela Rede Record. Não podemos nunca, jamais, reproduzir este modelo (e isto ocorre todo o tempo!) nas chamadas mídias alternativas e populares sob o risco de recebermos contrabando ideológico sem sequer compreender o que se passa. Neste item, entra a formação para a rede pública, a vocação do jornalismo para os interesses coletivos, pela pulverização do poder decisório em sociedade, e não a reforçar as estruturas de poder já existentes como vemos na mídia comercial.

IHU On-Line - O que deveria fazer parte de um novo marco regulatório para o setor da comunicação no Brasil?

Bruno Lima Rocha - Este marco, como já disse antes, deve reconhecer a existência - de fato e não apenas de direito - dos três sistemas, sendo que o estatal tem diferenças de mídia de poderes para mídia pública estatal. Além da regulação dos sistemas, é necessário compreender o momento de transição tecnológica que vivemos. A convergência digital implica em transformar todos os conteúdos em códigos binários e podem ser carregados e enviados de forma

**“Se aproximássemos a
formulação da academia
com a produção
midiática dos meios
de comunicação das
universidades, teríamos
o laboratório e a
semente dos modelos
para as redes públicas
que tanto lutamos”**

não física. Isto implica em que todos - em tese - se minimamente alfabetizados na produção midiática, podemos nos tornar possíveis produtores de conteúdo. Desse modo, vejo que é fundamental rever o conceito de comunicação e de telecomunicações, de modo a compreender o papel que as transnacionais têm na oferta de serviços de comunicação mediante concessão do Estado e, por isso mesmo, fazer o possível para evitar a sua influência na sociedade brasileira e menos ainda permitir que estas corporações produzam e distribuam conteúdo por cabo, satélite, MMDS⁹ ou radiofrequência (Rádio ou TV). O novo marco regulatório passa pelo controle das verbas de publicidade do Estado brasileiro em seus três níveis de governo e, também, a garantia de decisões ágeis para o direito

⁹ Serviço de Distribuição Multiponto Multicanal, também conhecidos como MMDS ou Cabo Wireless, é uma tecnologia de telecomunicações sem fio, usado para redes de banda larga de uso geral, ou, mais comumente, como um método alternativo de recepção de programação de televisão a cabo. MMDS é usada no Canadá, México, República Dominicana, Islândia, Irlanda, Rússia, Eslovênia, Brasil, Barbados, Austrália, Nigéria, Paquistão, Sri Lanka, Tailândia, Uruguai, Índia, Bielo-Rússia e Camboja. É mais comumente utilizado em áreas rurais pouco povoadas, onde cabos, que não é economicamente viável, embora algumas empresas podem também oferecer serviços de MMDS nas áreas urbanas. Atualmente a empresa a utilizar essa tecnologia é a Jet, licenciada pela Anatel. (Nota da IHU On-Line)

de resposta dos setores afetados pelas coberturas ou produções de sentido das mídias corporativas (grupos econômicos que também operam como “partido” político).

IHU On-Line - As universidades têm se mostrado preparadas a contribuir com a formulação de políticas públicas de comunicação?

Bruno Lima Rocha - Sim e não. Sim na enormidade do campo de estudos da comunicação social no Brasil. O país tem uma academia pujante nestes estudos e com uma capacidade razoável de influência no movimento. E não porque as universidades pecam em três aspectos.

Primeiro, em geral, reproduzem a miragem do mercado de trabalho, muito escasso e sem vagas para a maior parte dos egressos das habilitações de comunicação social. Essa falta de postos de trabalho e a censura em que impera nos meios privados deveriam orientar os cursos para formar para os três sistemas. Segundo, porque a formação é cada vez mais voltada para supostas “técnicas” quando na verdade nossos estudantes deveriam ter um mergulho de conteúdo nas ciências humanas em geral, de modo que possam compreender a sociedade que elas e eles irão intermediar, narrar e interpretar. Terceiro, porque os meios de comunicação das universidades como um todo terminam por reproduzir formatos, hierarquias, funcionalidades de uma empresa de tipo capitalista. Isto gera um efeito terrível que, junto da autocensura, fortalece a concepção da comunicação social como um negócio - que por sinal - como todo negócio no Brasil, vive de sua relação com o Estado brasileiro e seus favorecidos. Se aproximássemos a formulação da academia com a produção midiática dos meios de comunicação das universidades, teríamos o laboratório e a semente dos modelos para as redes públicas que tanto lutamos.

“O monopólio da comunicação é uma ameaça ao exercício pleno da democracia no Brasil”

Na visão de José Sóter, a democracia plena passa pela democratização dos meios de comunicação e pelo direito da população construir e operar os seus próprios meios de comunicação

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

“Talvez, o maior estrago que a mídia faz junto à classe trabalhadora seja ideológico. Os meios de comunicação passam 24 horas pregando o individualismo, a competição, o consumismo. A solidariedade e a ação coletiva como forma de atingir a transformação social são apresentadas de forma negativa, como algo que já está superado, com o objetivo de desmobilizar os trabalhadores”. A opinião é do coordenador executivo da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária - Abraço Nacional e secretário geral do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação - FNDC, José Sóter. Exatamente por isso que ele considera importante a participação do movimento sindical na Conferência Nacional de Comunicação. Crítico do Ministério das Comunicações, Sóter considera que ele sempre esteve ligado aos interesses do monopólio. “Ele tem atuado mais como promotor dos interesses da radiodifusão privada do que como agente de controle público. O interesse privado dos donos da mídia tem prevalecido sobre o interesse público”.

Para José Sóter, “os grandes grupos de comunicação privados atuam como partidos políticos de fato. Apoiam os candidatos e partidos que representam o pensamento único das elites e atacam aqueles que se contrapõem a esta linha, sejam partidos ou movimentos sociais. A mídia interfere no resultado das eleições, tanto através da manipulação de pesquisas quanto pelas posições que defende sem permitir o contraponto”. Essa e outras afirmações são feitas por José Sóter na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à IHU On-Line. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os principais pontos que devem ser discutidos na Conferência Nacional de Comunicação?

José Sóter - As políticas públicas de comunicação sempre foram discutidas entre os empresários e o governo. A Confecom tira este tema da penumbra e o traz para o debate público. As principais questões em discussão serão: o controle social da mídia, a democratização e transparência das concessões, a criação de uma lei geral da radiodifusão que contemple as emissoras comunitárias, e a implementação dos sistemas público e estatal. A descriminalização das rádios comunitárias, a desburocratização e democratização das concessões das emissoras comunitárias, o financiamento público para as mídias comunitárias e Internet em banda larga gratuita para todos também estarão em debate.

“As rádios comunitárias são um instrumento concreto de participação da sociedade na produção da comunicação”

IHU On-Line - De que maneira pode acontecer o controle social sobre os meios de comunicação? Como a sociedade pode participar mais nos processos de produção da comunicação?

José Sóter - O controle social pode acontecer através dos conselhos de comunicação. O Conselho de Comunicação Social está inativo. A Abraço defende a recomposição do Conselho, com regulamentação do processo de escolha dos conselheiros para evitar solução de continuidade. Também defendemos a criação dos conselhos es-

taduais e municipais de comunicação. Outro instrumento de participação são as audiências públicas para avaliar as concessões e os conselhos editoriais com a participação de representantes da sociedade civil. A sociedade pode participar do processo de produção da comunicação desde que tenha acesso aos meios de distribuição. As rádios comunitárias são um instrumento concreto de participação da sociedade na produção da comunicação.

IHU On-Line - Qual sua avaliação ge-

ral sobre as políticas públicas na área de comunicação e sobre a postura do atual Ministério das Comunicações?

José Sóter - As políticas públicas de comunicação sempre foram tratadas como assunto dos empresários da comunicação e do governo. Com a Confecom, pela primeira vez, este tema é debatido pela sociedade de forma mais ampla. O Ministério das Comunicações sempre esteve ligado aos interesses do monopólio. Ele tem atuado mais como promotor dos interesses da radiodifusão privada do que como agente de controle público. O interesse privado dos donos da mídia tem prevalecido sobre o interesse público. Com o atual ministro não é diferente, basta ver a postura em relação às rádios comunitárias. O Ministério faz de tudo para dificultar a obtenção de outorga pelas comunitárias; os processos levam anos parados nas gavetas. Enquanto isso, a Anatel,¹ que também atua na defesa da mídia corporativa, reprime as rádios sem outorga. Acontece que a responsabilidade pelas rádios não terem outorga é do próprio Ministério, que não dá andamento nos processos. Nós lutamos pela sua regularização. O projeto de lei em tramitação no Senado Federal, de autoria do ministro Hélio Costa,² que permite a venda de emis-

1 A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) é uma agência reguladora brasileira, administrativamente independente, financeiramente autônoma, não subordinada hierarquicamente a nenhum órgão de governo brasileiro. Mais informações em www.anatel.gov.br (Nota da IHU On-Line)

2 Hélio Calixto da Costa (Barbacena, 17 de agosto de 1939) é um jornalista e político brasileiro. Em 2002, candidatou-se ao Senado, elegendo-se com mais de 3,5 milhões de votos. Em março de 2003, foi eleito vice-líder do PMDB no Senado e em maio de 2003, vice-líder do Governo. Em agosto de 2005 foi nomeado ministro de Estado das Comunicações, cargo que ocupa atualmente. Seu suplente é Wellington Salgado (PMDB/MG). Coordenou o projeto que escolheu o modelo japonês como o padrão para o Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTVD), envolvendo 93 instituições de ensino público e privado, 1.200 profissionais, entre técnicos, cientistas e professores. (Nota da IHU On-Line)

oras sem a necessidade de autorização do Ministério das Comunicações, é outro exemplo da postura do ministro. Para as rádios privadas, menos controle público; para as comunitárias, burocracia e repressão.

IHU On-Line - Qual o papel do movimento sindical na Confecom?

José Sóter - A Central Única dos Trabalhadores - CUT, federações nacionais e sindicatos têm participado do processo de construção da Confecom. Esta participação é muito importante para reafirmar o caráter de classe da luta pela democratização da comuni-

“As políticas públicas de comunicação sempre foram tratadas como assunto dos empresários da comunicação e do governo”

cação. A classe trabalhadora é quem mais sofre com o monopólio. Os movimentos sociais são criminalizados, as rádios comunitárias são taxadas de “piratas”, quando uma categoria vai à greve por aumento de salários ou melhores condições de trabalho, a mídia mostra os transtornos provocados pela greve, mas não dá espaço para os trabalhadores explicarem os motivos que os levaram à paralisação. Mas, talvez, o maior estrago que a mídia faz junto à classe trabalhadora seja ideológico. Os meios de comunicação passam 24 horas pregando o individualismo, a competição, o consumismo. A solidariedade e a ação coletiva como forma de atingir a transformação social são apresentadas de forma negativa, como algo que já está superado, com o obje-

tivo de desmobilizar os trabalhadores. Por isso a participação do movimento sindical na Confecom é importante.

IHU On-Line - Em que medida a democratização da comunicação pode influenciar no avanço da democracia de forma geral no Brasil?

José Sóter - Os grandes grupos de comunicação privados atuam como partidos políticos de fato. Apoiam os candidatos e partidos que representam o pensamento único das elites e atacam aqueles que se contrapõem a esta linha, sejam partidos ou movimentos sociais. A mídia interfere no resultado das eleições, tanto através da manipulação de pesquisas quanto pelas posições que defende sem permitir o contraponto. O monopólio da comunicação é uma ameaça ao exercício pleno da democracia no Brasil. Não podemos confundir liberdade de expressão com manipulação, que é, exatamente, o inverso da liberdade de expressão. A democracia plena passa pela democratização dos meios de comunicação e pelo direito da população construir e operar os seus próprios meios de comunicação.

IHU On-Line - Quais as consequências de uma comunicação que atende apenas aos interesses do grande capital?

José Sóter - É uma comunicação que está a serviço dos interesses de uma elite, que impede os trabalhadores de se expressarem e que mercantiliza e vulgariza a cultura, sufocando as manifestações regionais e autênticas da cultura brasileira. Só tem espaço na mídia quem se submete à lógica da padronização a serviço do lucro. Por isso, defendemos a criação de TVs comunitárias, contemplando todos os municípios brasileiros, para, junto com as rádios comunitárias, fortalecerem essa cultura e a identidade local para o fortalecimento da cultura e da identidade nacional.

www.ihu.unisinos.br

O processo de conferência nacional como um grande organizador de pautas

Gerson Almeida, secretário nacional de articulação social da Presidência da República, lembra que empresários, entidades do movimento social e governo nunca antes tinham sentado para discutir a questão da comunicação

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Ao refletir sobre a realização da primeira Conferência Nacional de Comunicação, o secretário nacional de articulação social Gerson Almeida considera que ela tem a seguinte característica: “construir um espaço público de debate, de diálogo, de discussão entre partes que tradicionalmente não têm essa oportunidade de sentar sobre a mesma mesa, sobre o mesmo plenário e exercitar o processo de construção de acordos”. Na entrevista que aceitou conceder, por telefone, para a **IHU On-Line**, Gerson explica que “a conferência não tem o objetivo de consolidar apenas consensos ou acordos. Ela, sobretudo, propõe-se a ser um espaço que oportunize o processo de escuta um do outro, de discussão e esforço honesto e sincero para buscar as possibilidades das aproximações. Às vezes é possível e às vezes não”. E completa: “a primeira conferência é um debate que não é muito comum ou usual de ser feito por um público maior, então tem uma demanda reprimida significativa. À medida que o debate vai se processando, ele acaba concentrando e definindo melhor as prioridades de cada setor”.

Gerson Luiz de Almeida Silva é sociólogo, secretário Nacional de Articulação Social da Secretaria-Geral da Presidência da República. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Rio Grande do Sul - UFRGS, obteve pela mesma instituição o título de mestre em Sociologia. Foi consultor da Unesco e secretário municipal de governo de Porto Alegre de 1994 a 1996; de 1998 a 2000; e de 2001 a 2002. É organizador do livro *Desenvolvimento Sustentável e Gestão Ambiental nas Cidades - Estratégias a partir de Porto Alegre* (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os principais pontos que devem ser discutidos na Conferência Nacional de Comunicação?

Gerson Almeida - Há três eixos¹ que foram deliberados como os temas que vão ordenar a discussão da Conferência. Um é a produção de conteúdo, e aí entra o debate sobre o conteúdo nacional, sobre produção independente, incentivos, financiamentos, tributação, órgãos reguladores, enfim, é um eixo que abriga inúmeros temas. O segundo eixo é referente aos meios de distribuição, e aí entra a questão da televisão aberta, rádio, tanto comunitárias quanto as das redes maiores, Internet, banda larga, fiscalização, sistema de outorga etc., também en-

volvendo diversos temas. E o terceiro eixo é relativo à cidadania, aos direitos e deveres. E aí entra a questão da democratização da comunicação, a participação social da comunicação, a questão da inclusão social, da liberdade de expressão, do acesso à cultura e educação, e a diversidade cultural ou religiosa. São três eixos, mas cada um deles abriga um rol muito diversificado e amplo de temas, que estão todos sendo discutidos agora no processo de conferências estaduais.

IHU On-Line - Quais temas o senhor imagina que levantarão mais polêmica e poderão ter um consenso mais dificultado?

Gerson Almeida - Há um certo consenso entre todas as partes de que o processo de convergência tecnológica está exigin-

do uma atualização do marco regulatório. O marco atual já teve algumas alterações, mas não conseguiu acompanhar o processo intenso de produção de novas tecnologias na área da comunicação. Os meios de produção e transmissão de informação hoje diversificaram e amplificaram muito. Qualquer pessoa hoje tem seu blog, seu Twitter,² produz músicas com aparelhos bem mais acessíveis do que outrora. Esse é um tema sobre o qual há acordo da necessidade de se discutir. Há divergências sobre o mérito das questões. E esse é um tema que tende a ser polêmico, a gerar debates. A própria questão do conteúdo nacional da produção desses meios é sempre um tema

² Sobre o Twitter e outras redes sociais virtuais leia a **IHU On-Line** número 290, de 20-04-2009, intitulada *Twitter, Facebook, MySpace e Orkut. As redes sociais na web*, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?id_edicao=318 (Nota da IHU On-Line)

¹ Mais informações sobre os três eixos temáticos da Confecom podem ser encontradas nesta edição, no início da matéria de capa. (Nota da IHU On-Line)

polêmico. A propriedade de entidades produtoras de conteúdo, se tem que ser nacional, e em que medida, a propriedade intelectual, exatamente por essas novidades tecnológicas, está sofrendo alterações. A ideia da competição também é outro aspecto interessante do primeiro eixo, que são temas que tendem a ser bastante polêmicos. O papel das rádios e TVs comunitárias também sempre é uma questão delicada, ou seja, tende a se expressar. Essa relação do privado com o estatal, ou uma terceira ideia, que é a dos meios públicos, bem como os órgãos reguladores, também acredito que são temas importantes. E, no último eixo, a questão geral da democratização da comunicação, da participação social na comunicação, a própria questão da inclusão digital, de mais sujeitos na produção da comunicação, tendem a ser temas que vão ser polemizados. Até porque, como é a primeira conferência nacional, é natural que haja um número de temas que apareça de forma muito forte, mais em função da ausência de espaços públicos para debate de forma mais larga, para além do círculo dos especialistas ou das pessoas diretamente interessadas. A primeira conferência é um debate que não é muito comum ou usual de ser feito por um público maior, então tem uma demanda reprimida significativa. À medida que o debate vai se processando, ele acaba concentrando e definindo melhor as prioridades de cada setor.

IHU On-Line - Qual a importância da realização de conferências estaduais prévias à Confecom?

Gerson Almeida - Os processos de conferência nacional acabam criando uma dinâmica muito intensa, que envolvem o âmbito municipal, regional no mesmo estado, o âmbito estadual e acaba no federal. Inclusive temos conferências livres, virtuais. O processo da conferência de comunicação acabou tendo um ar mais limitado, por várias razões. Entre as quais houve um processo muito longo de construção do regimento interno. Nunca empresários, entidades do movimento social e governo tinham sentado para discutir um tema desses. Foi um processo bonito, rico, democrático, mas também difícil

e longo. Então, no caso, mesmo com essas dificuldades e limitação de tempo, em todos os estados deverá haver conferência de comunicação. A maioria delas convocada pelo próprio governo estadual. Algumas delas, na medida em que o governo não teve tempo ou interesse, a Assembleia Legislativa do estado convocou, que é a segunda instância, e poucos estados, talvez dois, no máximo três, que a comissão organizadora nacional vai delegar a uma comissão local a convocação. Mas seja por que meios, teremos conferências em todos os estados, o que já é uma expressão do sucesso e do vigor da conferência nacional. Em todos os estados em que já houve conferência, mostrou-se um debate intenso, rico e diversificado. Há um interesse forte de vários setores que tradicionalmente não tinham espaço para discutir o

“Os meios de produção e transmissão de informação hoje diversificaram e amplificaram muito”

tema. Agora, também, surpreendentemente, há muitos acordos e muitos temas que são comuns a todos os setores. A conferência tem essa característica: construir um espaço público de debate, de diálogo, de discussão entre partes que tradicionalmente não têm essa oportunidade de sentar sobre a mesma mesa, sobre o mesmo plenário e exercitar o processo de construção de acordos. Ao mesmo tempo em que é um exercício também de debate, conversa e discussão, mas que, às vezes, consolida opiniões diferentes sobre o tema. O que é igualmente importante democraticamente.

IHU On-Line - Como o senhor acha que serão conciliadas as demandas dos empresários, do governo e da sociedade civil?

Gerson Almeida - Não será fácil, pois em

todos os temas há opiniões e interesses que podem não ser comuns. Mas, na medida em que os temas vão ganhando concretude, é possível ir chegando a aproximações maiores, se eventualmente não se obter um consenso. Mas tenho certeza de que o exercício da conversa, do debate, desde que se construa um ambiente de debate sério, honesto, mesmo que duro, mas um debate profícuo, criará um processo que, quando inicia, tem um ponto de encontro entre as partes mais distante do que quando termina. Há um processo de aproximação que, em alguns casos, pode produzir um acordo, ou mesmo que demarcando divergências, elas já estão mais trabalhadas e processadas, não são tão antagonistas como parecia no primeiro momento. A conferência não tem o objetivo de consolidar apenas consensos ou acordos. Ela, sobretudo, se propõe a ser um espaço que oportunize o processo de escuta um do outro, de discussão e esforço honesto e sincero para buscar as possibilidades das aproximações. Às vezes é possível e às vezes não.

IHU On-Line - Quais os maiores desafios para a democratização da comunicação no Brasil hoje?

Gerson Almeida - Há um aspecto importante de toda a ideia de democratização que serve também para a comunicação, mas não apenas para ela. Primeiro: assegurar acesso a todos. Então, tem uma dimensão de universalização do acesso que, apesar de ter avançado muito no Brasil, ainda tem uma longa caminhada pela frente. Outro aspecto da democratização é a diversidade da produção. Esse é um desafio para o marco regulatório, ou seja, como assegurar que esse objetivo de universalizar o acesso e a diversidade seja viabilizado. Esse é um princípio geral inclusive que não diferencia governo de setores sociais ou empresariais.

IHU On-Line - Qual o papel dos movimentos sociais na Confecom e na luta pela democratização da comunicação?

Gerson Almeida - É fundamental. A história demonstra que sem movimento social nada avança. Se não há movimento social, não há pauta pública. E aí, não tendo pauta, não se exerce a

grande virtude do processo democrático, que não tem um ponto final. Quem é capaz de dizer quando a democracia chegou ao fim, que não consegue avançar ou evoluir? Pautas sociais são históricas também. Os movimentos sociais são fundamentais porque são eles que organizam a pauta, que acaba produzindo avanços e melhores soluções para todas as áreas. Para a Conferência, eles foram fundamentais.

IHU On-Line - Como o senhor avalia as críticas feitas ao governo em função de sua postura em relação à Confercom?

Gerson Almeida - As críticas que eventualmente aparecem são totalmente legítimas. Mas não são todas justas. Por exemplo, o próprio presidente convocou a conferência, e o governo, desde o início, empenhou-se para que ela fosse realizada, e vai ser. Nós também tínhamos a convicção de que a melhor possibilidade era que o processo da conferência fosse realizado de forma tripartite: envolvendo os governos, os movimentos sociais/sociedade civil, e o setor empresarial.

IHU On-Line - Em que medida a Confercom pode inspirar a elaboração de novas políticas públicas para a área da comunicação no Brasil?

Gerson Almeida - Em grande medida. O governo do presidente Lula, desde 2003, já realizou quase 60 conferências. Muitas delas pela primeira vez, como é o caso desta conferência de comunicação. E todas as conferências, mesmo que não tenham um papel imperativo no governo federal ou no congresso, ao produzir encaminhamentos, tornam-se um norte que acaba organizando e articulando as políticas públicas, incidindo fortemente sobre elas. O processo de conferência nacional é um grande organizador das pautas. O interessante é que há um interesse internacional muito grande na nossa conferência. Temos recebido várias demandas de observadores internacionais que estão encantados em ver que no Brasil se faz um processo dessa forma sobre um tema que também nos seus países, muitas vezes, não é debatido. Isso mostra que a democracia brasileira não tem limites de discussão, nenhum assunto é proibido.

“Precisamos incluir os excluídos e trabalhar pelos direitos coletivos à comunicação”

Na visão da psicóloga Roseli Goffman, a liberdade de expressão não é possível sem a liberdade de pensamento, e isto é um processo que precisa ser construído simultaneamente à universalização do acesso, na capacitação e na leitura crítica para a mídia, que deverá tornar-se um tema transversal na educação

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Convidada a refletir sobre a realização da Conferência Nacional de Comunicação, a conselheira do Conselho Federal de Psicologia, Roseli Goffman, considera que todos vamos ao debate “para ampliar o circuito dos financiamentos públicos para realizadores regionais, criando cotas que implementem a pluralidade e diversidade, garantindo a criação de critérios que legitimem os direitos de distribuição dos novos produtores”. Na entrevista que nos concedeu por e-mail, Roseli afirma que “é preciso incentivar a participação pública, através de seus diversos segmentos na gestão destes financiamentos, democratizando o acesso para estes realizadores, ampliando a cadeia produtiva audiovisual, criando um novo modelo de negócios”. Para ela, “é urgente a criação de um novo marco regulatório, que dilua a alta concentração de propriedade dos meios de comunicação, colocando no mesmo nível de importância os sistemas público, privado e estatal”. Goffman também defende a implementação do uso de software livre nas escolas. E entende que “o direito individual à comunicação não pode ser abordado sem incluir o direito coletivo à comunicação”. Ela explica sua posição: “no Brasil, ainda precisam ser garantidos não só os direitos individuais à comunicação como direitos de acesso dos coletivos à informação, um bem tão importante no processo da cidadania quanto saúde, educação e trabalho. Não basta garantir a livre circulação de ideias para a generalização da liberdade de expressão individual. Num país em que apenas 10% da população acessa a banda larga, e somente cerca de 10% tem TV por assinatura, falar de liberdade de expressão individual acaba resultando na exclusão da maioria da população brasileira”.

Roseli Goffman é representante do Conselho Federal de Psicologia (CFP) na Coordenação Executiva do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação - FNDC. Psicóloga clínica, é consultora em análise institucional, desenvolvimento e gestão de projetos, com especialização em Gestão de Empresas pela Universidade Federal do Rio De Janeiro - UFRJ. Confirma a entrevista.

IHU On-Line - Como é possível des-concentrar o sistema de comunicação, assegurando a pluralidade e a diversidade?

Roseli Goffman - O Estado precisa estimular a produção de conteúdo independente por pequenas empresas, pontos de cultura, jovens realizadores. Também é preciso criar editais e concursos para prover fundos de financiamento para estas ações, pensando também nas formas de garantir a distribuição do conteúdo. Vamos ao debate para ampliar o circuito dos financiamentos públicos para realizadores regionais, criando cotas que implementem a pluralidade e diversidade, garantindo a criação de critérios que legitimem os direitos de distribuição dos novos produtores. É preciso incentivar a participação pública, através de seus diversos segmentos na gestão destes financiamentos, democratizando o acesso para estes realizadores, ampliando a cadeia produtiva audiovisual, criando um novo modelo de negócios.

IHU On-Line - O que fazer para que os segmentos populares tenham condições de se expressar de fato na arena midiática?

Roseli Goffman - A Conferência Nacional de Comunicação tem caráter deliberativo, e a partir de suas resoluções, serão encaminhadas as propostas no âmbito do legislativo e do executivo, de maneira a regulamentar o caos regulatório nesta área, e, em particular, os capítulos da Constituição de 1988 que se referem à Comunicação. É urgente a criação de um novo marco regulatório, que dilua a alta concentração de propriedade dos meios de comunicação, colocando no mesmo nível de importância os sistemas público, privado e estatal. Precisamos implementar o uso de software livre nas escolas, e qualificar os professores para o ensino de informática, criando condições de oferecer equipamento e banda larga às populações mais desfavorecidas, voltando às políticas públicas para os excluídos da convergência digital. E não adianta disponibilizar o serviço e o equipamento, sem as condições de treinamento e suporte ne-

cessárias à qualificação no uso do software livre. Devemos também pleitear a descriminalização do uso da cópia de arquivos e programas com uso exclusivamente educativo.

Uma nova geração do software livre

É preciso criar uma nova geração do software livre, ou livre do software hegemônico, para não ficarmos na dependência exclusiva da tecnologia e equipamentos estrangeiros, provendo condições de pleno emprego

“É preciso criar uma nova geração do software livre, ou livre do software hegemônico, para não ficarmos na dependência exclusiva da tecnologia e equipamentos estrangeiros, provendo condições de pleno emprego com o crescimento da indústria brasileira de software e equipamentos de informática”

com o crescimento da indústria brasileira de software e equipamentos de informática. A Banda Larga não é a resposta que liberta os segmentos populares para a participação. A liberdade de expressão não é possível sem a liberdade de pensamento, e isto é um processo que precisa ser construído simultaneamente à universalização do acesso, na capacita-

ção e na leitura crítica para a mídia, que deverá tornar-se um tema transversal na educação. Não é por acaso que, a partir de 2002, houve uma expansão dos negócios lucrativos dos milicianos que atuam nas comunidades, em especial no Rio de Janeiro. A população das favelas passou a ser um atraente mercado para oferecimento de gás, do canal pirata de TV e transporte alternativo. A demanda reprimida de TV a cabo nas comunidades é um importante indicador de que as leis de mercado e a excessiva privatização do sistema privado de radiodifusão não dão conta das reais necessidades da população brasileira. Os indicadores que garantirão a legitimidade da representação da sociedade civil, em todos seus segmentos, poderão ser construídos em parceria com governo, universidades e os movimentos sociais.

IHU On-Line - Em que sentido a comunicação pode ser discutida como um direito humano?

Roseli Goffman - O direito individual à comunicação não pode ser abordado sem incluir o direito coletivo à comunicação. No Brasil, ainda precisam ser garantidos não só os direitos individuais à comunicação como direitos de acesso dos coletivos à informação, um bem tão importante no processo da cidadania quanto saúde, educação e trabalho. Não basta garantir a livre circulação de ideias para a generalização da liberdade de expressão individual. Num país em que apenas 10% da população acessa a banda larga, e somente cerca de 10% tem TV por assinatura, falar de liberdade de expressão individual acaba resultando na exclusão da maioria da população brasileira. Precisamos incluir os excluídos e trabalhar pelos direitos coletivos à comunicação.

IHU On-Line - Como a questão do direito autoral e da propriedade intelectual devem aparecer no debate da Confecom?

Roseli Goffman - Temos que construir novas propostas sobre direito autoral e propriedade intelectual

(http://www.e-commerce.org.br/direito_autoral_na_internet.php), incentivando a capacidade inventiva humana. A solução do gratuito na Internet precisa ser debatida. Só pode ser grátis aquilo que se pode oferecer e que não dependemos para a sobrevivência. Quando o Oasis ou a Madonna disponibilizam faixas de seu último CD, é algo completamente diferente do caso de uma banda de garagem. São situações díspares e que precisam ser tratadas caso a caso. Pelos dados da Associação Brasileira dos Produtores de Discos, em 2007, a venda de CDs digitais via Internet cresceu 40% mundialmente com movimento de US\$ 2,9 bilhões e alcançando cerca de 15% do mercado. Aqui, no Brasil, o patamar foi de 157% no mesmo ano, movimentando R\$ 24,5 milhões e chegando a 8% do mercado nacional, o que não compensa o enorme prejuízo do modelo de negócios de CDs e DVDs, com o crescimento exponencial dos CDs e DVDs piratas, apontando para a nossa demanda reprimida no consumo de música, pois os preços são inviáveis para a grande maioria da população. É preciso construir políticas públicas de incentivo à inovação cultural e à distribuição destes produtos. Precisamos pesquisar e incentivar a opção do Creative Commons,¹ que flexibiliza os direitos autorais, como também prover a geração de renda e a sustentabilidade destes produtores de cultura, usando a Internet como um sistema de distribuição de conteúdo. Não podemos esquecer, dentro deste tema, de criar licença aberta de direitos autorais para rádios comunitárias, implementando a parceria entre rádios comunitárias e artistas independentes.

¹ Sobre o Creative Commons leia a entrevista com Sérgio Branco publicada no sítio do IHU em 12-11-2009 e disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_entrevistas&Itemid=29&task=entrevista&id=27442 e a Revista IHU On-Line número 69, de 04-08-2003, intitulada *A era da informação e o direito de propriedade. Software livre, hackers e reforma agrária*, disponível para download no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploader/edicoes/1161285954pdf.pdf> (Nota da IHU On-Line)

Peça para Lula defender o clima

Campanha
**tic tac
tic tac.**

Contribua com o futuro do planeta e registre seu nome no link http://www.avaaz.org/po/peticao_tictac_lula/



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Dossiê - Mártires de El Salvador

Há exatos 20 anos, seis padres jesuítas e duas mulheres foram assassinados a sangue frio no campus da Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas (UCA), em El Salvador. Entre eles, estavam o reitor da universidade, Ignacio Ellacuría, e o vice-reitor, Ignacio Martín-Baró. Paramilitares do Exército Salvadorenho invadiram a residência dos jesuítas com o objetivo único de matar aqueles que incomodavam a ditadura.

Para recordar o martírio e a luta destes militantes que almejavam a liberdade e o bem social de El Salvador, a IHU On-Line desta semana preparou o dossiê a seguir. Abaixo, você confere um breve perfil dos mártires e, em seguida, algumas entrevistas que lembram o legado e a memória destas testemunhas.

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU também exibirá o debate *Memory and it Strength: The martyrs of El Salvador* (A memória e sua força: Os mártires de El Salvador), que irá ocorrer no Boston College, nos EUA, no próximo dia 30 de novembro. Mediados pelo jesuíta e reitor emérito do Boston College, J. Donald Monan, Noam Chomsky e o jesuíta, teólogo Jon Sobrino irão discutir a importância dessa memória. A exibição no IHU corre em 10 de dezembro, dia Internacional dos Direitos Humanos, em um evento que marca a inauguração da sala Ignacio Ellacuría e companheiros, no IHU. Confira.

>> Ignacio Ellacuría (1930-1989)

Ignacio Ellacuría nasceu em Portugalete, província de Vizcaya, Espanha, no dia 9 de novembro de 1930. Foi o quarto de cinco filhos. Depois de concluir o ensino primário na cidade natal, Ellacuría continuou os estudos no Colégio dos Jesuítas de Tudela. Em 1949, junto com outros cinco noviços, foi enviado para o noviciado da Companhia de Jesus em Santa Tecla, El Salvador, e fez os votos de pobreza, obediência e castidade.

Completo seus estudos de Ciências Humanas e estudou Filosofia em Quito. Na Áustria, cursou Teologia e foi influenciado pelos ensinamentos de Karl Rahner.¹ No ano de 1961, foi

¹ Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt (O Espírito no mundo)*, 1939, *Hörer des Wortes (Ouvinte da Palavra)*, 1941, *Schriften zur Theologie (Escritos de Teologia)*, 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, e *Grundkurs des Glaubens (Curso Fundamental da Fé)*, 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o

ordenado sacerdote em Innsbruck

Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A IHU On-Line n.º 90, de 1º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161093842.09pdf.pdf>, e a edição 94, de 02-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161093143.69pdf.pdf>. No dia 28-04-2004, no evento *Abrindo o Livro*, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na IHU On-Line n.º 98, de 26-04-2004, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158260659.15pdf.pdf>. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no IHU On-Line n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158260371.36pdf.pdf>. A edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158261608.85pdf.pdf>. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. Confira esse material em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158261608.85pdf.pdf>. A edição 297, de 15-06-2009, intitula-se *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1245168975.3888pdf.pdf>.

e fez os últimos votos como jesuíta em 1962, em Portugalete, onde nasceu. Nesta época, também realizou o doutorado em Madri, na Universidade Complutense, sob a direção de Xavier Zubiri,² dando origem à tese *La principalidad de la esencia en Xavier Zubiri*.

Em 1967, Ellacuría retornou a El Salvador para atuar como professor na Universidade Centro-Americana (UCA). Nos primeiros anos da década de 70, foi responsável pela formação dos jovens jesuítas da Província da América Central. Neste período, também foi nomeado Diretor do Departamento de Filosofia da UCA e, posteriormente, em 1973, publicou o livro *Teologia Política*, editado também em inglês, em Nova York, sob o título *Freedom Made Flesh: The Mission of Christ and His Church*. No ano seguinte, Ellacuría fundou o Centro de Reflexão Teológica

(Nota da IHU On-Line)

² Xavier Zubiri (1898-1983): filósofo espanhol cuja pesquisa e reflexão se concentrou, fundamentalmente, nos campos da Teoria do Conhecimento, da Ontologia e da Gnoseologia. Em sua juventude, Zubiri estudou filosofia no Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Louvain, na Bélgica. Em 1921, Zubiri obteve doutorado em filosofia pela Universidade Complutense de Madrid. No mesmo ano, foi ordenado diácono. (Nota da IHU On-Line)



da UCA. Assumi a reitoria da universidade em 1979.

Confrontos em El Salvador

Nomeado diretor da revista *Estudios Centroamericanos (ECA)*, Ellacuría, em 1976, publicou o editorial intitulado “A sus órdenes, mi capital”, o qual ocasionou a retirada do apoio do governo salvadorenho à UCA e gerou a violência paramilitar contra a Universidade. Ellacuría foi exilado na Espanha entre 1977 e 1978. No ano seguinte, El Salvador iniciou uma longa guerra civil que durou doze anos. Os jesuítas começaram a receber ameaças de morte e, em 24 de março de 1980, o arcebispo de San Salvador, Oscar Romero³ foi assassinado durante a

³ Dom Oscar Romero (1917-1980): arcebispo católico romano, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em mártir. Confira nas *Notícias do Dia*, do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, a

celebração da Eucaristia. Neste mesmo ano, Ellacuría retornou ao exílio. Na Espanha, participou da primeira reunião das religiões abraâmicas, em 1987. No encontro, expressou publicamente a necessidade de encontrar um terreno comum para superar os conflitos em El Salvador. Defendeu assim, a contribuição da Teologia da Libertação nas religiões abraâmicas para superar o individualismo e o positivismo.

Ellacuría retornou a El Salvador em 13 de novembro de 1989 para tentar mediar a paz. Em 16 de no-

entrevista especial com Anne Marie Crosville, “*Dom Oscar Romero ajudou a fortalecer meu compromisso com os mais pobres*”, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=22775. Leia, também, as notícias publicadas em 09-11-2009, *El Salvador reconhece responsabilidade no assassinato de Dom Romero*, em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27353 e em 20-05-2007, *Pedida a canonização de Oscar Romero na V Conferência*, em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=7282. (Nota da IHU On-Line)

vembro do mesmo ano, foi morto por um pelotão do Batalhão Atlacatl das Forças Armadas de El Salvador, na residência da UCA, junto com outros cinco jesuítas: **Ignacio Martín-Baró, Segundo Montes, Amando López, Juan Ramón Moreno e Joaquín López y López**. Também foram mortas Elba Julia Ramos, funcionária da residência, e sua filha, Celina, de 15 anos.

Obras

Ellacuría publicou várias análises de conjuntura da realidade salvadorenha e artigos sobre filosofia e teologia. Negou-se a publicar livros pela Editora UCA, pois considerava isto antiético. Seus livros foram publicados postumamente. Entre eles, citamos *Filosofia de la Realidad histórica*; *Veinte años de historia en El Salvador*; *Escritos filosóficos*; *Escritos teológicos*; e *Escritos universitarios*.

Sala Ignacio Ellacuría e companheiros.

Inauguração em 10-12-2009, no IHU.
Informações em www.ihu.unisinos.br

>> Ignacio Martín-Baró (1942-1989)

Ignacio Martín-Baró nasceu em 7 de novembro de 1942, em Valladolid, na Espanha. Ingressou no noviciado da Companhia de Jesus no ano de 1959, sendo transferido para Santa Tecla, em El Salvador, onde concluiu o noviciado em 1961. Escritor e professor universitário, publicou onze livros e uma vasta lista de artigos científicos e culturais em diversas revistas latino-americanas e estadunidenses. Regressando às raízes históricas da psicologia, ele falava em psicologia social e psicologia da libertação e argumentava que sobre o psicológico recai a tarefa de ajudar a consciência humana a ter uma compreensão maior de sua identidade pessoal e social. Confira a seguir alguns fatos relevantes da vida de Martín-Baró.

1965 - Obteve o bacharelado em Filosofia e Letras, pela Universidad Javeriana, em Bogotá, Colômbia. Depois de morar alguns anos em Bogotá, retorna a El Salvador;

1967 - Inicia sua carreira de professor acadêmico na UCA;

1970 - Conclui o bacharelado em Teologia em Eegenhoven, na Bélgica;

1975 - Concluiu licenciatura em Psicologia pela Universidade Centro Americana Simeón Cañas (UCA);

1979 - Conclui doutorado em Psicologia Social;

1981 - Assume o cargo de vice-reitor acadêmico da UCA;

1986 - Fundou e foi diretor do Instituto Universitario de Opinión Pública - IUDOP, além de atuar como professor convidado em muitas universidades. Também foi vice-presidente da Sociedad Interamericana de Psicología.

>> Joaquín López y López (1918 - 1989)

Joaquín López y López nasceu em Chalchuapa, em El Salvador, no dia 16 de agosto de 1918. Iniciou seus estudos em Santa Ana e os concluiu em Santa Tecla, em El Salvador, no ano de 1938. Nesta mesma data, entrou para o noviciado da Companhia de Jesus, em El Paso, no Texas, EUA. Formou-se em Ciências Humanas e Filosofia em meados da década de 40. Retornou para a América Central e permaneceu por alguns anos no Colégio Externado, em El Salvador. Em 1949, mudou-se para Saint Mary's, no Kansas, onde estudou Teologia. Enviado para a Espanha em 1951, foi ordenado sacerdote no ano seguinte. Ficou conhecido pela fala: "Se teus projetos são para cinco anos, semeie trigo; se são para dez anos, semeie uma árvore; mas se são para cem anos, eduque o povo". Conheça outros aspectos da vida de López y López.

1961 - Coordena a construção da Capela do Colégio Externado de San José;

1964 - Trabalhou na campanha de aprovação da lei de universidades privadas;

1969 - Fundou e coordenou a "Fe y Alegría", um movimento de educação popular integral, o qual dirige setores empobrecidos e excluídos da sociedade. A organização dispõem de 30 centros educativos de 8 departamentos. O projeto atendeu 48.000 beneficiados até 1989.

>> Armando López (1936 - 1989)

Armando López nasceu em Cubo de Bureda, Espanha, no dia seis de fevereiro de 1936. Entrou para o noviciado em 1952. Como seus colegas jesuítas, também foi enviado à Santa Tecla, em El Salvador. Em Quito, estudou Filosofia e Ciências Humanas na Universidad Católica e concluiu os cursos no final dos anos 50. Foi enviado para a Nicarágua, onde atuou como professor de matemática no Colégio Centro América de Granada. Coursou Teologia em Dublin, na Irlanda, e foi ordenado sacerdote no ano de 1965. Realizou seu doutorado na Universidad Gregoriana, em Roma, entre 1967 e 1968. Nos momentos mais duros da repressão ditatorial de El Salvador, Armando López abriu as portas do colégio para acolher famílias necessitadas, professores e seus familiares. Confira alguns aspectos de sua vida.

1971-72 - Concluiu o doutorado em Ciências Religiosas na França, foi reitor do Seminário San José de La Montaña;

1973 - Atuou como docente no curso de filosofia na UCA, em El Salvador;

1979 - Foi reitor da UCA de Manágua;

1984 - Foi professor de Teologia e Filosofia e coordenador do curso de Filosofia da UCA, em El Salvador.

>> Segundo Montes (1933-1989)

Segundo Montes nasceu em Valladolid, em 15 de maio de 1933. Permaneceu na cidade natal até 1950, onde realizou seus primeiros estudos e, em seguida, ingressou no noviciado de Santa Tecla, em El Salvador. Dois anos depois, concluiu o noviciado e foi enviado para Quito cursar Ciências Humanas na Universidad Católica. Ficou conhecido entre os colegas por seu desejo de compreender melhor a realidade social salvadorenha. Dedicou-se aos estudos sobre a estratificação social e os militares. Identificou ainda, na década de 80, um fenômeno curioso: a baixa do dólar, ou seja, os salvadorenhos que viviam nos EUA não tinham mais condições de enviar dólares para os familiares que residiam em El Salvador. Este fato o alertou sobre a importância da emigração salvadorenha para a economia nacional. Confira alguns aspectos de sua história.

1957 - Concluiu o curso de Licenciatura em Filosofia em Quito;

1964 - Obteve o título de Teologia em Innsbruck, na Áustria;

1957-60, 1966-76 - Desempenhou vários cargos, inclusive foi reitor do Colégio Externado de San José, em El Salvador;

1970-76 - Decano da Faculdade de Ciências do Homem, na UCA;

1978 - Concluiu o doutorado em Antropologia Social em Madri;

1978-82 - Foi chefe de redação da revista *Estudios Centroamericanos* (ECA);

1985 - Fundou e coordenou o Instituto de Derechos Humanos - IDHUCA. Pesquisou sobre direitos humanos e denunciou muitas situações de refugiados.

>> Juan Ramón Moreno (1933-1989)

Nasceu em Villatuerta, Espanha, no dia 29 de agosto de 1933. Seus primeiros estudos foram realizados em Bilbao, entre 1938 e 1943. Entrou para o noviciado da Companhia de Jesus de Orduña, em 1950, e, um ano depois, foi transferido para Santa Tecla. Estudou Ciências Humanas e Filosofia e foi ordenado sacerdote em Saint Mary's, no Kansas, EUA, em 1964. No ano de 1958, ao concluir os estudos em Quito, retornou para a Nicarágua, onde foi professor de química no Colégio Centro América de Granada, na Nicarágua.

No início dos anos 1980, Moreno participou com entusiasmo na campanha de alfabetização da Nicarágua. Também foi especialista em moral e fez uma síntese entre as ciências e a moral, unindo bioética com a moral cristã. Confira mais alguns aspectos da vida de Moreno.

1965 - Concluiu o curso de Teologia em Missouri;

1971 - Iniciou sua carreira como docente na UCA, em El Salvador;

1976-80 - Fundou e coordenou o Centro Ignaciano de Centroamérica no Panamá;

1980 - Coordenou o Instituto de Ciências Religiosas na Nicarágua;

1985 - Ensinou Teologia na UCA, organizou a biblioteca do Centro de Reflexión Teológica, supervisionou a construção do Centro Monseñor Romero.

>> Elba y Celina Ramos

Elba nasceu em Santiago de Maria, no dia 5 de março de 1947. No final da década de 1960, ela conheceu seu esposo Obdulio. Durante alguns anos, eles viveram em uma fazenda, nos arredores de Santa Tecla, El Salvador. No ano de 1973, nasceu Celina, a terceira filha do casal - o primeiro filho nasceu morto e o segundo faleceu meses após o nascimento. Até 1985, a família morou em diferentes regiões de El Salvador, sempre em busca de empregos que garantissem melhores condições de vida. Neste ano, Elba trabalhava como cozinheira na residência dos jesuítas, em Antiguo Cuscatlán, município de El Salvador. Quatro anos mais tarde, em 1989, Obdulio conseguiu um emprego como jardineiro da UCA. Ambos trabalhavam com os jesuítas e moravam numa casa recém-feita, junto ao portão de entrada da residência, na avenida Eistein, em El Salvador.

No dia 16-11-1989, Obdulio foi o primeiro a encontrar o corpo da esposa, da filha e dos jesuítas assassinados por paramilitares do Exército salvadorenho.

El Salvador. 20 anos depois do assassinato dos seis jesuítas

Para o professor de Filosofia da UCA, Héctor Samour, os mártires de El Salvador se converteram em exemplo de esperança para a sociedade salvadorenha

POR PATRÍCIA FACHIN | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Na avaliação do professor de Filosofia da UCA, Héctor Samour, os mártires de El Salvador conseguiram, com sua morte, acelerar o processo de paz, o que contribuiu para salvar a vida de muitos cidadãos. Especificamente sobre Ellacuría, assinala que “sua contribuição foi fundamental para propiciar o diálogo-negociação entre as partes em confronto no conflito armado de El Salvador e para encerrá-lo de forma racional e justa”.

Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, o filósofo faz uma retrospectiva da sociedade salvadorenha e frisa que “desde a assinatura dos acordos de paz de 1992, pode-se avaliar que muito do que Ellacuría e seus companheiros mártires promoviam em suas análises e em suas ações, como a superação do militarismo, a promoção da democracia e o respeito dos direitos humanos, teve concreções importantes”. No entanto, lamenta, as conquistas das últimas décadas em El Salvador se deram apenas no nível político. “A situação social e econômica da população é precária, aumentou o desemprego e a pobreza. Além disso, o país padece de uma crescente onda de violência delinquential que gera uma grande insegurança em todos os extratos sociais”, informa.

Héctor Samour é graduado em Filosofia pelo Departamento de Filosofia da Universidad Centroamericana José Simeón Cañas de El Salvador (UCA), mestre em Filosofia pela Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM, e doutor em Filosofia pela UCA, com uma tese sobre a estrutura do pensamento filosófico de Ignacio Ellacuría. Durante dez anos, foi decano da Facultad de Ciencias del Hombre y de la Naturaleza, da Universidad Centroamericana José Simeón Cañas - UCA. Também foi professor visitante do Swarthmore College, dos EUA, e da Universidad de Granada, Espanha. Autor de *Voluntad de liberación: la filosofía de Ignacio Ellacuría* (Granada: Comares, 2003), Héctor Samour é coordenador do Programa de Pós-Doutorado em Filosofia da UCA. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Vinte anos após a morte de Ignacio Ellacuría e seus companheiros, como avalia seu legado? Quais são, em sua opinião, as principais conquistas que Ellacuría produziu para a sociedade e a Igreja salvadorenha?

Héctor Samour - Os mártires da UCA que, devido ao seu assassinato, morreram antes do tempo, converteram-se, para muitos de nós, em exemplo, ânimo e esperança e, inclusive, motivo de celebração. Além disso, historicamente, conseguiram, com sua morte, que o processo de paz de El Salvador se acelerasse, contribuindo para salvar um grande número de vidas.

No caso de Ellacuría, sua contribuição foi fundamental para propiciar o diálogo-negociação entre as partes em confronto no conflito armado de El Salvador e para encerrá-lo de forma

racional e justa. Sua crítica às raízes do conflito, sua denúncia da repressão dos militares e da falta de liberdades no contexto de uma sociedade desgarrada como a salvadorenha, converteu-se num elemento fundamental na defesa dos direitos humanos dos fracos e excluídos.

Para a Igreja salvadorenha, a contribuição de Ellacuría pode ser resumida em duas frases: profecia e utopia. Profecia enquanto denúncia de tudo aquilo que nega os valores de reino de Deus, e utopia enquanto anúncio de uma nova sociedade e de uma nova civilização que tornem possível uma presença maior de Deus na história.

IHU On-Line - Os sonhos de Ellacuría em relação à justiça social ganharam perspectiva em El Salvador? Em que sentido o martírio dos seis jesuítas e

das duas mulheres suscitou a busca por melhores condições de vida para o povo salvadorenho?

Héctor Samour - Se olharmos em retrospectiva tudo que sucedeu em El Salvador desde a assinatura dos acordos de paz de 1992, pode-se avaliar que muito do que Ellacuría e seus companheiros mártires promoviam em suas análises e em suas ações, como a superação do militarismo, a promoção da democracia e o respeito dos direitos humanos, teve concreções importantes. As maiores conquistas nas últimas décadas em El Salvador se deram em nível político: retirada dos militares da vida política, pluralismo político, respeito dos direitos civis e políticos, especialmente da liberdade de expressão e de reunião. Certamente ficam pendentes os problemas sociais e econômicos, especialmente a

pobreza e a exclusão de grandes segmentos da população, e a desigualdade social e econômica, que são fatores importantes que incidem diretamente na conflitividade e violência social que se observa atualmente na sociedade salvadorenha.

Muito do que os mártires jesuítas promoviam com sua práxis e seu pensamento influenciou no desenvolvimento social e político em El Salvador, começando com a assinatura dos acordos de paz e o subsequente processo de democratização que se abriu a partir da década dos anos noventa. Não há agora melhores condições de vida do ponto de vista social e econômico, porém, há ao nível político.

IHU On-Line - Qual é a importância dos mártires para a Igreja latino-americana?

Héctor Samour - Os mártires continuam sendo um exemplo do que é ser uma Igreja encarnada na história concreta de um povo, buscando realizar os valores do reino em sociedades divididas e contrapostas a partir da opção pelos pobres e excluídos. Sua proposta de um cristianismo libertador continua sendo vigente em sociedades pobres como as nossas e que necessitam urgentemente de mudanças fundamentais para poder construir uma convivência social justa, democrática e ambientalmente sustentável.

IHU On-Line - Nos anos 70, a Igreja salvadorenha desempenhou uma função fundamental no despertar político dos movimentos sociais, dos camponeses e trabalhadores. Que análise você faz da conjuntura eclesial de El Salvador, 20 anos após a morte dos jesuítas?

Héctor Samour - Atualmente, a Igreja católica, especialmente a hierarquia eclesial, tendeu para a direita e abandonou o espírito profético de monsenhor Romero e dos jesuítas assassinados. Os últimos dois arcebispos adotaram posturas conservadoras e se dedicam à abordagem de temas e problemas que nada têm a ver com o que realmente se passa na realidade social salvadorenha. Temas como a proibição do aborto, o uso de anticoncepcionais e os matrimônios gays

“Os mártires continuam sendo um exemplo do que é ser uma Igreja encarnada na história concreta de um povo, buscando realizar os valores do reino em sociedades divididas e contrapostas, a partir da opção pelos pobres e excluídos”

são seus preferidos. Eles se esqueceram da opção pelos pobres e se dedicam a promover agendas de grupos católicos muito conservadores como o Opus Dei,¹ os Legionários de Cristo² e de grupos de poder econômico. Sua voz, em lugar de ser profética e concreta, de anúncio de uma nova realidade mais próxima do reino de Deus, tornou-se abstrata, isto é, sem nenhuma relação com os reais problemas de que padecem os mais pobres e excluídos, que são a maioria em nossa sociedade.

IHU On-Line - Qual é atualmente a realidade política e social de El Salvador? Existe espaço para ações em

¹ Opus Dei: prelazia da Santa Cruz e Opus Dei (em latim, *Obra de Deus*). Instituição hierárquica da Igreja Católica, uma prelazia pessoal, composta por leigos, casados, solteiros e sacerdotes. Tem como finalidade participar da missão evangelizadora da Igreja. Concretamente, o Opus Dei procura difundir a vida cristã no mundo, no trabalho e na família, a chamada universal à santidade e o valor santificador do trabalho quotidiano. Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer fundou a Opus Dei em 02-10-1928, na Espanha. (Nota da IHU On-Line)

² Legionários de Cristo: congregação religiosa de direito pontifício, fundada em 1941. Sua missão consiste em estender o Reino de Cristo na sociedade, segundo as exigências da justiça e da caridade cristã, em estreita colaboração com os pastores e os programas de cada diocese. Conta com mais de 700 sacerdotes e cerca de 2.500 seminaristas (maiores e menores de idade). Possui centros estabelecidos em 18 países, mas está presente em 30 países do mundo. (Nota da IHU On-Line)

relação com os direitos humanos?

Héctor Samour - El Salvador está sendo governado por um partido e um presidente de esquerda,³ porém numa orientação mais social-democrática muito parecida com a do presidente Lula. Os partidos de direita controlam a assembleia legislativa, e o governo do presidente Funes tem que negociar com esses partidos para poder passar leis que propiciem as mudanças de que necessita o país para aprovar os empréstimos externos e para implantar um plano anticrise que ataque a grave crise econômica. A situação social e econômica da população é precária, aumentou o desemprego e a pobreza. Além disso, o país padece de uma crescente onda de violência delinqüencial que gera uma alta insegurança em todos os extratos sociais.

Neste contexto, há espaço político para a defesa e promoção dos direitos humanos, no entanto, as instituições ainda são fracas e o contexto social e econômico dificulta a realização de ações a favor deles.

IHU On-Line - Como a experiência de Ignacio Ellacuría ajuda a pensar a criação de uma civilização melhor em termos humanos e libertadores?

Héctor Samour - Ignacio Ellacuría, há vinte anos, assinalou algo que agora se torna mais evidente: que a atual civilização do capital, a civilização ocidental, não é ética, porque não é universalizável. Sua universalização acarretaria uma catástrofe ambiental de proporções inimagináveis. Trata-se de uma civilização que está levando a humanidade e o planeta à sua destruição. Por isso é necessário, dizia ele, reverter a história, subvertê-la e lançá-la em outra direção. Ou seja, para uma nova civilização que ele chamou uma civilização da pobreza na qual a primazia não tenha o capital senão o trabalho humanizador e na qual se torne possível a satisfação das necessidades básicas para todos e o respeito e a preservação da diversidade cultural

³ Aqui o entrevistado refere-se a Mauricio Funes, presidente de El Salvador. Confira mais nas *Notícias do Dia* do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em 24-03-2009, *Nova vitória popular: Mauricio Funes em El Salvador*, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=20813. (Nota da IHU On-Line)

“A tarefa hoje é de imaginar e de construir essa civilização, porque nada nos garante que, com os dinamismos atuais, o mundo será melhor.

Necessita-se, neste sentido, de uma práxis histórica de libertação, como apontava Ellacuría”

do planeta que hoje está sendo esmagada pela globalização da cultura popular norte-americana.

IHU On-Line - Qual é a atualidade de Ignacio Ellacuría no debate filosófico contemporâneo?

Héctor Samour - Em Ellacuría, encontramos uma proposta filosófica que, sendo crítica da modernidade, não cai nas posturas conservadoras das filosofias pós-modernistas. Ele propõe enraizar a reflexão filosófica na e a partir da práxis histórica, tratando de pôr no centro da reflexão filosófica os graves problemas de que padecem as maiorias da humanidade. Neste sentido, para ele, a tarefa da filosofia é dupla: de crítica e de criação. De crítica às ideologias e ideologizações que encobrem a realidade, e de criação e de proposta de soluções aos graves problemas da realidade histórica, sobretudo daqueles que afetam as maiorias populares e os povos oprimidos.

IHU On-Line - Como o pensamento de Ignacio Ellacuría contribui para construir alternativas à crise capitalista e social?

Héctor Samour - Ellacuría desenvolveu uma crítica radical ao capitalismo há mais de vinte anos, porém é uma crítica que hoje, com a atual crise econômica e financeira, adquire uma tremenda atualidade e vigência. Os dados nos indicam que a crise atual da sociedade capitalista é profunda e que não se resolverá deixando a solução aos puros mecanismos de mercado. São necessárias soluções pós-liberais, nas quais o Estado volte a adquirir um papel preponderante, o qual havia sido negado pelo pensamento neoliberal. Além disso, é preciso assinalar a grave deterioração ecológica do planeta, provocada principalmente pelos padrões de consumo dos países ricos. Isto leva à

necessidade, já assinalada por Ellacuría, de substituir radicalmente a atual civilização por outra que seja mais equitativa, democrática e ambientalmente sustentável.

A tarefa hoje é de imaginar e de construir essa civilização, porque nada nos garante que, com os dinamismos atuais, o mundo será melhor. Necessita-se, neste sentido, de uma práxis histórica de libertação, como apontava Ellacuría: uma práxis histórica que responda aos graves problemas da realidade histórica do presente e cujos sujeitos serão aqueles que padecem dos processos alienantes e opressivos da atual civilização do capital em todo o planeta.

LEIA MAIS...

>> Sobre Ignacio Ellacuría e os mártires de El Salvador, confira outras entrevistas e informações publicadas nas **Notícias do Dia** do IHU.

- *Mártires em El Salvador: uma memória que continua forte 20 anos depois.* Reportagem de Moisés Sbardelotto. Publicada em 9-11-2009. Disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_eventos&Itemid=26&task=evento&id=278&id_edicao=342;
- *Ignacio Ellacuría - Um pensador, negociador e cristão.* Artigo de Ana Formoso, publicado na revista **IHU On-Line** número 314, de 9-11-2009. Acesse em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_destaque_semana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=1903&idedit=3;
- *Ignacio Ellacuría, um reitor assassinado. Vinte anos depois.* Entrevista com Francisco das Chagas. Publicada em 7-11-2009, nas **Notícias do Dia**. Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27288;
- *Dom Romero e tu: Carta de Jon Sobrino a Ignacio Ellacuría.* Publicamos a carta de Jon Sobrino em 28-10-2009. Acesse em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=26991;
- *Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros.* Entrevista com Hector Samour, publicada nas **Notícias do Dia**, em 16-11-2007. Disponível no endereço eletrônico http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=10728.

LEIA AS NOTÍCIAS DO DIA E A ENTREVISTA DO DIA
NO ENDEREÇO WWW.IHU.UNISINOS.BR

Em defesa da liberdade e da justiça

Na opinião de Rodolfo Cardenal, o destino martirial de Ellacuría e de seus companheiros é explicado porque se converteram em razão pública e processada da razão das maiorias salvadorenhas empobrecidas e silenciadas

POR PATRÍCIA FACHIN | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELLOTTI

“**A** vida e a morte dos mártires da UCA nos mostram o caminho para nos aproximar ao mistério de Deus e nos animam a responder com eles a pergunta que dirige à humanidade desde o começo da história: O que fizeste de teu irmão e de tua irmã?”. A reflexão é de Rodolfo Cardenal, docente de História da Universidade Centroamericana “José Simeón Cañas” de San Salvador (UCA), El Salvador. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, ele menciona a importância de recordar a vida e morte das testemunhas e assinala que mesmo sendo difícil aceitar o mistério da entrega da vida por amor, devemos compreender os mártires como “modelos dos quais estamos muito necessitados”. “São pessoas boas, que nos oferecem sua fé, sua esperança e sua generosidade e amor desmedidos. Neles, encontramos os valores fundamentais que podem nos converter à solidariedade, à compaixão e à paixão pela justiça. Neles encontramos uma possibilidade real para ser humanos”, assegura.

Esta segunda-feira, 16-11-2009, marca o vigésimo aniversário dos mártires de El Salvador e, segundo Cardenal, a cada ano, os mártires “convocam incontáveis comunidades salvadorenhas e de muitas outras partes do mundo, que se reúnem para venerá-los e agradecer pelo seu testemunho”. E conclui: “O aniversário dos mártires da UCA é o preâmbulo de um tempo forte de comemorações, um tempo para recordar e agradecer”.

Rodolfo Cardenal é licenciado em Filosofia pela Universidade Centroamericana “José Simeón Cañas” de San Salvador (UCA), El Salvador. cursou Teologia pela Faculdade San Francisco de Borja, Sant Cugat del Valles, Barcelona, Espanha. Também é especialista em História da América Central e América Latina, em particular história da Igreja. Ex-vice-reitor de projeção social, ex-vice-reitor acadêmico e ex-diretor da revista *Estudios Centroamericanos*, atua como docente na área de história, na UCA. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor descreve a dimensão humana e cristã de Ellacuría?

Rodolfo Cardenal - Mesmo que sua natureza austera, muito basca, não animava a aproximação, ele era uma pessoa muito sensível e carinhosa. Sempre, segundo ele, desde muito jovem, foi um grande lutador. Trabalhador incansável, nunca deu espaço ao desalento, sempre olhava além. Demonstrou uma enorme criatividade no campo intelectual, universitário e político. Possuía grande fineza mental, era muito crítico inclusive de si mesmo, nunca estava satisfeito com o conseguido, sempre via além e tinha capacidade para entusiasmar as pessoas que se encontravam do seu lado.

Sempre tinha algo a dizer, sempre ruminava uma ideia, sempre sugeria mais do que afirmava.

Exigente consigo mesmo e com os demais, não tolerava a mediocridade, nem a superficialidade. Era dotado de uma inteligência superior e tinha uma formação acadêmica de primeira qualidade. Ao mesmo tempo, era carinhoso e muito sensível à dor humana, principalmente dos mais frágeis. Gostava da poesia, da zarzuela [gênero lírico-dramático espanhol], do futebol e de sorvete.

Homem de fé profunda e forte, mesmo que pouco dado a manifestar isso de forma expressa. Em Dom Oscar Romero, encontrou um desafio para a sua fé.

IHU On-Line - Quais são as principais contribuições de Ignacio Ellacuría como filósofo, teólogo, politólogo e reitor da UCA na defesa dos direitos humanos em El Salvador e na América Latina?

Rodolfo Cardenal - A principal contribuição de Ellacuría no campo da defesa dos direitos humanos é ter introduzido o conceito de historização. Esse conceito é fundamental em seu pensamento teológico e filosófico. Mas aplicado aos direitos humanos, significa que estes não devem ser tratados de forma abstrata e geral, mas sim histórica. Por isso, segundo Ellacuría, o bem comum é o fundamento e o marco de referência dos direitos humanos e seu princípio de concretização e obri-

gatoriedade. Os direitos humanos desdobram o bem comum da humanidade como um todo, que deve regulamentá-los, pois não existe bem comum se sua conservação implica na violação permanente e grave dos direitos da pessoa. O conteúdo dos direitos humanos é derivado do bem comum, ou seja, da preservação da vida. Concretamente, preservar a vida significa comunicar os bens para satisfazer as necessidades básicas da humanidade. A realização do ser humano e da sociedade comunitária, portanto, são incompatíveis com o interesse privado individual.

Os direitos só são humanos quando incluem toda a humanidade, cujo único bem é universal. Consequentemente, os bens particulares devem ser entendidos como o desdobramento desse bem universal e sempre subordinados a ele. Não se pode afirmar o bem comum e a unidade da humanidade sem superar a ordem econômico-social atual, que exclui, divide e nega a vida.

Bem comum e justiça

A busca do bem comum, portanto, conduz à justiça. O autêntico bem comum e a vigência dos direitos humanos universais exigem fazer justiça aos oprimidos. Por isso, os direitos humanos são também direitos dos oprimidos, e defendê-los é uma tarefa justa. Os opressores só têm direito de ser libertados do poder para despojar os demais. Nesse sentido, a justiça é fazer-se justiça, enquanto consiste em construir o bem comum. Por outro lado, este gera os direitos que a legislação deve reconhecer e defender. Nesse sentido, para Ellacuría, defender os direitos humanos é um ativo fazer direito e fazer justiça, fazer-se direito e fazer-se justiça. As raízes dessa proposta de Ellacuría se encontram no reverso da história, e sua matriz está no povo pobre, no qual há uma utopia para se construir. A consecução do bem comum é uma utopia, que aspira a se concretizar na história.

A busca do bem universal, a partir do seu pensamento teológico, se expressa em sua teologia da libertação, principalmente no desenvolvimento

do conceito de salvação na história e história da salvação. No campo filosófico, a historização dos direitos humanos se encontra expressada em sua formulação de uma filosofia libertadora. Em seu pensamento político, esse enfoque se encontra em sua maneira de analisar a realidade salvadorenha, centro-americana e latino-americana.

IHU On-Line - Quais são as principais contribuições de Ellacuría à sociedade e à Igreja salvadorenha?

Rodolfo Cardenal - Antes da guerra civil de 12 anos, Ellacuría insistiu na necessidade e na urgência de se reali-

“Antes da guerra civil de 12 anos, Ellacuría insistiu na necessidade e na urgência de se realizar reformas estruturais, precisamente para eliminar o conflito social e, definitivamente, a guerra”

zar reformas estruturais, precisamente para eliminar o conflito social e, definitivamente, a guerra. Prova dessa insistência encontra-se em seus escritos sobre a realidade nacional salvadorenha, na direção da revista *Estudios Centroamericanos* e em suas intervenções públicas. Durante a guerra civil, ele insistiu no respeito dos direitos humanos da população civil, assim como dos direitos dos combatentes de ambos os lados, ao mesmo tempo em que trabalhou arduamente para buscar uma saída política ao conflito. Definitivamente, seu assassinato e o dos outros cinco jesuítas e das duas colaboradoras foram uma contribuição fundamental para começar as negociações que concluíram com o final da guerra civil.

Ellacuría, desde muito jovem, contribuiu com a formação de várias gerações do clero salvadorenho, no Seminário Nacional San José de la Montaña e na Universidade Centroamericana “José Simeón Cañas”. Da mesma forma, sempre se preocupou pela formação teológica dos agentes de pastoral, tanto fora quanto dentro da universidade. Para isso, montou programas especiais de formação. Acompanhou o processo da Igreja salvadorenha depois de Medellín¹. De fato, seus primeiros escritos teológicos surgem como reflexões sobre esse processo. Com frequência, ele era chamado pelos bispos para assessorar nas questões complexas, principalmente pelos três arcebispos de San Salvador com os quais conviveu, particularmente com Dom Romero. O contexto de seus artigos teológicos mais importantes encontra-se na Igreja salvadorenha. São reflexões e contribuições à experiência histórica eclesial.

IHU On-Line - Qual é a maior contribuição dos mártires da UCA para nós?

Rodolfo Cardenal - Os mártires da UCA fazem parte da tradição da Igreja salvadorenha. Em El Salvador, chama-se mártires uma multidão de testemunhas. Entre eles, encontram-se os seis jesuítas da UCA e suas duas colaboradoras. Eles convocam para rememorar e agradecer sua vida e sua morte. O aniversário dos mártires da UCA é o preâmbulo de um tempo forte de comemorações, um tempo para recordar e agradecer. Agora, celebram-se os 20 anos do martírio dos jesuítas da UCA e de suas duas colaboradoras. Em março próximo, comemoram-se os 30 anos do martírio de Dom Oscar Romero e do massacre do rio Sumpul,² em maio. Em

¹ Documento de Medellín: Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realiza-se, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembleia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da IHU On-Line).

² Massacre do Rio Sumpul: fato ocorrido em 14 de maio de 1980, em El Salvador, quando cerca de 400 camponeses foram cercados pelo

dezembro, comemoram-se os 30 anos do martírio das quatro religiosas norte-americanas, violentadas e assassinadas brutalmente. Esses mártires têm um poder de convocação muito particular. Em cada aniversário, convocam incontáveis comunidades salvadoreñas e de muitas outras partes do mundo, que se reúnem para venerá-los e agradecer pelo seu testemunho.

A memória desses mártires da justiça, no entanto, é enigmática. Por um lado, fascina e atrai a muitos. Mas, por outro, não deixa de suscitar temor, porque sempre interpela. Obriga a nos perguntarmos por que sua vida foi arrebatada, que causa defendiam e quem são os responsáveis pelo seu assassinato. Uma vez respondidas essas questões, surge outra mais inquietante, pelo que implica e por ser uma interpelação pessoal. Os mártires da justiça também perguntam como vamos dar continuidade à sua causa.

Percepções do martírio

Por isso, muitos o ignoram, apesar de ter havido muita crueldade e generosidade. Outros silenciam e ocultam as razões de seu martírio para tirar sua importância. Mas muitos, sem medo e com alegria, colocam-nos no centro de sua fé, porque sua páscoa é a atualização mais real da páscoa de Jesus. Veem que os mártires se parecem com Jesus na vida e na morte. Consideram-nos seus discípulos na compaixão diante do sofrimento humano, na denúncia profética da injustiça e na fortaleza durante a adversidade e a perseguição. Veem que sua morte é como a de Jesus, uma consequência de sua vida. Uma vida entregue até a morte. Essa é a vida que Deus ressuscita. Dom Oscar Romero é o melhor exemplo dessas três atitudes. Alguns o acusam de extremismo político. Outros reconhecem seu sacrifício, mas apresentam-no como um sacerdote bom e santo. Para a maioria do povo salvadoreño e para muitos outros, é o profeta que denunciou a injustiça e o pecado. O bispo que defendeu os pobres e as vítimas. Por isso, reconhecem-no como seu pastor até o dia

Batalhão Atlacatl. A maioria das pessoas morreu pelas feridas de bala ou afogados no rio Sumpul, na tentativa de salvar-se. (Nota da IHU On-Line)

“O destino martirial de Ellacuría e de seus companheiros é explicado porque se converteram em razão pública e processada da razão das maiorias salvadoreñas empobrecidas e silenciadas. Essa opção implica, às vezes, em compartilhar a sua morte”

de hoje. Nele, encontram confirmada sua fé e fortalecida a sua esperança. Na realidade, reconhecer esses mártires não é tarefa fácil, porque também é preciso aceitar o mistério de dar a vida pelos pobres e pelas vítimas.

Mártires como Dom Romero, os jesuítas da UCA e as religiosas norte-americanas existem porque houve vítimas às quais defenderam de seus verdugos e porque a crueldade da qual era preciso libertá-las era intolerável para a razão humana e para a fé cristã. O sofrimento das vítimas os comoveu de tal maneira que dedicaram sua vida para aliviá-lo. Nunca o relativizaram, nunca pactuaram com ele. O sofrimento das vítimas se converteu para eles em um absoluto, porque nelas descobriram Deus. Os mártires dedicaram sua vida para libertar e para salvar os demais da injustiça e da opressão. De uma perspectiva teológica, lutaram para tirar o pecado do mundo. Por isso, sua entrega é compaixão e amor, mas com a particularidade de ser também defesa da vida dos oprimidos. Neles, a misericórdia se tornou paixão pela justiça e opção radical pelos pobres e pelas vítimas. Por isso, perseguiram-nos e os assassinaram.

A vida pela salvação

Quando os colocamos do lado das vítimas, os mártires se tornam eloquentes. Revelam-nos o mistério do mal, que lhes tirou a vida, e o mistério do bem, que os seduziu. As vítimas apontam para o absoluto, para aquilo que não podemos manipular, para os famintos e para os pobres, e para Deus, que se encontra a seu lado. Portanto, os mártires não podem ser lembrados sem mencionar as vítimas, que os moveram a dar sua vida. Seria quase preciso nomear cada uma delas, sem esquecer de nenhuma. Dessa forma, repararíamos a barbárie e lhes devolveríamos sua dignidade, e também compreenderíamos por que existem os mártires. A vida e a morte dos mártires da UCA nos mostram o caminho para nos aproximar ao mistério de Deus e nos animam a responder com eles a pergunta que dirige à humanidade desde o começo da história: O que fizeste de teu irmão e de tua irmã? Eles disseram a verdade sobre a realidade salvadoreña e mundial, deram motivos para a esperança e puseram sinais concretos da presença ativa da bondade de Deus. Dessa maneira, serviram à Companhia de Jesus e à Igreja, mas, em última instância, serviram aos pobres e a Deus. Definitivamente, os mártires e as vítimas nos remetem ao mistério de Deus. O que vamos fazer para dar continuidade à sua causa, à causa dos pobres e de Deus, é uma questão em aberto.

Os mártires da UCA sempre buscaram “a maior glória de Deus”, um princípio fundamental da espiritualidade de Santo Inácio de Loyola³. Em sua busca, encontraram, assim como Dom Romero e muitos outros, que a maior glória de Deus é que o pobre viva. Por isso, em vez de se comprazer com as conquistas e os êxitos da UCA, escutaram o clamor do povo salvadoreño e se colocaram a serviço de sua libertação. Moisés⁴ acre-

³ Santo Inácio de Loyola (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, conhecida como os Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Confira o livro do Êxodo, na Bíblia. Veja, es-

dita escutar, sobressaltado, uma voz que o chama para escutar “o clamor de um povo oprimido”, que chegou até Deus. Essa voz não o convoca para admirar a grandeza e a beleza das imensas estruturas de granito que hoje nos assombam. Nelas, não se escuta nenhuma voz, nem a dos oprimidos, nem a de Deus. Fiéis ao chamado de um Deus que deseja libertar da injustiça e da opressão, os mártires se introduziram no centro da conflitividade salvadorenha. Não penetraram nela movidos pelo ódio, mas sim porque se compadeceram do povo salvadorenho. Compreenderam que se tratava de um chamado para colaborar com a sua libertação. Isso explica o alto preço que pagaram pelo seu atrevimento. Mataram-nos por transpassar o limite do permitido pelo poder injusto. Dom Romero dizia que introduzir-se no abismo da iniquidade era como tocar um cabo de alta voltagem sem nenhuma proteção.

Os mistérios da entrega

O martírio não ocorre, pois, por fazer o bem, mas sim por se introduzir no centro do conflito histórico. Ali onde se decide a vida e a morte da humanidade. Ellacuría dizia, provocativamente, que era necessário subverter a história para transformar o mal comum predominante na atualidade em um bem comum. Os mártires da UCA estavam convencidos da possibilidade de subverter a história para que os bens que eram comuns pudessem ser compartilhados por toda a humanidade. Acreditavam que a promessa libertadora de Deus poderia se realizar na história, porque já se encontra presente nela, desde a morte e a ressurreição de Jesus.

Os mártires pela justiça nos colocam diante do mistério de um amor desmedido, que entrega a vida livre, generosa e totalmente. Na causa do martírio, podemos encontrar certa racionalidade. Mas o fato mesmo de dar a vida não tem explicação satisfatória. Entregar a vida é um mistério diante do qual, como diante de todo

pecialmente, os quatro primeiros capítulos do livro do Êxodo. (Nota da IHU On-Line)

mistério, devemos guardar silêncio. No entanto, é muito difícil aceitar que haja pessoas dispostas a dar a vida e que esse mistério aconteça entre nós. A vida entregue livremente por amor torna-se incompreensível para uma sociedade em que nada é gratuito e em que sempre há interesses egoístas no meio. Às vezes, tentamos buscar argumentos, mas é inútil. O egoísmo, a arrogância e a frivolidade impedem que reconheçamos a entrega livre aos demais. Por isso, os mártires e a grandeza de sua generosidade e de seu amor são um sinal profético, que só os limpos de coração podem ver.

Mesmo quando é difícil aceitar o mistério da entrega da vida por amor, os mártires são modelos dos quais estamos muito necessitados. São pessoas boas, que nos oferecem sua fé, sua

“Uma universidade jesuíta deveria se caracterizar por um serviço incondicional à humanização de uma humanidade desumanizada”

esperança e sua generosidade e amor desmedidos. Neles, encontramos os valores fundamentais que podem nos converter à solidariedade, à compaixão e à paixão pela justiça. Neles encontramos uma possibilidade real para ser humanos. Mas essa possibilidade só é real se nos voltamos para eles, se nos deixamos iluminar por eles e se aceitamos seu desafio. Assim como o mensageiro do primeiro dia da semana de páscoa disse às mulheres que voltassem para a Galileia para percorrer o caminho de Jesus⁵, eles também nos convidam hoje a percorrer esse mesmo caminho. Sem dúvida, é difícil caminhar como eles. Mas, com eles, o caminhar junto ao pobre e à vítima

5 O entrevistado se refere ao Evangelho segundo Marcos, 16:7 (Nota da IHU On-Line).

para Deus se torna mais fácil.

IHU On-Line - Qual é a proposta de Ellacuría para criar uma civilização melhor em termos humanos e libertadores?

Rodolfo Cardenal - Ellacuría propôs uma utópica civilização da pobreza como alternativa ao mal comum. O ideal de vida dessa civilização não é a pauperização universal. A pobreza, em si mesmo, sempre é um mal. Ellacuría a usa aqui para sublinhar sua relação dialética com a riqueza. As maiorias empobrecidas são produto de uma minoria que aproveita seu poder para enriquecer. Por conseguinte, a civilização da pobreza se contrapõe a uma civilização que acumula riquezas sem escrúpulo e que esbanja com exibicionismo obscuro. Uma civilização que, mesmo com conquistas científicas, tecnológicas e culturais inegáveis, já teria dado de si tudo o que poderia dar, tal como a crise mundial evidencia. Ao mesmo tempo em que presume esses avanços, tolera o maior fracasso humano: a destruição sistemática da natureza, de grandes grupos humanos, da família e da pessoa. Nem sequer seus beneficiários imediatos se livram de seu poder destrutivo. O afã de riquezas e de poder os desumanizou e arrebatou deles o encanto e o sentido da vida. Vivem na abundância, mas vivem entediados e frustrados.

A civilização da pobreza, em troca, encontra-se do lado das maiorias vítimas do despojo e da violência. Portanto, rejeita a acumulação de capital como motor da história e a posse e o desfrute da riqueza como princípio de humanização. Em contrapartida, propõe a dignificação do trabalho como princípio dinâmico e a satisfação das necessidades básicas e a solidariedade como fundamentos da humanização. O trabalho não se orienta para produzir capital, mas sim para assegurar a satisfação das necessidades básicas da população. Assim, pois, é meio para a perfeição do trabalhador e para a auto-realização pessoal. O ideal utópico consiste em que todos e todas disponham do necessário para satisfa-

zer suas necessidades básicas e que o comum seja acessível para o uso e o desfrute de todos e todas. É o objetivo mínimo sem o qual a vida humana é impossível. Quando esse mínimo não é alcançado, a morte prevalece sobre a vida, e a humanidade se desumaniza, tal como ocorreu. Portanto, nenhuma solução à crise sistêmica do capitalismo será real sem uma ordem econômica e social que satisfaça essas necessidades de forma permanente e viável, que garanta o acesso ao comum e possibilite as condições para o desenvolvimento pessoal.

A solução não se encontra, por conseguinte, em elevar o consumo das majorias ao nível das minorias privilegiadas. Isso é impossível, porque seria preciso potencializar a produção e o emprego de maneira desproporcional, porque os recursos materiais são limitados e porque tentar fazer isso equivale ao suicídio coletivo, tal como advertem os prognósticos do meio ambiente. Assim, pois, o padrão de consumo que a minoria privilegiada desfruta à custa da maioria da humanidade e que já atenta contra a viabilidade da vida não é humano nem ético.

Pode se objetar que a primazia do comum anula a dimensão pessoal. Mas isso é, adverte Ellacuría, confundir a iniciativa privada e privatizadora com a iniciativa pessoal. A apropriação privada de algo que, por sua natureza, é social, e, portanto, comum, é uma injustiça, e todos os seus efeitos também são injustos. Distribuir o bem comum com critérios privados e interesses particulares ou setoriais, apropriar-se daquilo que pertence aos demais por meio do despojo e impedir que outros se aproveitem de algo ao qual têm direito é contrário ao bem comum e à justiça. Os bens, concretamente, os econômicos, fundamentais para a estruturação social, são um direito universal, que não compete aos indivíduos isolados, mas sim às pessoas como integrantes da sociedade. Nunca se insistirá suficientemente, diz Ellacuría, que todo ser humano tem direito a desenvolver sua própria vida, sempre e quando o exercício desse direito não suponha excluir

os outros. Em consonância com a tradição humanista e cristã, Ellacuría defende que o bem comum está acima do bem particular, e que a relação entre ambos os bens equivale à relação do todo com a parte.

A negação do bem comum

Na civilização da riqueza, ao contrário, predomina a parte sobre o todo. Pior ainda, a parte menor se impõe sobre a maior. Portanto, nega o bem comum, em benefício do bem particular. Então, este último deixa de ser bem e se torna utilidade ego-

“Não há liberdade sem justiça para todos e todas. Portanto, a busca da verdade para ser livre implica também em lutar a favor da justiça. Uma liberdade sem justiça, em geral, é o privilégio de alguns poucos que vivem na abundância e no esbanjamento às custas do despojo da maioria”

ísta. Na civilização da pobreza, em troca, todo bem particular remete ao bem comum porque, sem ele, o bem particular não é possível. Nela, predomina o todo sobre as partes. Nenhum indivíduo pode gozar de um bem se essa possibilidade é positivamente negada aos outros, concretamente, à imensa maioria da humanidade. A satisfação das necessidades de uma pessoa depende da satisfação das necessidades dos outros. A sociedade se desvirtua e se torna perversa

quando nega aos seus integrantes os recursos materiais suficientes para que todos e cada um deles satisfaça essas necessidades. Por isso, o bem próprio é alcançado com o trabalho a favor do bem de todos. Dessa maneira, o indivíduo aproveita aquilo que o bem comum lhe oferece para conseguir seu próprio bem. O bem de cada pessoa, sem excluir nenhuma, só é alcançado com a promoção estrutural do bem comum, que expressa o fim e o bem da sociedade. Assim, pois, a partir da e para a pessoa, o bem comum e o bem particular são bens pessoais.

Reestruturação do capitalismo

O critério fundamental para reestruturar o sistema capitalista é a inclusão de toda a humanidade e a satisfação de suas necessidades básicas por meio da comunicação de bens. Portanto, a busca do bem-estar de um país ou de um grupo de países está, por princípio, excluída. Pois bem, a superação da desigual distribuição dos bens comuns exige viver em pobreza, ou pelo menos em uma austeridade severa, durante muito tempo. De novo, não porque sejam valores em si mesmas, mas porque não existe outra forma de superar a exploração e a injustiça, origem de todas as dominações e antagonismos, nem de alcançar formas superiores de humanidade. As respostas concretas necessariamente serão diversas, segundo as possibilidades reais, mas todas elas devem propiciar a vida negada. As majorias empobrecidas mostram como é possível construir a utopia de uma civilização da pobreza, quando, em seu despojo, compartilham entre elas o pouco daquilo que dispõem. Sua solidariedade compartilhada cria bem comum, luta contra a morte e gera salvação.

IHU On-Line - Qual deve ser a responsabilidade sócio-política das universidades diante dos problemas sociais? Qual é a mensagem de Ellacuría nesse sentido?

Rodolfo Cardenal - Ellacuría e seus

companheiros colocaram o “mais”⁶ inaciano na realidade histórica em que a universidade se encontra inserida. Uma realidade em que predomina a pobreza massiva, irracional e injusta. Portanto, o grande problema da universidade é a vida da imensa maioria da humanidade empobrecida. Por consequência, a universidade, por sua própria natureza, deve centrar sua atividade intelectual nesse problema de sobrevivência humana. Sua contribuição é única, dada a multiplicidade de saberes que reúne em seu seio, e também necessário, porque a superação dos problemas mundiais exige saber e ciência. Por isso, é incompreensível e eticamente inaceitável que a universidade não se encarregue dessa realidade. Fazer da injustiça e do sofrimento humano o centro da atividade intelectual descentra a universidade, pois a retira de seus muros e a introduz na política, que também necessita de muito saber, ciência e ética. Assim, pois, uma universidade jesuíta deveria se caracterizar por um serviço incondicional à humanização de uma humanidade desumanizada.

A tarefa universitária deveria ser determinada por esse serviço. Quando a universidade se pergunta o que fazer, ela deve se colocar no lugar da humanidade pobre e sofredora, porque ela lhe mostrará o caminho. Quando se perguntar como fazer, a razão e a ciência a ajudarão a descobrir a verdade profunda da injustiça e da violência. Só o reconhecimento dessa realidade, o esforço para compreendê-la cada vez melhor e para formular propostas eficazes e viáveis lhe permitem descobrir sua missão libertadora. Tudo isso, sem menosprezar a excelência acadêmica. É assim como a intelectualidade universitária se encarna nas maiorias pobres, ao mesmo tempo em que permite que seu mundo penetre nela. Dessa maneira, a universidade se converte em saber e ciência daqueles que não têm voz e assume como próprios seus legítimos inte-

“Mártires como Dom Romero, os jesuítas da UCA e as religiosas norte-americanas existem porque houve vítimas às quais defenderam de seus verdugos e porque a crueldade da qual era preciso libertá-las era intolerável para a razão humana e para a fé cristã”

resses e os defende como tais.

A descoberta da verdade da injustiça e da violência nos força a pronunciar uma palavra de denúncia e a anunciar uma sociedade justa, ou pelo menos equitativa, e em paz consigo mesmo e com os demais. O dinamismo da descoberta impede que a universidade guarde para si seus achados e propostas. Como a universidade se pronuncia contra a irracionalidade positiva, que confira às pessoas e às sociedades, sua palavra adquire poder e eficácia históricas. Ao se declarar contra a irracionalidade positiva - não simples ausência de racionalidade -, sua palavra se torna beligerante e não poucas vezes, sem buscar isso, a introduz no conflito com os poderes deste mundo. O trabalho universitário, portanto, não é passividade, nem contemplação, mas sim princípio de ação histórica. O destino martirial de Ellacuría e de seus companheiros é explicado porque se converteram em razão pública e processada da razão das maiorias salvadoras empobrecidas e silenciadas. Essa opção implica, às vezes, em compartilhar a sua morte.

Missão universitária

A missão universitária, tal como Ellacuría a entendia, exige a identidade cristã - e jesuíta. Portanto, aquela não precisa ser introduzida artificialmente de fora ou de cima. A partir da perspectiva da salvação da história, a universidade e o cristianismo se propõem a libertar a humanidade da injustiça irracional e do pecado do mundo e construir uma humanidade e uma terra novas a partir dos pobres. Mas essas coincidências nem sempre são compreendidas corretamente.

A verdade e a liberdade aparecem com frequência na definição da missão de muitas universidades. Afirmam que buscam a verdade para ser livres, segundo a promessa do evangelho de João, “a verdade vos libertará” (Jo 8, 32). Sem dúvida, a verdade deve ser buscada, mas, como se encontra aprisionada pela injustiça, também deve ser libertada. Em sua carta aos Romanos, Paulo chama a injustiça de a grande repressora da verdade⁷. Isto é, não há liberdade sem justiça para todos e todas. Portanto, a busca da verdade para ser livres implica também em lutar a favor da justiça. Uma liberdade sem justiça, em geral, é o privilégio de alguns poucos que vivem na abundância e no esbanjamento às custas do despojo da maioria. Nesse caso, a liberdade é contrária à verdade. Portanto, uma universidade que busca a verdade e a liberdade deve apoiar aquelas ações orientadas a transformar as estruturas opressoras. A liberdade como autodeterminação só é alcançada por um processo de libertação gradual, pessoal e institucional, de tudo aquilo que desumaniza. A utopia da humanidade e do cristianismo é a liberdade de todos para que cada um seja livre. A credibilidade de uma universidade que fala de verdade, liberdade e justiça está em como se encarrega de seu entorno histórico.

6 Inácio de Loyola propunha o que chamava de “magis”, isto é, sempre buscar o “mais” (Nota da IHU On-Line).

7 Confira a carta de Paulo aos Romanos, 1:18 (Nota da IHU On-Line)

Teologia da Libertação ellacuriana: realização histórica da salvação

Na percepção de Francisco de Aquino Júnior, a Teologia da Libertação desempenhada por Ignacio Ellacuría estava centrada na realidade que seria transformada e na busca de mediações concretas de sua efetivação

POR PATRÍCIA FACHIN

No ano em que recordamos as duas décadas do martírio dos jesuítas de El Salvador, o teólogo Francisco de Aquino Júnior lançará, pelas Edições Loyola, um livro sobre Ignacio Ellacuría. A obra consiste na tese de doutorado apresentada na Faculdade Católica da Universidade de Münster, na Alemanha, intitulada *A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da Teologia da Libertação segundo Ignacio Ellacuría*. Em entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line, o pesquisador menciona os métodos da Teologia da Libertação, elaborados por Ellacuría, na sociedade salvadorenha e afirma que ele “ajudou a explicitar, fundamentar e desenvolver a dimensão histórico-libertadora da fé cristã”, além de desempenhar “um papel fundamental na redefinição da missão da Companhia de Jesus na América Central”.

Francisco de Aquino Júnior também compara a Teologia da Libertação desenvolvida por Ellacuría com os métodos aplicados na América Latina. Segundo ele, “diferentemente de outros modos de fazer teologia, cuja preocupação e orientação fundamentais residem na busca e “compreensão do sentido” (interpretação) das afirmações dogmáticas ou da positividade da fé, a preocupação e orientação fundamentais da Teologia da Libertação desenvolvida por Ellacuría residem na realização histórica (práxis) da salvação, isto é, do reinado de Deus”.

Licenciado em Filosofia, Francisco de Aquino Júnior é mestre em Teologia, pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - FAJE, em Belo Horizonte, e doutor em Teologia, pela Westfälischen Wilhelms-Universität de Münster, Alemanha. Atualmente, é docente de Teologia na Faculdade Católica de Fortaleza e presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte - CE. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor irá lançar um livro sobre Ignacio Ellacuría. Pode nos dar algumas informações sobre esse projeto? Qual é a motivação e a intenção desta publicação?

Francisco de Aquino Júnior - O livro será lançado nos próximos meses pelas Edições Loyola. Consiste na tese doutoral escrita e apresentada na Faculdade Católica da Universidade de Münster, Alemanha, no primeiro semestre deste ano. E trata, precisamente, do método da Teologia da Libertação¹ (TdL), tal

¹ *Teologia da Libertação*: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download no

como foi exercitado e parcialmente elaborado por Ellacuría. Ela tem como título “A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da Teologia da Libertação segundo Ignacio Ellacuría”. Duas razões fundamentais justificam, para mim, sua publicação. Em primeiro lugar, a importância e a relevância do aporte de Ellacuría à Teologia da Libertação, sobretudo no que diz respeito ao método dessa teologia: seja pela fidelidade às intuições mais originais e fecundas da Teologia da Libertação, seja pela profundidade de suas análises e reflexões, ou pela fundamentação teórica de suas posições, enfim, pelo rigor de suas elaborações teóricas. Em segundo lugar, a contribuição que esse aporte pode

link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1175543970.11pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

dar ao debate atual sobre o método da Teologia da Libertação, desencadeado pela retomada, intensificação e abrangência das críticas epistemológicas de Clodovis Boff² à Teologia da Libertação. **Clodovis Boff**: teólogo e filósofo brasileiro. É sacerdote da Ordem dos Servos de Maria e responsável pela pastoral das favelas. Doutorou-se pela Universidade Católica de Lovain (Bélgica) e é professor no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, no Rio de Janeiro, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e na Pontifícia Faculdade “Marianum” de Roma. É também membro do ISER-Assessoria. De suas obras, citamos *Teoria do Método Teológico* (4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009). Confira nas *Notícias do Dia* do site do Instituto Humanitas Unisinos, de 11-02-2009, a notícia *Teologia da Libertação: réplica a José Comblin e Clodovis Boff*, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=19894. Leia, também, “Documento de Aparecida faz a Teologia da Libertação ‘voltar ao fundamento’”, afirma Clodovis Boff, em 04-05-2008, em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=13682. Confira,

ção “realmente existente”, particularmente à teologia de Jon Sobrino³. Creio que a formulação e, sobretudo,

igualmente, a entrevista especial concedida por Boff à revista IHU On-Line, “O Documento de Aparecida é o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha”, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=481. Na edição 125, de 29-11-2004, concedeu outra entrevista à IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)

3 Jon Sobrino: teólogo espanhol, jesuíta, que em 27-12-1938 entrou para a Companhia de Jesus e em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese *Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologias sistemáticas de W.Pannenberg y J. Moltmann*. É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centro-americana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo “Cartas a las Iglesias”, além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teología Concilium. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas *Notícias do Dia*, bem como o artigo *A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*, publicada na editoria *Teologia Pública*, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da *IHU On-Line*, de 28-03-2007, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_destaque_s_emanas&Itemid=24&task=detalhes&idnot=302&idedit=10. A IHU On-Line também produziu uma edição especial, intitulada *Teologia da Libertação*, no dia 02-04-2007. A edição 214 está disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1175543970.11.pdf.pdf>. Sobre a censura do Vaticano a Sobrino, confira: *Teólogos espanhóis criticam a condenação de Jon Sobrino*, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=7821, ‘Jon Sobrino, com o tempo, será reabilitado’, afirma Ernesto Cavassa, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=7244, *Notificação a Jon Sobrino. Teólogos apelam por reforma da Congregação para a Doutrina da Fé*, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=7180, *O caso Jon Sobrino como sintoma. Um artigo de Andrés Torres Queiruga*, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=6801. (Nota da IHU On-Line)

“Levar a sério esse caráter histórico ou esse processo de possibilitação da realidade social e política no confronto permanente entre a utopia e a situação histórica concreta é fundamental para repensar e transformar a organização social e política do mundo - sem conformismo ou resignação e sem idealismo ingênuo e suicida”

a fundamentação ellacuriana do método da Teologia da Libertação ajudará, por um lado, a explicitar a densidade e a fecundidade teórico-teológicas (quase nunca explicitadas) do método teológico posto em questão por Clodovis Boff. Por outro lado, revelará os próprios limites teórico-teológicos do método boffiano, ao explicitar e confrontar seus pressupostos epistemológicos (quase nunca explicitados nem tampouco confrontados).

IHU On-Line - Vinte anos após a morte de Ignacio Ellacuría e seus companheiros, como avalia seu legado? Quais são as principais conquistas que Ellacuría produziu para a sociedade e a Igreja salvadorenha?
Francisco de Aquino Júnior - É importante não perder de vista que Ellacuría e seus companheiros estavam inseridos num contexto social (mobilização e or-

ganização populares) e eclesial (Igreja dos pobres) bem concretos e que só neste contexto pode-se compreender sua atuação e seu legado. Dito isto, pode-se destacar algumas de suas contribuições mais importantes à Igreja e à sociedade salvadorenhas: ajudou a explicitar, fundamentar e desenvolver a dimensão histórico-libertadora da fé cristã; teve um papel fundamental na redefinição da missão da Companhia de Jesus na América Central, particularmente em El Salvador, e na atuação profética de dom Oscar Romero; ajudou decisivamente a transformar a UCA (Universidade Centroamericana José Simeón Cañas) em “consciência crítica e criadora da realidade nacional” a partir das necessidades e exigências objetivas das “maiorias populares”; enquanto reitor da UCA, respaldou os processos de mobilizações e organizações populares, deu visibilidade nacional e internacional à situação de miséria, injustiça e violência que assolava o país e colocou todo o potencial humano e institucional da universidade à serviço de um processo de transformação estrutural da realidade, a partir e em vista das necessidades das “maiorias populares”; foi o maior analista sócio-político de El Salvador na década de 80 e o mediador mais importante do processo de paz no contexto de uma guerra civil que custou a vida de mais de 75 mil salvadorenhas/as; e, enfim, apressou/antecipou, com seu martírio, o “acordo de paz” que pôs fim à uma década de guerra.

IHU On-Line - Qual é a importância do pensamento de Ellacuría no fazer filosófico, teológico e social?

Francisco de Aquino Júnior - Essa pergunta exige um balanço crítico de praticamente toda produção intelectual de Ellacuría. Em todo caso, indicarei, sem maiores desenvolvimentos e com o risco de simplificação ou reducionismo, o que considero sua contribuição mais original e mais fecunda nas referidas áreas. Quanto à *filosofia*, creio que a novidade maior do aporte de Ellacuría consiste na descoberta - a partir da filosofia de Zubiri, mas para além de Zubiri - (1) da densidade metafísica da *práxis* como “princípio de

realidade e princípio de verdade em grau supremo”, e (2) da *crux* como “lugar privilegiado da verdade da história”, (3) na compreensão da *teoria* como “momento da práxis” e (4) na insistência na “função libertadora da filosofia”, enquanto “reflexão crítica, sistemática e criadora”. No que diz respeito à *teologia*, penso que (A) sua importância maior reside, para além da abordagem concreta de determinados problemas ou temas, na compreensão mesma do propósito teológico, enquanto “momento consciente e reflexo da práxis eclesial” que é a práxis do seguimento de Jesus ou da realização histórica do reinado de Deus e que (B) sua contribuição mais original e fecunda consiste na “fundamentação do método teológico latino-americano” e na nova concepção e desenvolvimento da “relação teoria-práxis” que ela possibilita: teoria como momento da práxis. Quanto ao *social*, por fim, destacaria sua insistência (1) na dimensão social da realidade humana, (2) no dinamismo e estrutura que essa dimensão social vai adquirindo historicamente, (3) nas possibilidades reais de transformação da sociedade, (4) na busca e construção de mediações dessa transformação e (5) no caráter social da comunidade eclesial e seu poder/força de intervenção social.

IHU On-Line - Em que sentido a experiência de Ignacio Ellacuría ajuda a pensar a criação de uma civilização melhor em termos humanos e libertadores?

Francisco de Aquino Júnior - Em primeiro lugar, na medida em que revela a desumanidade/crueldade/pecaminosidade e inaceitabilidade da “civilização da riqueza ou do capital”, fundada na acumulação ilimitada de bens. Em segundo lugar, na medida em que aponta utópica, ética e cristãmente para uma “civilização da pobreza ou do trabalho”, fundada na “satisfação universal das necessidades básicas” e tendo nos “povos crucificados” ou nas “maiorias populares” seu critério e sua medida permanentes. Em terceiro lugar, na medida em que mostra como esses mesmos “povos crucificados” ou “maiorias populares” e suas organizações são o sujeito por excelência (não exclusivo) dessa nova civi-

“Ellacuría não só chama atenção para a distinção entre o social e o político, mas insiste no caráter mais direto e explicitamente social da Igreja e no seu modo próprio de atuação, enquanto ‘instituição’ e ‘força’ sociais e não políticas”

lização. Em quarto lugar, na medida em que nos ajuda a perceber a necessidade de mediações práticas e teóricas - para além das boas intenções - na construção dessa civilização. Por fim, na medida em que nos alerta contra todo idealismo ingênuo (querer é poder!) e contra todo fatalismo pragmaticista (não pode ser diferente!) e nos convida a uma postura profético-realista ou realista-profética.

IHU On-Line - Que perspectiva a Teologia da Libertação latino-americana recebeu em El Salvador, com Ignacio Ellacuría? O que a difere da teologia da libertação formulada no Brasil, por exemplo?

Francisco de Aquino Júnior - Diferentemente de outros modos de fazer teologia, cuja preocupação e orientação fundamentais residem na busca e “compreensão do sentido” (interpretação) das afirmações dogmáticas ou da positividade da fé, a preocupação e orientação fundamentais da Teologia da Libertação desenvolvida por Ellacuría residem na realização histórica (práxis) da salvação, isto é, do reinado de Deus. Frente a teologias predominantemente “intelectualistas”, centradas nas ideias, no diálogo cultural, na lógica discursiva etc., a Teologia da Libertação ellacuriana é uma teologia predominantemente “realista” e praxica, centrada na realidade que

procura compreender (e não na ideia ou conceito dessa realidade) e em sua realização histórica, isto é, na busca de mediações concretas de sua efetivação (e não apenas na busca de seu sentido). E tanto no que diz respeito a problemas e temas mais explicitamente históricos (social, político, econômico etc.), quanto no que diz respeito a problemas e temas mais explicitamente religiosos/transcendentes (Deus, espiritualidade, ressurreição etc.). Certamente, há muito em comum entre a Teologia da Libertação desenvolvida por Ellacuría e as teologias da libertação desenvolvidas por outros teólogos da libertação, concretamente no Brasil. Em todo caso, parece-me que se pode identificar algumas diferenças, pelo menos de acento. Em primeiro lugar, predominou, de fato, no Brasil, em boa medida por influência de Clodovis Boff, uma concepção da Teologia da Libertação como teologia das questões sociais, políticas, econômicas etc. com o método ver-julgar-agir ou das três mediações: sócio-analítica, hermenêutica e prática; enquanto que Ellacuría não apenas reagiu explicitamente contra essa concepção reducionista da Teologia da Libertação, mas insistiu muito em que a Teologia da Libertação é uma teologia que trata da revelação e da fé cristãs em sua totalidade, tendo como “âmbito de realidade” a ser compreendido o reinado de Deus, tanto no que tem de “reinado” (realização histórica) quanto no que tem “de Deus” (transcendência), mas em sua unidade estrutural de “reinado de Deus”. Em segundo lugar, há diferenças com relação à compreensão e ao desenvolvimento do caráter praxico da teologia: seja pela compreensão do âmbito de realidade da Teologia da Libertação (sócio-política X reinado de Deus), seja pela determinação do vínculo teoria-práxis (externo X constitutivo), seja pelo caráter predominantemente hermenêutico de parte da Teologia da Libertação desenvolvida no Brasil. Em terceiro lugar, diferentemente de outros teólogos, Ellacuría, num diálogo estreito e criativo com a filosofia de Xavier Zubiri, desenvolveu muito intensa e conseqüentemente a mediação e fundamentação filosóficas de sua teologia.

IHU On-Line - Para Ignacio Ellacuría, o lugar teológico deveria ser um lugar social, ou seja, dos pobres. Nesse sentido, como as ideias de Ellacuría ajudaram a pensar um novo modelo de Igreja na América Latina?

Francisco de Aquino Júnior - Desde Tomás de Aquino⁴ e Melchior Cano,⁵ a expressão *lugar teológico* indica os diversos “domicílios” ou “sedes” onde se pode encontrar “argumentos teológicos” - “próprios” e “alheios”, “necessários” e “prováveis”. Na Teologia da Libertação, particularmente na teologia de Ignacio Ellacuría e Jon Sobrino, a expressão *lugar teológico* tem um sentido distinto. Ela diz respeito ao “mundo dos pobres e oprimidos”, enquanto horizonte, perspectiva ou ponto de vista social, a partir de onde se lê e se interpreta, inclusive, as distintas “fontes” ou “sedes” ou “domicílios” de argumentos da teologia. Essa nova concepção de lugar teológico é fundamental tanto para orientar positivamente o propósito teológico (destinatário privilegiado e lugar fundamental de historicização ou verificação) quanto, negativamente, como princípio ou critério de sua desideologização (revelação de sua verdade ou falsidade). E isso tem sérias implicações na configuração da vida eclesial, na medida em que a teoria teológica, de alguma forma, orienta a práxis eclesial numa ou noutra direção (oprimido X opressor) e a crítica, (des)legitimando-a, precisamente a partir ou em vista da direção tomada (a quem, de fato, serve?). Uma teologia feita a partir e em vista dos pobres e oprimidos ajuda enormemente a configurar e a dinamizar, evangelicamente, a Igreja como “Igreja dos pobres”.

4 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae*, a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

5 Frei Melchior Cano (1590-1560): teólogo espanhol, entrou na Ordem dos Pregadores no convento de Salamanca. (Nota da IHU On-Line)

“Enquanto Igreja de Jesus Cristo, ela tem a ver essencial e constitutivamente com Jesus de Nazaré e sua missão: realização histórica do reinado de Deus, cuja característica fundamental é a justiça aos pobres e oprimidos deste mundo”

IHU On-Line - Em que medida a teologia defendida por Ignacio Ellacuría nos faz repensar a organização social e política mundial?

Francisco de Aquino Júnior - O que dizia há pouco sobre a construção de uma nova civilização, vale, em boa medida, para a questão da organização social e política do mundo. Só retomaria e enfatizaria duas questões que considero centrais no pensamento de Ellacuría e que, teologicamente falando, diz respeito, precisamente, à salvação da história. Por um lado, sua insistência em manter, de modo consequente, a tensão entre a “utopia como horizonte” e o “profetismo como método”. Trata-se, aqui, de um “contraste crítico do anúncio da plenitude do reino de Deus [utopia] com uma situação histórica determinada [profetismo]”. Por outro lado, sua insistência no caráter histórico da realidade social e política; entendendo por histórico, na linha de Xavier Zubiri, o processo permanente de “apropriação e criação de possibilidades”. “Possibilidades” não significam, para Zubiri e Ellacuría, aquilo que, em princípio, seria possível, mas aquilo que num determinado momento é acessível (está ao alcance da mão) e realizável. Nem tudo é possível em qualquer momento ou lugar (querer não

é sem mais poder), mas algo sempre é possível e, na efetivação desse possível, pode-se ir tornando possível o que antes era ou parecia impossível. Levar a sério esse caráter histórico ou esse processo de possibilitação da realidade social e política no confronto permanente entre a utopia e a situação histórica concreta é fundamental para repensar e transformar a organização social e política do mundo - sem conformismo ou resignação e sem idealismo ingênuo e suicida.

IHU On-Line - Que relações o senhor estabelece entre teologia e política? Como Ignacio desempenhou, na prática, essa relação nos anos 80, em El Salvador?

Francisco de Aquino Júnior - Por um lado, a política é uma dimensão constitutiva e essencial do reinado de Deus. Seja ela entendida num sentido mais amplo de vínculo ou nexos social (sociedade), seja ela entendida num sentido mais restrito de organização e regulamentação da vida coletiva (Estado-governo). De uma forma ou de outra, deve ser configurada segundo o dinamismo do reinado de Deus, cujo critério permanente são as necessidades e os clamores das “maiorias populares” ou dos “povos crucificados”. E nesse sentido diz respeito muito centralmente à vida e à missão da Igreja e, conseqüentemente, a seu momento intelectual-teórico que é a teologia. Por outro lado, a política tem um dinamismo próprio, exige mediações próprias e tem sujeitos diversos que extrapolam enormemente o âmbito e as possibilidades de ação da Igreja e que devem ser respeitados. De modo que se a política diz respeito diretamente à vida e à missão da Igreja (na medida em que efetiva/possibilita ou nega/impossibilita *objetivamente* a realização histórica do reinado de Deus), sua efetivação não é tarefa direta e imediata da Igreja (enquanto comunidade eclesial), pelo menos se considerada no sentido mais restrito de Estado-governo. Neste contexto, Ellacuría não só chama atenção para a distinção entre o social e o político, mas in-

“Ellacuría sempre insistiu na prioridade absoluta que devem ter os pobres/oprimidos e suas necessidades materiais, bem como na importância de favorecer e apoiar, criticamente, suas lutas e organizações”

siste no caráter mais direto e explicitamente social da Igreja e no seu modo próprio de atuação, enquanto “instituição” e “força” sociais e não políticas. Certamente, interfere no âmbito mais estritamente político, mas o faz socialmente, isto é, como instituição e força sociais.

IHU On-Line - Qual a relevância cristológica e eclesiológica de Ellacuría?
Francisco de Aquino Júnior - Na verdade, Ellacuría não desenvolveu uma cristologia. A esta tarefa, dedicou-se de modo especial Jon Sobrino, com quem Ellacuría estava profundamente sintonizado, sobre quem também exerceu enorme influência e em quem reconheceu “qualidade teológica”, “eficácia transformadora” e “ortodoxia”. Em todo caso, insistiu muito em alguns aspectos ou pontos decisivos do discurso cristológico: (1) a vida de Jesus de Nazaré como “chave” ou “princípio fundamental” da cristologia, para além da oposição simplista e ingênua entre o “Jesus histórico” (re)construído pelas ciências históricas (*historischer Jesus*) e o “Cristo da fé” testemunhado pelas escrituras (*geschichtlicher biblischer Christus*); (2) o reinado de Deus como realidade central e decisiva na vida de Jesus de Nazaré; (3) o caráter histórico da morte de Jesus no duplo sentido de “porque morre Jesus e porque matam Jesus”; (4) a unidade estrutural da vida, morte e ressurreição de Jesus - o ressuscitado é o crucificado e o crucificado/ressuscitado não é outro senão Jesus de Nazaré que viveu em função do reinado de Deus.

Quanto à eclesiologia, destacaria duas questões. Uma primeira questão diz respeito à identidade da Igreja. Enquanto Igreja de Jesus Cristo, ela tem a ver essencial e constitu-

tivamente com Jesus de Nazaré e sua missão: realização histórica do reinado de Deus, cuja característica fundamental é a justiça aos pobres e oprimidos deste mundo. Neste sentido, ela se constitui, fundamentalmente, como “Igreja dos pobres”; tem nos pobres e oprimidos deste mundo seu “autêntico lugar social”. Certamente, a identidade da Igreja não se reduz a ser “Igreja dos pobres”; mas essa é uma de suas notas ou características essenciais. E a explicitação e fundamentação teológicas desse aspecto, nota ou característica da Igreja de Jesus Cristo foi um dos ou o aporte eclesiológico mais importante de Ignacio Ellacuría. Uma segunda questão tem a ver mais diretamente com a ação evangelizadora ou pastoral da Igreja. E, aqui, Ellacuría sempre insistiu na prioridade absoluta que devem ter os pobres/oprimidos e suas necessidades materiais, bem como na importância de favorecer e apoiar, criticamente, suas lutas e organizações.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo que não foi questionado e considera importante?

Francisco de Aquino Júnior - Simplesmente manifestar minha esperança de termos um dia alguns dos escritos de Ignacio Ellacuría traduzidos no Brasil. Dentre os grandes teólogos da libertação da primeira geração, Ellacuría é praticamente o único que nunca foi traduzido entre nós, salvo alguns verbetes no Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo (São Paulo: Paulus, 1999) de Floristán Samanes e Tamayo-Acosta. Quem sabe a celebração dos 20 anos do martírio de Ellacuría impulse tal empreendimento.

ESPAÇO DE ESPIRITUALIDADE II: “ENCONTRO COM A PALAVRA”
 (EAD). INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

Ignacio Martín-Baró e a psicologia da libertação

Na opinião de Sol Yañez, as celebrações dos mártires de El Salvador são importantes para recuperar a memória histórica e para garantir que fatos como este não voltem a acontecer

POR PATRÍCIA FACHIN | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Ignacio Martín-Baró, jesuíta e ex-vice-reitor da UCA, foi assassinado aos 47 anos, e não teve tempo de vislumbrar os rumos que suas pesquisas sobre a psicologia da libertação poderiam tomar. Ele defendia uma psicologia própria para cada país que interagisse com as maneiras de sobrevivência dos excluídos. Seu legado, vinte anos após o martírio, continua vigente, garante Sol Yañez, coordenadora do Fórum Internacional Martín-Baró, em entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line. “Ele se aprofundou no estudo dos grupos, do trauma psicossocial e animou a criação de redes de conhecimento, de redes sociais e de ações a favor de uma psicologia libertadora”, menciona. Sol Yañez é professora da Universidad Centroamericana José Simeón Cañas de El Salvador (UCA). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quem foi Ignacio Martín-Baró e qual sua participação nos conflitos sociais na década de 80, em El Salvador?

Sol Yañez - Ignacio era jesuíta espanhol, nacionalizado salvadorenho. Psicólogo social e vice-reitor acadêmico da UCA no momento de seu assassinato. Ele estudou os conflitos sociais e políticos na época da guerra e trabalhou junto aos mais excluídos, junto à população civil, a partir de uma psicologia da libertação.

IHU On-Line - Em que consiste a psicologia da libertação de Ignacio Martín-Baró? Quais são suas fontes de inspiração e sua contribuição fundamental?

Sol Yañez - As fontes da psicologia da libertação bebem da Teologia da Libertação, já que era companheiro de Ignacio Ellacuría, e as duas disciplinas se dão numa mesma época. Em seu centro, está a opção preferencial pelos pobres. A partir disso, Martín-Baró defende uma psicologia própria de cada país, contextualizada, que reúna o sentir e as maneiras próprias de sobrevivência dos excluídos, das maiorias populares. Sua contribuição fundamental foi pôr, no centro, as vítimas, os excluídos, e dar-lhes o re-

“Vinte anos depois, continua-se falando das ideias e do legado de Martín-Baró porque ele deu sua vida por seus ideais, e isso causou, no povo salvadorenho, um grande impacto e dor”

conhecimento como pessoas capazes de ter ferramentas de sobrevivência e maneiras que a psicologia deve recolher e valorizar. Ele percebeu que a estrutura desumanizante torna as pessoas doentes, e por isso é importante atendê-las a partir da libertação dos próprios métodos da psicologia e a partir do lugar das maiorias populares.

IHU On-Line - Qual foi o impacto da psicologia da libertação na realidade social, política e cristã da sociedade salvadorenha?

Sol Yañez - Assassinaram Martín-Baró

aos 47 anos, quando estava em pleno trabalho de criação de conhecimento e comunicando as bases da psicologia da libertação, não lhe dando tempo de ver os impactos disso. No entanto, lançou uma semente que outras pessoas recolheram e, nos dias de hoje, 20 anos depois, seus delineamentos continuam vigorando.

IHU On-Line - Em que sentido a psicologia da libertação, na perspectiva de Ignacio - Baró, apontou alternativas para enfrentar situações de violência em El Salvador?

Sol Yañez - Seu olhar era direcionado à estrutura, e não à pessoa violenta. Para ele, sem desideologização, sem ir à base e à raiz da trama das relações sociais, não se podia avançar numa sociedade com um tecido social sadio. Ele modificou o olhar sobre a origem da violência, dando a esta um sentido mais estrutural e amplo. Isso se constituiu numa grande contribuição, de modo que, sanando a estrutura, se conseguia sanar os indivíduos e ter relações mais humanas.

IHU On-Line - Vinte anos depois do martírio, as ideias de Ignacio-Baró e a psicologia da libertação ainda refletem na sociedade e na Igreja sal-

vadorenha? Como isso acontece?

Sol Yañez - Vinte anos depois, continua-se falando das ideias e do legado de Martín-Baró porque ele deu sua vida por seus ideais, e isso causou, no povo salvadorenho, um grande impacto e dor. Além disso, as causas das quais ele falava como fatores de violência estrutural continuam vigentes: a pobreza, a impunidade, a linguagem da violência.

IHU On-Line - **Que espaço a psicologia da libertação ocupa diante da realidade do inconsciente, dos desafios sociais e da resiliência?**

Sol Yañez - A psicologia da libertação ocupa os espaços dos contextos das realidades de cada país, suas lutas, seus acontecimentos, suas resistências, fortalezas e, sobretudo, o espaço das vítimas de violações de direitos humanos.

IHU On-Line - **Como a senhora descreve o legado de Ignacio Martín-Baró? Qual é sua atualidade no sentido de investigar a realidade social e política de El Salvador, além de gerar ações práticas neste sentido?**

Sol Yañez - O legado de Martín-Baró continua vigente. Ele se aprofundou no estudo dos grupos, do trauma psicossocial e animou a criação de redes de conhecimento, de redes sociais e de ações a favor de uma psicologia libertadora. Sua análise da sociedade e da época da guerra, desde a polarização, a mentira institucionalizada, as estruturas de poder, as relações sociais aberrantes que desumanizavam, continuam vigentes em El Salvador de hoje, um dos países mais pobres e violentos da América Latina.

IHU On-Line - **Qual é a importância de recordar e celebrar a memória dos mártires? Como eles e todas as vítimas nos chamam, hoje, à libertação?**

Sol Yañez - A importância é recuperar a memória histórica, para que não volte a ocorrer nunca mais. Não podemos esquecer que se cometeu um crime contra a humanidade ao assassinar pessoas cuja contribuição era essencial para um mundo melhor, e também que vinte anos depois esse assassinato continua impune.

Entrevista da Semana

Fundamentalismo ateu deslocou debate para dinâmica política

Profetas do novo ateísmo querem banir cristãos, igreja e comunidade dos debates públicos, e politizam o debate, que carece de nível e fundamentação. Organização do movimento é quase eclesial, um verdadeiro paradoxo, assinala João Vila-Chã

POR MÁRCIA JUNGES

O problema do ateísmo é legítimo, mas as discussões de hoje, diferentemente daquelas entabuladas nos séculos XVIII e XIX, carecem de nível e fundamentação. Há um deslocamento do debate, transformado numa dinâmica política, o que é inaceitável, adverte o filósofo português João Vila-Chã. Referindo-se aos profetas do novo ateísmo, como Richard Dawkins e Michel Onfray, o jesuíta acentua que o debate sobre o tema não avançou. Pelo contrário: houve apenas um reforço de posições de ambos os lados. “O ateísmo tem se tornado cada vez mais militante e com organização quase que eclesial, o que não deixa de ser um paradoxo”, afirmou na entrevista que concedeu pessoalmente à **IHU On-Line**. “Penso que os representantes do ateísmo estão dando uma prova que não me parece muito consistente, porque transformam a militância atea em programa de agressão muito clara”. O objetivo final desse pensamento é expulsar os cristãos, igreja e comunidade dos debates públicos que definem questões relativas à cidadania. Vila-Chã explica, ainda, que não se trata de um fundamentalismo da razão, e sim um fundamentalismo ateu: “a razão nunca pode ser fundamentalista”.

Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa (UCP), obteve o Diplom-Hauptprüfung (Katholischer Theologie), na Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen em Frankfurt am Main, Alemanha, com a tese *Theologie und Kirche: Erik Petersons Program ‘konkreter Theologie’*. É doutor em Filosofia pelo Boston College, com a tese *Amor intellectualis? Leone Ebreo (Judah Abravanel) and the intelligibility of love*. É diretor da *Revista Portuguesa de Filosofia* desde 2000, leciona Filosofia da Religião e História do Pensamento Contemporâneo na UCP, na Faculdade de Filosofia e na Universidade Gregoriana de Roma. Entre inúmeras outras atividades, foi diretor do Centro de Estudos Filosóficos dessa Faculdade (2001-2007), e é, atualmente, o diretor do Programa Integrado de Mestrado e Doutorado em Filosofia da Religião na UCP.

Ele esteve na Unisinos participando da Jornada Argentino-Brasileira de Estudo de Kierkegaard, apresentando a conferência O significado de crise em dialética: a recepção crítica de S. Kierkegaard no pensamento de Erik Petersen. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as grandes discussões entre filosofia analítica e filosofia continental hoje, na Europa?

João Vila-Chã - O debate entre filosofia analítica e continental é antigo não apenas na Europa, mas nos EUA, e tem muita força sobretudo nos últimos anos. Na Europa, penso que o problema fundamental não é o debate ou a rivalidade em diversos níveis, principalmente da distinção conceitual e epistemológica entre filosofia analítica e continental. O grande problema na Europa agora é o lugar da filosofia no contexto da cultura europeia em relação à sua posição histórica. Outra questão é o sistema universitário do saber em função do futuro dessa cultura e da contribuição que a filosofia europeia pode dar para esse mesmo desenvolvimento cultural. Assim, penso que, na Europa, uma das características básicas de nosso mundo cultural, a nível filosófico, é uma grande diversidade. A situação em Portugal é uma, na França, outra, na Espanha também, assim como no Reino Unido ou Alemanha. Permanece, de fato, o sentido de uma corrente que diz que o desenvolvimento da filosofia, o valor e a percepção desta como um modo específico de saber, no futuro, deveria orientar-se pela filosofia analítica. Há outros que dizem que a filosofia transcendental, fenomenológica, hermenêutica em geral, a abordagem histórica da filosofia, permanece intacta em suas pretensões. Este debate não terá uma solução no sentido de que uma corrente vença a outra. Pessoalmente, embora reconhecendo o valor e importância da filosofia analítica, penso que o valor cultural da filosofia, pelo menos na Europa, passará, necessariamente, por uma reafirmação da “velha” filosofia continental. Isso porque essa filosofia responde de uma forma mais profunda, e talvez mais completa, às grandes questões como sobre o sentido da vida, da existência dos seres humanos.

IHU On-Line - Em que aspectos essa ciência pode apontar luzes para a crise civilizacional que vivemos?

João Vila-Chã - Hoje não se pode fazer filosofia de uma forma separada, desconectada daquilo que chamo de crise estrutural da cultura humana. Quando

falamos de pensamento metafísico ou pós-metafísico, modernidade e pós-modernidade, estamos falando de designações que nos ajudam a compreender o que se passa em nossa cultura, em nosso mundo e em nosso tempo. Mas, para além disso, estamos falando de algo mais profundo, que é esta realidade que experimentamos através do pensamento, ou experiência social, da inserção da realidade sócio-econômica, sócio-política e cultural de nosso mundo, uma situação, no meu entender, de crise. Essa crise não é apenas da economia. A crise da economia é apenas um epifenômeno de uma outra muito mais profunda - a crise da orientação do ser, do mundo e da vida. É aqui que vejo, precisamente, o lugar da filosofia e seu caráter imprescindível. A Filosofia, nesse contexto, tem a provocação de fazer despertar os re-

“Hoje não se pode fazer filosofia de uma forma separada, desconectada daquilo que chamo de crise estrutural da cultura humana”

curso humano que o espírito tem para sair de uma situação desse tipo. Contudo, penso que se trata de uma crise epocal e, certamente, passageira.

A filosofia tem o papel de despertar esse potencial de criatividade, reflexão e imaginação que nos ajuda, no âmbito globalizado universal da sociedade humana, a despertar cada ser humano e indivíduo. É uma tarefa comum, mas que implica o compromisso de cada sujeito, cada pessoa como ser capaz de pensar e de se orientar através dos recursos que o espírito lhe dá. O papel da Filosofia no contexto de uma sociedade pós-metafísica se dá como o saber, a disciplina, capaz de fazer despertar a dinâmica e os recursos do espírito humano. Independentemente da crença, ou não, em Deus, a filosofia é chamada a fazer esse despertar nas

gerações do tempo presente para essa coisa extraordinária que é a capacidade de ver o sentido mais profundo, longínquo e essencial que a vida tem.

IHU On-Line - Em outra entrevista à nossa revista, o senhor manifestou sua contrariedade quanto aos profetas do ateísmo, que fazem do “problema Deus” um problema de ciência. Como está este debate atualmente?

João Vila-Chã - O debate não avançou muito. A única coisa que avançou, ou se desenvolveu de ambos os lados, foi um reforço das posições. Esses autores de orientação ateísta têm sido capazes de criar uma rede de colaboração surpreendente na história dessa matriz de pensamento. O ateísmo tem se tornado cada vez mais militante e com organização quase que eclesial, o que não deixa de ser um paradoxo.

Surgem, também, respostas de bom nível. Entretanto, basicamente, o problema continua o mesmo. A questão do ateísmo, em si, traduz um eixo de desenvolvimento da cultura europeia, e a incapacidade de um grande diálogo fica exposta. Penso que os representantes do ateísmo estão dando uma prova que não me parece muito consistente porque transformam a militância ateia em programa de agressão muito clara. Essa agressão tem a ver com a tentativa de não debater o assunto com os crençistas, acolhendo as razões do outro. Tais autores têm um objetivo que deixa de ser teórico para ser claramente prático. Esse objetivo é fazer com que a religião, sobretudo o cristianismo, desapareça do espaço público. Ninguém se atreve a dizer às pessoas que elas não têm direito de ter a sua fé, mas sim de ter sua fé e expressá-la em público. Deduzem da fé consequências inevitáveis que são estruturantes do ato de fé, sobretudo o ato de fé eclesial, em função da vida pública. Do ponto de vista teórico, o grande problema é que o debate cada vez acontece menos, porque não há uma capacidade de enfrentamento dialógico, de argumentar ao nível das razões. Há como que um desperdiçar da oportunidade de debate, da potência argumentativa da razão. Isso me preocupa muito.

Além disso, preocupa-me aquela ten-

dência mais ou menos clara de criar uma dinâmica de exclusão da posição crente, sobretudo cristã. Ao Islã, por exemplo, o “ataque” é muito mais sutil, principalmente em função do perigo do revide do fundamentalismo islâmico. Assim, o grande alvo de ataque é o cristianismo. Quer-se reprimir a presença do cristianismo na sociedade.

No século XVIII e XIX, houve um grande debate sobre o ateísmo. Essa discussão era de altíssimo nível. Hoje, diferentemente, há um deslocamento do debate, transformando-se numa dinâmica política, muito problemática, e que eu acho inaceitável. Não podemos pactuar com essa dinâmica porque ela busca expulsar os cristãos enquanto cristãos, a Igreja enquanto comunidade, dos grandes debates públicos que definem as questões relacionadas com a cidadania. Nesse sentido, penso que a evolução desse debate não tem sido positiva. Não se trata de um debate científico, a nível das ideias, mas um debate político e, no fundo, sectário. As duas posições têm comportamentos sectários sem possuir justificação intelectual e teórica. O problema do ateísmo, em si, é um problema legítimo e estimulante intelectualmente. Mas ele se torna um debate político, e isso tem consequências graves e sérias porque deixa as pessoas muito confusas.

IHU On-Line - Então o próprio termo “fundamentalismo da razão” não se sustenta porque se baseia numa autocontradição... Partindo dessa constatação, quais são as principais limitações dessa forma de pensar?

João Vila-Chã - A própria ideia da qual partem esses autores, de monopolizar uma ideia de razão, que é extremamente pobre, é uma concepção de razão que já nem sequer é a razão e a ciência do nosso tempo, mas os conceitos de 100 ou 150 anos atrás. Esses autores do ateísmo contemporâneo tentam arrastar-nos a um momento cultural e do desenvolvimento de mais de um século atrás. Esse é um dos fatores pelos quais há um desnível de debate. Tais autores, de fato, não têm coerência de fundo em relação ao seu pressuposto de defender a razão por todos os meios. Eles usam determinado entendimento da razão para atacar as razões que os outros têm, mas

“É um pensamento que nos remete para a dimensão mais originária do próprio pensar”

que eles não querem. É por isso que eu afirmo que o debate está deturpado. A razão é uma característica fundamental que nós temos enquanto seres humanos, seja para quem crê nela como um dom divino ou como um fato dado. Refuto a ideia, inclusive, de que esse ateísmo é um racionalismo, porque é feito em nome de uma determinada razão, limitada na história, no tempo e, sobretudo, em função de sua própria autocompreensão. É uma razão que se compreende dum modo muito minimalista. Ora, não há nada que justifique epistemologicamente de que tenhamos que ser minimalistas diante da razão. O verdadeiro fundamentalismo acaba sendo o ateu. Não há interesse num diálogo verdadeiro. Reitero que se trata de um fundamentalismo ateu, e não um fundamentalismo da razão, porque a razão nunca pode ser fundamentalista. O problema é uma má compreensão do conceito da razão.

IHU On-Line - Qual é a atualidade de Kierkegaard¹ para pensarmos o indi-

¹Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus y J, Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da IHU On-Line, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158346362.52pdf.pdf>. A edição 314 da IHU On-Line, de 09-11-2009, tem como tema de capa *A atualidade de Soren Kierkegaard*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1257800291.6407pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

víduo em conexão com a alteridade? O senhor vê aproximações do pensamento do dinamarquês com Lévinas,² por exemplo?

João Vila-Chã - Kierkegaard tem um grande impacto na cultura europeia. É um autor genial com o qual temos muito a aprender através de seu pensamento crítico. Seus escritos são multifacetados, e sua interpretação não pode ser feita literalmente. Tanto para a filosofia quanto para a teologia, Kierkegaard tem uma importância fundamental. O primeiro aspecto dessa importância é o fato de ser um mestre do pensamento crítico que não se deixa dominar pelas evidências do tempo presente. É um pensamento que nos remete para a dimensão mais originária do próprio pensar. Por outro lado, é também um autor que, pelas temáticas múltiplas de sua obra, nos ajuda a compreender alguns dos problemas do qual toda a filosofia está prenhe, como o problema da questão do ser, por exemplo. Para debater esses tópicos, Kierkegaard se vale de expedientes de enorme atualidade e profundidade, nos ajudando a compreender o que significa viver.

Outro aspecto que destaco é o fato de Kierkegaard ser um pensador que nos ajuda a pensar a individualidade e a subjetividade ao mesmo tempo. Com esse pensador, atingimos um dos momentos mais elevados na história do pensamento da subjetividade. Eu diria, inclusive, que ele pode ser considerado o profeta da subjetividade e da nossa autocompreensão. Basta pensarmos que, tantos anos após sua morte, continuamos a debater suas ideias com profundo interesse e com a consciência das nossas próprias limitações em função da imensidão de sua obra. Kierkegaard nos ajuda a nos compreendermos não apenas como realidade já dada, mas como realidade proléptica, que se abre para o futuro,

² Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo e comentarista talmúdico lituano, naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, conferir a edição número 277 da IHU On-Line, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1224014804.3462pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

para o devir, para nossas possibilidades. Atribui-se a ele a criação de uma ontologia do futuro, da abertura. Seu objetivo mais elementar é ajudar-nos a compreender aquilo que somos não em função do pensar ou das determinações fáticas da nossa história, mas tendo em conta projetar a realização humana num futuro que não pode deixar de lado a liberdade, a abertura.

Kierkegaard e Lévinas aparentemente são incompatíveis, pois vêm de matrizes diversas, inclusive teológicas. Kierkegaard, um pensador aparentemente da individualidade, do sujeito, da subjetividade, pensa em termos de relação. Lévinas é um pensador do ser em comunhão, do sujeito em relação. Isso nos dá a impressão de que temos dois modelos diferentes da ontologia da subjetividade. Entretanto, penso que os dois autores são mais próximos do que se imagina. A heterologia típica de Lévinas converge com a categoria da relação, de Kierkegaard. Aquilo que, aparentemente, são conteúdos diversos, com Kierkegaard parecendo afirmar o indivíduo, e Lévinas afirmando o outro, é, na realidade, uma concepção limitada. São dois testemunhos profundos de que não há modo de pensar o ser humano, sujeito e subjetividade que não seja um pensar da relação e da comunhão do ser.

IHU On-Line - Em que medida Kierkegaard subverte o conceito tradicional de Igreja e, por outro lado, inspira o fortalecimento da fé e da busca pela transcendência?

João Vila-Chã - Essa questão toca o cerne da problemática da fé em Kierkegaard. Primeiramente, devo fazer uma reserva. É muito difícil delimitar esse autor, pois seus textos são de difícil compreensão e porque estamos longe de entender verdadeiramente o alcance das implicações hermenêuticas, da estratégia que implantou em sua obra, como o recurso aos pseudônimos, por exemplo. Kierkegaard é um crítico da Igreja instituição, especificamente aquela à qual pertencia, a luterana dinamarquesa. O que o motiva, diz, é fazer despertar a Igreja para a sua verdadeira essência. Seu objetivo, assim, não é destruir a Igreja,

“A heterologia típica de Lévinas converge com a categoria da relação, de Kierkegaard. Aquilo que, aparentemente, são conteúdos diversos, com Kierkegaard parecendo afirmar o indivíduo, e Lévinas afirmando o outro, é, na realidade, uma concepção limitada. São dois testemunhos profundos de que não há modo de pensar o ser humano, sujeito e subjetividade que não seja um pensar da relação e da comunhão do ser”

atacá-la, mas despertá-la para sua vocação.

Contudo, aquilo que predomina em Kierkegaard, para usar uma linguagem tributária a Derrida,³ é submeter a ideia de Igreja a uma desconstrução.

³ Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158265374.73pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

Ele critica e desconstrói a instituição com o objetivo de fazer com que essa acorde para seu verdadeiro papel e sentido.

Contudo, saliento que em Kierkegaard essa eclesiologia é deficiente, porque não me parece articular a necessidade teológica da Igreja como uma necessidade estruturante e constituinte do próprio pensamento. A sua relação crítica à Igreja é uma relação de exterioridade, e não de interioridade. Ele critica a Igreja a partir de fora, em nome da fé. Portanto, Kierkegaard é, ao mesmo tempo, uma benção, mas um corrosivo.

Uma crítica salutar

Concordo com Paul Ricoeur,⁴ que classifica Kierkegaard como um mestre da suspeita, que nos ajuda a atravessar o muro da indiferença. A crítica que faz à cristandade é a crítica que faz a um estado de coisas na qual a palavra de Cristo, o Evangelho, não penetra. Isso é mesmo uma crítica necessária. Em perspectivas diferentes, Kierkegaard faz o mesmo que Nietzsche⁵ fez em relação à

⁴ Paul Ricoeur (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na IHU On-Line 49ª edição, de 24-02-2003, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161289883.57pdf.pdf> e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161289805.13pdf.pdf>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria Memória sobre Ricoeur, em função de seu falecimento. Confira o material em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158266847.13pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158266308.88pdf.pdf>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/>

Igreja. Esses autores nos obrigam a repensar aquilo que somos, ou aquilo que dizemos ser. Assim, Kierkegaard é um autor cristão muito importante que nos faz confrontar com a seiva, com a vida que todo aquele que se quer cristão tem que atravessar.

Criticando a Igreja, Kierkegaard faz um grande serviço a ela. Ele ajuda a ver a razão de ser da instituição. Assim, é um autor que funciona como “médico da alma cristã”. Ele submete o cristianismo a uma espécie de terapia constante. O lado sombrio desse pensador tem a ver com aquilo que é o perigo de todo pensamento crítico: não criticar-se a si próprio, não fazer autocrítica. Entretanto, Kierkegaard tem um nível autocrítico bastante elevado. Temo que o problema, na verdade, não esteja no autor, mas em nós, que lemos seus escritos tantos anos depois. O perigo é nos esquecermos de que esse pensamento está movido por uma dinâmica que é aquela da abertura do ser individual que se vê a si próprio não como senhor e dono de si, mas como crente de uma comunhão, de uma inserção num todo. Nesse pensamento, ainda bem, Kierkegaard continua muito hegeliano.

Precisamos tomar cuidado para não fazer com os escritos de Kierkegaard a concretização do dito popular alemão de que jogamos fora a água que serviu para dar banho no bebê com este junto. Uma crítica exasperada ao cristianismo pode fazer com que isso aconteça.

1158346362.52pdf.pdf. A edição 15 dos CADERNOS IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1184009658.17pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

LEIA MAIS...

>> João Vila-Chã já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Ela está disponível na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br)

* *A fúria do ateísmo contemporâneo tem caráter quase religioso*. IHU On-Line número 245, *O novo ateísmo em discussão*, de 26-11-2007, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=836

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA WWW.IHU.UNISINOS.BR

SIGA O twitter DO IHU



twitter Login Join Twitter!

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Hey there! **_ihu** is using Twitter.

Twitter is a free service that lets you keep in touch with people through the exchange of quick, frequent answers to one simple question: What are you doing? **Join today** to start receiving **_ihu's** tweets.

Join today!
Already using Twitter from your phone? [Click here.](#)

_ihu

Começa hoje Ciclo de Estudos em EAD Veblen e o comportamento humano. Um século de "Teoria da Classe Ociosa" <http://migre.me/5IZQ>

about 5 hours ago from web

"Nosso horizonte é erradicar a fome no Brasil em 2015", afirma Patrus Ananias em entrevista ao jornal El País.

Name IHU
Location Brasil
Web [http://www.unisinos...](http://www.unisinos.br)

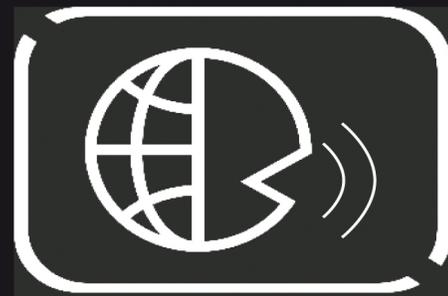
39 following 162 followers

Tweets 656

Favorites

Following

http://twitter.com/_ihu



A era da convergência digital: Melhores condições para financiamentos ou avanços na qualidade das informações perpassadas

Falar em convergência de mídias pode parecer um planejamento do futuro ou possibilidades para serem alcançadas, vislumbrando o que há de vir com a televisão digital. Porém, ela já vem acontecendo.

POR MAIRA BITTENCOURT*

A abordagem da convergência procede acerca das questões que integram redes, como a informática, as telecomunicações, o ramo da produção de informações e o audiovisual. Convergência é um conceito antigo que assume novos significados; ela refere-se a um processo, e não a um ponto final.

Envolve as transformações da maneira de produção, transmissão e também de consumo dos produtos comunicacionais. Refere-se também ao processo de penetração de uma mídia em outras. Sendo assim, desde as primeiras experiências de Internet isso ocorre.

Outras mídias apropriaram-se da web como forma de manter audiên-

cia e aumentar vendas. Cabe pensar a Internet como espaço de interação e mediação entre os vários campos que coexistem nas sociedades. O jornal impresso, por exemplo, apareceu na rede, primeiro, adotando as suas características tradicionais, porém sendo *online*. Contudo, com o passar do tempo, necessariamente acumulam especificidades. Na questão comercial, a repetição dos modelos também acontece, ele leva para *web* os mesmos padrões de negociações obtidas na versão de papel. A assinatura, publicidade e até mesmo o sistema de classificados passam a coexistir na Internet. Entretanto agregando valores, e não sendo uma troca, pois as versões impressas continuam.

* Jornalista, mestranda em Ciências da Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa CEPOS (apoiado pela Ford Foundation). Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas. E-mail: <maira_bittencourt@hotmail.com>

Com os outros meios de comunicação também ocorre dessa maneira. Isso porque, através da Internet, os produtos comunicacionais podem tomar dimensões mundiais, tanto para quem assiste como para os investimentos. O que se apresenta é uma tendência ao global nos diversos níveis de interesse, por exemplo, econômicos, políticos e sociais, visto que gera maior tempo e probabilidade de aplicações por parte empresarial, tanto pela facilidade e mobilidade como pela audiência espalhada por horários variados.

A Internet é o exemplo clássico de convergência, entretanto, outros meios de comunicação estão incorporando - e a cada dia mais -, em suas rotinas de trabalhos, outras mídias. É comum ligar a televisão e ouvir referência a algum *site* ou jornal impresso, porém, atualmente, o processo de convergência vem sendo ainda mais profundo.

Parece ter virado rotina o programa Fantástico, da TV Globo, exibir os vídeos mais visitados na *web* durante a semana. Diversos audiovisuais, de amadores e profissionais, chegam ao programa dominical como uma experiência que chamou atenção nos últimos dias. A estratégia adotada é que a partir dos materiais captados se apresente a temática e aprofunde o assunto. Uma maneira de não deixar de mostrar aquilo que anda fazendo sucesso em outros veículos de comunicação.

Contudo, como, muitas vezes, os conteúdos desses vídeos têm baixo grau de interesse, são agregados aspectos para torná-los mais atrativos.

No último domingo, o programa exibiu o vídeo sucesso de acessos no portal Terra, durante a semana anterior, em que Peter Hitchener, um jornalista australiano, aparece na bancada do jornal das 18 horas do Canal "9 News" em Melbourne, quando é surpreendido por um pássaro andando na imagem de fundo do telejornal que é capturada por uma câmera externa dedicada à captura de imagens panorâmicas da cidade.

Uma gaivota gigante foi motivo de 69.905 acessos no portal e, conseqüentemente, a televisão seguiu a onda. Para atrair mais as atenções, além da exibição do material, o programa televisivo mostrou como aconteceu o fato. Dando enfoque à produção televisiva com a utilização de *Croma Key* (tecnologia capaz de trocar um cenário de cor sólida por imagens captadas) e percorrendo sobre o estilo de lente utilizada naquela filmadora (a grande angular) que amplia o campo de visão e permite captar imagens panorâmicas devido ao aumento do ângulo da lente e à distância focal o que, nesse caso, deu um efeito gigantesco ao pássaro que passou muito próximo da máquina.

É a convergência entre televisão, Internet e novamente televisão. Um

exemplo, entre tantos outros de como vem ocorrendo esse processo. Todavia, vale o questionamento do quanto ele favorece a difusão audiovisual. Em outras palavras, de que maneira essa tecnologia disponível para convergir meios vem auxiliando no processo de divulgação de fatos ou de melhorias em favor do telespectador?

A convergência, por vezes, é motivada principalmente pelo valor do capital. Em busca da garantia de telespectadores e, por conseqüência, de financiamento para seus produtos, os veículos buscam se inserir em mercados diversos. É como uma busca incessante pelo que chama mais atenção. Se os olhares estão para Internet, não basta lutar por esse espaço, vale também incorporá-lo na rotina antes estabelecida. Quando o programa busca trabalhar em cima de um vídeo que teve quase 70 mil espectadores, ele busca garantir também a sua audiência para continuar contando com seus financiadores e dessa forma garantir seu posto.

Não me refiro a um problema que venha acontecendo, mas a um ponto de reflexão. Há uma tendência em pensar que o tecnológico traz mais condições para a produção informacional, entretanto, nem sempre esse é o fator condicionante, vale pensar no motivo gerador da produção para compreender as questões abordadas.



CEPOS
grupo de pesquisa
PPG - Ciências
da Comunicação
Unisinos

IV Seminário de Pesquisa Cepos

04 de dezembro (sexta-feira) das 08:30 às 18:00

Mini-auditório Pedro Pinto - Centro 3 - Unisinos

Evento aberto e gratuito - vale horas complementares

Mais Informações: www.grupocepos.net

Patrocínio:

Capes

Fapergs

Fundação

Ford

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 09-11-2009 a 14-11-2009.

Computação verde: um movimento que é de todos.

Entrevista com Sílvio Cazella

Confira nas Notícias do Dia de 09-11-2009

“Computação verde implica em como trabalhar o que produzimos em questão de dispositivos, hardwares, de modo que eles consigam ser reaproveitados, remanejados e reciclados facilmente”, explica o professor de informática.

Os piratas brasileiros.

Entrevista com o Partido Pirata

Confira nas Notícias do Dia de 10-11-2009

“Hoje, a pirataria é uma espécie de antídoto à propriedade intelectual”, afirmam os membros do Partido Pirata do Brasil.

“Existe uma filosofia na Airbus e na TAM: nada substitui o lucro”.

Entrevista com Dário Scott

Confira nas Notícias do Dia de 11-11-2009

“É duro para nós estarmos lá quase todos os meses, mas se não fizermos nada, amanhã cai outro avião”, diz o presidente da Associação dos Familiares das Vítimas do voo JJ3054 da TAM - Afavitam.

Direitos autorais e Creative Commons.

Entrevista com Sérgio Branco.

Confira nas Notícias do Dia de 12-11-2009

“Vivemos hoje uma expansão gigantesca do conhecimento, e o Creative Commons estimula as pessoas a licenciarem suas obras e a legalizar aquilo que a sociedade vem fazendo à margem da lei: a cópia integral de obras sem autorização do autor”, afirma o professor.

A relação entre novas tecnologias da informação e a teoria do valor-trabalho.

Entrevista com Henrique Amorim

Confira nas Notícias do Dia de 13-11-2009

“Toda a ciência e tecnologia, introduzidas no universo dos processos de trabalho, cumprem o papel não apenas econômico de valorização do capital, mas também político de ampliação do controle dos coletivos de trabalho”, afirma o sociólogo.

Twitter: a revolução em 140 caracteres

Entrevista com Alex Primo

Confira nas Notícias do Dia de 14-11-2009

Microblog criado em 2006, o Twitter é uma das ferramentas virtuais de maior popularidade no mundo. Ele permite que seus usuários enviem e leiam atualizações pessoais de outros contatos de forma simples e rápida - os textos de cada mensagem não podem passar de 140 caracteres. O pesquisador Alex Primo abordou as principais contribuições da ferramenta para a comunicação atual.

**Leia as Notícias do Dia em
www.ihu.unisinos.br**



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

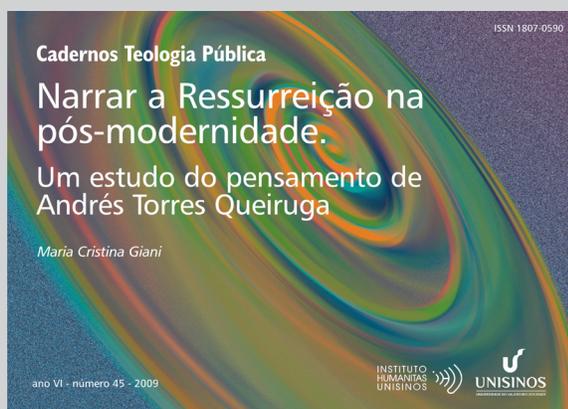
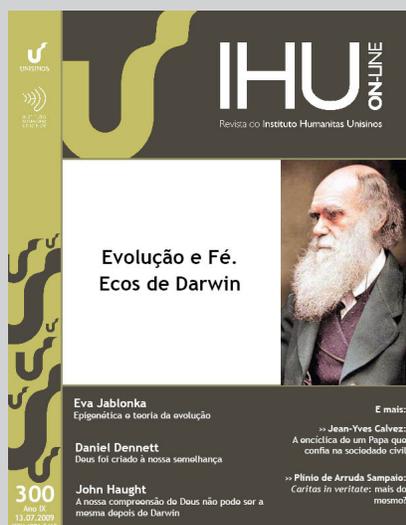
IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU
(www.ihu.unisinos.br).

Dia 16-11-2009
<i>Espaço de Espiritualidade II: “Encontro com a Palavra” (EAD)</i> Etapa 4: Encontro com a Misericórdia
Dia 17-11-2009
<i>Fórum sobre Indicadores Socioeconômicos e Políticas Públicas: realidades e possibilidades para o Vale dos Sinos - Módulo II</i> Lucia Garcia - Sistema PED e Prof. Dr. Walmir Pereira - Unisinos Indicadores Socioeconômicos e a realidade das Populações Indígenas e Afrodescendentes no Vale do Rio dos Sinos
Dia 19-11-2009
<i>IHU Ideias</i> Prof. Dr. José Rogério Lopes - Unisinos IHU Ideias - Agenda Mundial das Políticas Sociais e o Fórum Social Mundial 2010
Dia 21-11-2009
<i>Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2009</i> Prof. Dr. Aloísio Ruscheinsky - Unisinos Sociedade sustentável e fundamento ético de uma consciência planetária Conceito de desenvolvimento. Redefinição de necessidades básicas. Biodiversidade. Dimensão espiritual da ecologia
Dia 22-11-2009
<i>Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2009</i> Prof. Dr. Pedro Kramer - ESTEF Tema Bíblia: Projeto de uma sociedade sem exclusão

Participe dos eventos do IHU

A programação completa está
disponível no endereço eletrônico

www.ihu.unisinos.br

Christoph Theobald

POR GREYCE VARGAS E JULIANA SPITALIERE | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Teólogo jesuíta, autor da obra, em dois volumes, *Le christianisme comme style (O Cristianismo como estilo)*, Paris: Cerf, 2007, redator-chefe da revista *Recherches de science religieuse* e colaborador na revista *Études*, Christoph Theobald foi influenciado pela educação familiar cristã e pela experiência com os descrentes a ingressar na religião. Em uma época em que ainda considera a Igreja como demasiadamente abstrata, sonha com as mudanças na estrutura eclesial e em privilegiar a comunidade em sua vivência cristã ou humana concreta. “A Igreja precisa atuar terra a terra, bem próxima da comunidade em sua vida cristã real. Penso que Deus dá a cada comunidade aquilo de que ela necessita para viver e disso decorre que se aborde a complexidade do ministério na vida da Igreja”, afirma. Ao participar do Simpósio Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica, Christoph Theobald concedeu entrevista à **IHU On-Line** sobre sua trajetória, seus posicionamentos, medos e sonhos.

Primeiros movimentos

Christoph Theobald nasceu em Colônia, na Alemanha, e lá realizou seus estudos secundários, primeiro em um seminário, depois na Universidade de Bonn. Foi para a França em 1970, onde começou seus estudos no Instituto Católico de Paris, optando pela teologia. Lá, conheceu os jesuítas e ingressou na Companhia de Jesus em 1978. Formado em teologia, foi nomeado professor de Teologia Sistemática, ensinando essa ciência desde 1980.

Durante a infância, vivenciou de perto as durezas da Segunda Guerra Mundial. O pai provinha de uma família de agricultores. A mãe era pianista. A família sofreu muito neste período: Theobald perdeu dois irmãos nos bombardeios, e a mãe sobreviveu miraculosamente. O encontro com a descrença em Deus foi algo que o marcou profundamente durante os estudos secundários. A experiência foi bastante dura. “Éramos apenas dois ou três que acreditavam em Deus e praticavam a religião e, preocupados com isso, procurávamos então saber por quê”, lembra Theobald.

A religião sempre esteve presente

em sua vida. O pai era católico, e a mãe, luterana. “Dessa forma, a educação recebida em casa me marcou bastante, mas tive também um encontro muito forte com os não crentes”, frisa. Apesar ter uma educação católica tradicional, encontrou-se de forma contrastante com pessoas que não acreditavam em Deus.

A escolha pelos jesuítas

Segundo Theobald, foram essas duas influências que o conduziram à Companhia de Jesus: a educação familiar cristã e a experiência perturbadora com os descrentes. Outro aspecto também contribuiu para a decisão. Fazendo seus estudos de teologia, teve a bela experiência do encontro com a teologia de São Paulo. “Ele foi, para mim, a figura bíblica que me identificou com a verdade do Evangelho. É, sem dúvida, um grande teólogo e, na França, encontrei-me com a amplitude e grandezas de seu pensamento. Isso me marcou profundamente”, afirma.

Sobre o senso de perfeição, Theobald diz que, no estilo da perfeição cristã, a coisa mais importante é a disponibilidade. “Amo muito a dimensão da abertura

interior ao sobrenatural, ao que se situa além do mundo exterior. É preciso maravilhar-se com aquilo que vem do alto, e esta disponibilidade precisa ser muito bem trabalhada”, ressalta Theobald.

O medo e a teologia

O problema, para o teólogo, está em cada um se dar conta em sua vida sobre o que é este medo e o que realmente incute medo. Em sua vida, ele fala sobre o medo no campo teológico. “Temo a demasiada acomodação na Igreja, a falta de audácia no anúncio do Evangelho. Um sério problema é que, numa sociedade como a nossa, os temas da religião se tornaram demasiado abstratos, faltando demais a proximidade com o povo, com as pessoas em sua vida real. Temo que a Igreja perca essa proximidade. Sem isso, as pessoas perdem o gosto do encontro com o Outro”, conta.

No campo pessoal, Theobald teme não ser suficientemente humano no testemunho da fé, no trabalho com as pessoas em sua diversidade. “É preciso saber converter. Isso é difícil e é justamente a fé que ajuda a vencer este medo e a dar corajosamente o próprio testemunho” destaca.

Sonhos

Muitos sonhos circundam a vida de Theobald. Entre eles está o de transformar seu prazer em elaborar um amplo trabalho em teologia sistemática, ao qual dedicará o decurso de sua vida. O nó desta tendência apareceu em sua conferência. “Pretendo buscar a maneira correta de passar esta teologia sistemática de maneira mais plena, mas abrangente. O título até já está esboçado. Seria: ‘A santidade como mistério do mundo’. E este sonho é muito particular. É direcionado à Igreja da França”, revela.

Segundo ele, a estrutura eclesial precisa mudar, já que a Igreja ainda é demasiado abstrata e fica totalmente distante do povo. Para ele, precisamos urgentemente privilegiar a comunidade em sua vivência cristã ou humana concreta. “A Igreja precisa atuar terra a terra, bem próxima da comunidade em sua vida cristã real. Penso que Deus dá a cada comunidade aquilo de que ela necessita para viver e disso decorre que se aborde a complexidade do ministério na vida da Igreja” afirma Theobald.

A política francesa atual

Com relação a Sarkozy, o teólogo diz que há uma incrível defasagem entre as promessas feitas pelo atual governo, e o que realmente tem sido realizado deixa muito a desejar. Além disso, ele explica que a grave crise econômica foi, inicialmente, sobretudo bancária, mas se transformou num sério problema econômico, político e social. Sua superação, segundo ele, exige um esforço duríssimo e é muito difícil administrar essa crise. Outra questão muito séria para Theobald é o endividamento que põe perigosamente em jogo as gerações futuras. “Sarkozy fez muitas promessas, iniciou com muita rigidez, mas não está conseguindo dar a volta por cima, gerando um clima generalizado de insatisfação. Não está aparecendo a figura equilibrada do político. Ele é, em todo o caso, um homem de direita”, critica.

IHU Repórter

Laércio Antônio Pilz

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Uma pessoa que gosta de construir relações e ampliá-las. Assim é Laércio Antônio Pilz, professor do núcleo de Humanismo Social Cristão da Unisinos. “A vida tem que ser alegre”, diz ele, que sugere a eficácia de uma “filosofia das entrelinhas”, que consegue chegar ao coração dos alunos. Casado, pai de um casal de jovens, esse professor empolgado com suas tarefas e o ambiente universitário, conta, entre outros, episódios de sua vida, como aquele em que, mesmo sendo colorado, assistiu ao primeiro jogo de futebol ao vivo no Olímpico. Confira.



Origens - Sou natural de Santa Clara do Sul, próximo a Lajeado, mas logo depois do meu nascimento, mudamos para Campo Bom, onde morei até os 11 anos. Meu pai sempre trabalhou com o comércio. Minha mãe era costureira. Somos cinco filhos, três homens e duas mulheres. Sou colorado, mas assisti o primeiro jogo de futebol no Olímpico, porque o padre da Igreja onde eu era coroinha era gremista e o prêmio para os coroinhas era assistir um jogo de futebol. Lembro até hoje: Grêmio X Botafogo.

Aos 11 anos eu fiz a opção de ingressar no internato São João Maria Vianey, em Bom Princípio, onde permaneci por um ano. Como pertencia a uma família católica tradicional, pensava em ser padre. Depois, fiquei cinco anos no Seminário São José, em Gravataí (onde lembro que cheguei a ser eleito presidente do Grêmio Estudantil), e cursei mais três anos de Filosofia, em Viamão. Durante esse período que permaneci no seminário, cantei em corais e visitava várias comunidades do inte-

rior, onde cantávamos e jogávamos.

Eu estudava Filosofia, mas adorava Literatura e visitava a biblioteca para ler os livros de literatura universal. De alguma forma os conceitos da Filosofia eram revisitados pela Literatura. Ao concluir a filosofia, passei a me questionar sobre a minha vocação e decidi retornar para a casa dos meus pais.

Trajatória Acadêmica e Profissional - Com 20 anos, fiz um concurso para trabalhar no Banco Nacional. Como houve um problema no encaminhamento da minha prova, atrasou o chamado para essa atividade. Nesse mesmo tempo, um vizinho de Campo de Bom, diretor de uma escola comunitária, me convidou para atuar como professor. Não era o que tinha pensado em fazer como profissão, mas como o salário era maior que o do Banco, que nesta mesma época me chama, aceitei. Neste ano também entro na Unisinos como aluno para cursar algumas disciplinas no Curso de Direito, inicialmente, e depois mais algumas

no Curso de História. Em 1984 fiz uma especialização na área (de Metodologia e Supervisão Escolar) escolar de supervisão. Começo a encarar a atividade de lecionar História e Geografia como algo mais vivo. No decorrer do tempo, passei a dar aulas em escolas estaduais e municipais.

Em 1984, conheço a Marlene, minha esposa, na época, professora de Português. Em 1985 começamos a namorar e no final do mesmo ano nos casamos.

Em 1986, o professor José Wilson Schlickmann, meu colega numa escola em Campo Bom, me avisou que a Unisinos estava procurando professores. Como eu tinha especialização, me candidatei à vaga e em 1989 ingressei na universidade. Lembro que o professor Benno Dischinger participava na Banca e, ao final, assumi uma disciplina de Antropologia do Básico. Nesse período, tinha 40 horas de trabalho na rede estadual e mais umas 25 na Escola Particular. Quando surgiu a oportunidade de cursar o mestrado em Educação na Unisinos, ingressei como aluno especial e depois como permanente. Acabei assumindo mais turmas na universidade e deixei de ser professor do Estado. Em 1996, concluí o mestrado na área de Educação, discutindo como lidamos de forma redutora e dinâmica com os fatos e conceitos históricos.

No final de 1998 assumo mais horas na Unisinos e em 1999 começo o doutorado, em que vou discutir pedagogias redutoras e potencializadoras dos conceitos. Neste ano me tornei professor com dedicação integral à Unisinos, largando a escola particular. Mudamos para São Leopoldo.

Humanismo - A discussão sobre a perspectiva da formação humanista na Unisinos vem de longa data. Sempre acreditei que a formação humanista tem um caráter por excelência integral e transdisciplinar. Quando a universidade propõe isso, eu, como leitor e pesquisador de pensadores que pensam a multiplicidade e a complexidade, não consigo separar a formação humanista desses conceitos. Percebo isto com o carro chefe de um

**“Tenho um
relacionamento
especial com minha
esposa e com os meus
filhos, com quem
constantemente estou
aprendendo. Tento
conectar as teorias de
Deleuze, por exemplo,
com a minha relação
com eles”**

exercício universitário acadêmico.

Durante um longo período vinha trabalhando junto ao eixo de formação antropológica e mais recentemente, Cláudio Gutierrez,¹ ao assumir a Coordenação do Humanismo, solicitou que assumisse como coordenador adjunto os eixos de formação antropológica e ética. Penso que atualmente, o aluno que não tiver uma formação humana e ética mais densa e consistente, terá dificuldades de inserção profissional qualitativa.

Casamento e filhos - Sou casado há 24 anos com minha esposa, Marlene Klaus Pilz. No mesmo ano em que eu entrei na Unisinos, “nós” engravidamos. A Luísa tem 19 anos. Depois veio o Rafael, que tem 8 anos. Foram duas gestações complicadas, porque já no sexto mês de ambas a Marlene tinha que ficar em repouso. Gosto muito de ajudar nas atividades da casa, como comida e arrumação.

Tenho um relacionamento especial com minha esposa e com os meus filhos, com quem constantemente estou aprendendo. Tento conectar as teorias de Deleuze, por exemplo, com a minha relação com eles. Parto da ideia de que a intensidade dos afetos

é que vai fazer a diferença no amor e na aprendizagem. As pessoas aprendem mais com o sentido, o significado dos afetos, do que com o discurso abstrato. Isso não impede que se façam os discursos, porque afinal somos seres que falamos, mas as palavras “devem fazer sentido - sentir-se”.

A Marlene se aposentou como professora em função de sérios problemas de audição. Ela tem um problema genético de otosclerose em que o estribo do ouvido fica calcificado, não fazendo mais a vibração que permite transmitir sons. Fez cirurgia (implante) nos dois ouvidos e, além disso, desenvolveu o Mal de Menière. Ela escuta com dificuldade. Eu já aprendi a lidar com isso, e nos comunicamos bem. Mas a Luísa tem mais dificuldade em se comunicar com a mãe. Digo sempre que é um novo aprendizado.

Personalidade - É dolorido falar de si mesmo. Quero estar nos espaços e gosto de pensar que haja mais “oxigênio” para dialogar, para que esses diálogos possam ser bem abertos. Sou uma pessoa aberta, resisto em xingar as pessoas, chamar sua atenção. Tento fazer um caminho diferente: faço um exercício de aproximação e tensão. A vida tem que ser alegre - alegria como força maior (Clément Rosset), como experiência de ampliação, alargamento (Luc Ferry) do que pensamos e fazemos na relação com os fatos.

Autor - Do ponto de vista da filosofia, menciono Deleuze. Do ponto de vista da literatura, Dostoiévski.² Também gosto de Tolstói, um autor que oferece uma certa alternativa de esperança cristã. Enxergo essa perspectiva como possibilidade (paradoxal) de encontro das obras destes dois autores.

Livro - Um livro fundamental na minha trajetória foi *Diferença e Re-*

² Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*. (Nota da IHU On-Line)

¹ Leia a história de vida do professor Cláudio Gutierrez na IHU On-Line número 311, de 19 de outubro de 2009. (Nota da IHU On-Line)



>> LAÉRCIO COM A FAMÍLIA. NA FOTO AO LADO, COM O FILHO RAFAEL



petição, de Deleuze.¹ Esse livro “me quebrou”. Na primeira vez que o li, pensei que o autor estava me “pregando uma peça” devido à complexidade da linguagem utilizada. Na segunda vez, comecei a compreender seus conceitos. *Mil Platôs*, escrito por Deleuze em parceria com Félix Guattari, também me marcou profundamente. *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, deixou marcas profundas na fase da juventude.

Filme - *Sociedade dos poetas mortos* é um filme bastante marcante para mim.

Lazer - Gosto de futebol e gostava de jogar, inclusive. Pa-rei de jogar por meados dos 30

anos, por causa de problemas nos joelhos. Também tocava violão e gostava muito de Simon e Garfunkel. Quando Elvis morreu, foi impactante escutar à noite, num documentário, sua interpretação de Bridge Over Troubled Water. Kleiton e Kledir e Elton John são outros cantores que gosto.

Sonho - Construir relações e ampliá-las. Continuar a chegar em casa e alegrar-se com a esposa, os filhos e os afazeres “domésticos”. Gostaria que os alunos percebessem que o conhecimento pode lhes dar a capacidade de serem mais sutis com a forma de lidar com a vida e as pessoas. Também sonho em escrever um livro “academicamente alegre”.

Unisinos - Sempre gostei de estar aqui. É um lugar de coisas boas, mesmo que, em certas circunstâncias, a Unisinos tenha passado por momentos difíceis. Compreendo a Unisinos como um lugar no qual o conhecimento é pensado por pessoas comprometidas.

É uma universidade que preza pela excelência. Uma Instituição que tenta compreender os novos tempos que vivemos e como seus cursos podem ser viáveis sem perder a consistência acadêmica. Há poucos dias uma turma de Engenharia da Computação convidou-me para ser paraninfo. Isso alegrou-me muito e causou surpresa também, na medida em que não sou professor específico da sua área de formação. Através disso vejo a importância que existe numa “filosofia das entrelinhas”, que transcenda a tradicional e consiga, através de exercícios conceituais significativos, chegar ao *coração* dos alunos.

Instituto Humanitas Unisinos - É um verdadeiro atacado de produção e saberes. Fico me perguntando sempre em como cruzar linhas entre o IHU, a Universidade, escolas e outros setores da sociedade civil. Estamos engajados, a Coordenação do Humanismo, em desenvolver melhor esta aliança. É um belo desafio.

¹ Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bér-gson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outras. (Nota da IHU On-Line)

Mártires em El Salvador: 20 anos depois

Vinte anos não foram suficientes para apagar da memória o terrível assassinato de seis padres jesuítas, a funcionária da residência e sua filha de 15 anos, no dia 16 de novembro de 1989, no jardim da comunidade jesuíta da Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas (UCA), em El Salvador.

Na madrugada daquela quinta-feira, Ignacio Ellacuría, reitor da UCA; o vice-reitor, Ignacio Martín-Baró; o diretor do Instituto de Direitos Humanos da UCA, Segundo Montes; o diretor da biblioteca de teologia, Juan Ramón Moreno; o professor de teologia Amando López; o fundador da universidade, Joaquín López y López, todos jesuítas; a funcionária Elba Ramos e sua filha Celina foram fuzilados a sangue frio no campus da UCA.

Paramilitares do Exército salvadorenho invadiram a residência dos jesuítas deliberadamente para matar aqueles que incomodavam a ditadura, no rastro do assassinato de outro jesuíta, Pe. Rutilio Grande, amigo próximo de Dom Óscar Arnulfo Romero, arcebispo da capital, San Salvador, que também foi fuzilado enquanto celebrava a missa.

Para reforçar essa lembrança e celebrar a importância desse martírio para o contexto latino-americano, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU irá exibir o debate *Memory and Its Strength: The Martyrs of El Salvador* [A memória e sua força: Os mártires de El Salvador], que irá ocorrer no Boston College, nos Estados Unidos, no dia 30 de novembro. Nesse encontro, o filósofo norte-americano **Noam Chomsky** e o jesuíta, teólogo e co-fundador da UCA, **Jon Sobrino** - que, no dia do massacre, estava fora de El Salvador -, irão debater sobre a importância dessa memória, mediados pelo jesuíta e reitor emérito do Boston College, **J. Donald Monan**.

A exibição no IHU, traduzida ao português, irá ocorrer no dia 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos, em um evento que está sendo especialmente preparado para lembrar o aniversário do martírio dos jesuítas de El Salvador. Nessa data, como homenagem póstuma da Unisinos, a atual sala de eventos do IHU - 1G119 - será reinaugurada como Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros.

